Diário de Lisboa

Janeiro 1978
terça-feira
17

ANO 57.º
n.º 19 558
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

EANES ESPERA AMANHÃ RESPOSTA DE SOARES

PS decide esta noite se governará com CDS

Socialistas e comunistas voltaram hoje a reunir

Delegações do PCP (Carlos Brito, Carlos Costa, Domingos Abrantes) e do PS (Jaime Gama, António Reis e Jorge Campinos) reuniram-se ao fim da manhã de hoje em S. Bento, depois da Comissão Política do Partido Comunista ter ontem proposto o reatamento das negociações interrompidas na sexta-feira por decisão dos socialistas.

Este encontro antecede a reunião desta noite da Comissão Nacional do Partido Socialista, que deverá decidir da eventual constituição de um Governo com o CDS ou da devolução a Belém da incumbência feita a Mário Soares para tentar formar novo Executivo. Alternativamente e ainda que duvidoso poderá aquele órgão, o segundo mais importante do PS, recomendar um prolongamento das negociações interpartidárias.

Qualquer destas soluções será amanhã comunicada por Mário Soares ao Presidente da República.

Ontem, enquanto Álvaro Cunhal e Sousa Franco se deslocavam a Belém, Mário Soares reunia em S. Bento com os ministros cessantes na sua maioria não-membros da Comissão Nacional e com os negociadores socialistas, recebendo ainda o presidente em exercício do PSD. Como já havia sucedido sábado, na reunião do Secretariado Nacional, o encontro com os ministros e negociadores registou algumas vozes contrárias a uma solução PS-CDS. Contudo, das declarações finais de Jaime Gama, dirigente nacional do PS e negociador em foco, infere-se que tem fortes probabilidades de prevalecer uma opção de direita. Isto pelo menos se a reunião PS-PCP, que prosseguia ao fecho desta edição, não alterar a situação (o que não é previsível, acentue-se).

Fontes «centristas» mostravam-se hoje optimistas quanto ao desfecho deste processo, que se arrasta desde a queda do I Governo Constitucional, há cerca de 40 dias. Para o CDS desenha-se a possibilidade de fazer ascender ao Governo alguns dos seus mais destacados dirigentes, abrindo-lhe perspectivas de — pela primeira vez desde o 25 de Abril — fazer executar a sua política em importantes sectores que poderão ir da Indústria aos Assuntos Sociais. E isto acontecerá inevitavelmente a despeito das «boas intenções» do Partido Socialista quanto à natureza da sua «direcção» do Executivo: quer pela inviabilidade da pretendida «despartidarização» de dirigentes políticos como Amaro da Costa, Sá Machado, Rui Pena (os mais citados); quer porque o avançado nos acordos PS-CDS, em vias de serem firmados, contempla pelo menos em matéria económica, boa parcela da política «centrista».

Para além do encontro entre socialistas e comunistas não estava prevista para hoje qualquer outra reunião, nomeadamente com o PSD partido que, via Sousa Franco e após a interrupção das negociações com o PCP tentou ontem apanhar ainda o «comboio do Governo» ao lado do CDS. A tentativa de Sousa Franco, optimista depois de se avistar com Ramalho Eanes ter-se-á gorado após encontro com Mário Soares, tudo indicando que os «sociais-democratas» se manterão arredados, do Poder.

Logo à noite Mário Soares fará o ponto de todos estes contactos aos principais dirigentes do seu partido. E destes receberá as directrizes que amanhã comunicará a Ramalho Eanes que então o poderá nomear formalmente Primeiro-Ministro ou, alternativamente, dar início a uma nova fase da crise governamental em que as negociações poderão já não ter em vista o II Governo constitucional, mas um Executivo de gestão até à realização de eleições gerais.

(Págs. 4 e 5)

Carlos Costa, Carlos Brito e Domingos Abrantes reataram esta manhã em S. Bento negociações com o PS

Frente de rejeição árabe já se encontra em Lisboa

A delegação do Povo Árabe que se encontra em Lisboa para denunciar a política de Sadate. Amanhã e depois de amanhã serão dias de solidariedade para com o povo egípcio que se opõe e luta contra a política dos seus Governantes. Faz amanhã um ano que morreram mais de 400 pessoas e foram feitas milhares de prisões

(Pág. 11)

FERNANDA LOPES CARDOSO E KALIDÁS BARRETO AO "DL": "UESD será medianeira no reforço da esquerda"

(Págs. 8 e 9)

Sociedade Nacional de Sabões em greve a partir de segunda-feira

(Pág. 6)

O "DL" absolvido e condenado

O director do «DL», dr. António Ruella Ramos, foi ontem julgado no 9.º Juízo Correccional da Comarca de Lisboa por dois crimes de abuso de liberdade de Imprensa. Quando o director de um jornal é julgado, toda a Imprensa está em causa, o que justifica não apenas o espaço que hoje dedicamos ao assunto, como a opinião que publicamos do seu advogado, dr. José Carlos de Vasconcelos. Mais importante do que o nosso director e de que o próprio «Diário de Lisboa» é, sem sombra de dúvida, o princípio da liberdade de Imprensa e a consignação na lei, dos meios necessários à concretização dessa liberdade. Sem que esses meios sejam claramente entendidos e definidos, a liberdade de Imprensa não passar de uma frase mais ou menos balofa e destituída de qualquer sentido.

FALA O ADVOGADO DE DEFESA

«A setença não está, em minha opinião, de acordo com a lei, violando-a, mesmo nitidamente. Por isso, e não só por isso, entendo que a justiça impõe que venha a ser revogada, razão porque, desde logo, interpus o componente recurso para a Relação de Lisboa.

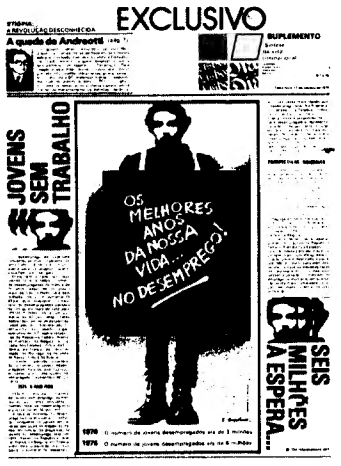
Nas alegações orais expliei, com algum desenvolvimento, os motivos porque é legítimo publicar o despacho de pronúncia, para mais num caso como o da chamada «rede bombista» em que todos os nomes e factos nele referido já eram, praticamente, do domínio público, permitindo a publicação de tal despacho até corrigir ou «situar» devidamente algumas informações menos correctas vindas a público a esse respeito.

Além de tudo o mais, e muito em resumo, sustentei que o artigo 74 do Código do Processo Penal com base no qual o dr. Ruella Ramos foi condenado estava revogado, nesta parte, pela Lei de Imprensa. Com efeito, aquele artigo dispõe que não se podem publicar, até ao início do julgamento, quaisquer peças ou actos do processo; pelo contrário, a Lei de Imprensa, que lhe é muito posterior, consagra a liberdade e o direito de acesso às fontes de informação como princípio geral, excluindo apenas, neste campo, os processos em segredo de justiça. Ora o segredo de justiça acaba exactamente com o despacho de pronúncia. Assim, os profissionais de Informação já têm direito ao acesso a estes processos (em especial quando o seu interesse público o justifica). E se têm direito a este acesso, é evidente que têm direito à posterior publicação da respectiva peça processual, pois, de outra forma, tratar-se-ia de um direito sem conteúdo.

Porém, o julgador de primeira instância decidiu que uma coisa era o direito de acesso às fontes e outra seria a posterior divulgação e, por isso, condenou o dr. Ruella Ramos.

Claro que entendo que só um desconhecimento do que é a Informação e um mau entendimento de terminologia usada na legislação que especialmente se lhe refere pode explicar uma tal decisão.»

(Pág. 10)



HOJE HÁ "EXCLUSIVO"

A revolução na Etiópia, a «revolução desconhecida», é um dos temas do suplemento de hoje, dedicado à vida internacional. O «Exclusivo» insere ainda artigos sobre Angola, «Mulheres Combatentes»; China, «Taxa de Crescimento da População»; Alemanha Federal, «Os Herdeiros do Nazismo», etc. bem como vários comentários sobre a política italiana e a queda do governo de Andreotti.

post-scriptum

Ao Presidente da República

Após ler a sua mensagem de Ano Novo, dois parágrafos houve que me chamaram a atenção:

«Sem um esforço colectivo imediato no domínio do aumento da produção correm gravíssimo risco os benefícios e regalias já conquistadas, bem como a sua extensão aos que ainda não puderam usufruí-los».

E logo a seguir:

«Sem a acrescida contribuição de cada um para a criação de riqueza continuaríamos a descer a escada do empobrecimento, rumo a um patamar em que a nossa soberania estaria ameaçada».

Segundo eu percebi, a saída da crise económica e social em que vive o Povo Português, só será possível com o esforço colectivo de quantos trabalham e produzem neste País.

Acontece, sr. Presidente que neste momento, aquelas gentes que continuam a trabalhar de sol a sol, que não conhecem o que é um feriado, que não sabem o que são férias, que ainda nem sequer beneficiam, querem começar a nova campanha da batata e ainda lá têm as da última campanha. É extremamente angustiante e doloroso para aquelas gentes ter a batata a apodrecer nas suas casas e não haver uma maneira de serem úteis aos restantes trabalhadores que têm de as comprar nas cidades. Como não há circuitos de comercialização do produto, ou os que existem estão nas mãos dos intermediários e armazenistas, os camponeses estão praticamente sujeitos a estes.

Sr. Presidente, sabe que neste momento os intermediários têm o descaramento de oferecer 4$00/Kg de batata?

Sr. Presidente, sabe que cada saco de batata de semente (50 Kg) custou cerca de 1200$00 aos camponeses?

Para os camponeses terem algum lucro que compense todo o trabalho despendido, a batata deveria ser-lhe paga a 7$50, pelo menos. Como é que a poderão vender a 4$00?

Mas o pior é que os intermediários até parecem desinteressados na compra de batata.

Vem tudo isto a propósito da necessidade de produzir mais para se sair da crise. Quem neste país terá autoridade moral para exigir aos milhares de pequenos e médios agricultores das Beiras e Trás-os-Montes que este ano têm de produzir ainda mais? Quem sr. Presidente?

Se este ano as batatas apodrecerem e tiverem de as deitar aos porcos, enquanto os organismos governamentais, talvez mediante a falta do produto no mercado, estejam a preparar-se para daqui a um ou dois meses importarem batata, é quase certo que para a próxima campanha, os pequenos e médios agricultores em vez de semearem quatro sacos, só semeiem um ou dois.

Carlos Reis Silva
— LISBOA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

E QUASE TODAS NO MARQUÊS DE POMBAL

Lisboa domina o País com 184 sociedades anónimas

Apenas oito das 192 principais sociedades anónimas de Portugal Continental se situam fora da faixa litoral do continente.

Esta desproporção, registada pelo Instituto Nacional de Estatística, é analisada por Jorge Gaspar no artigo «A Localização das Principais Sociedades em Portugal», a publicar no próximo número da revista «Finisterra», do Centro de Estudos Geográficos das Universidades de Lisboa.

A distribuição das sedes das principais sociedades permite estabelecer uma perspectiva das assimetrias do território. Porém, no texto citado, não se opta pela tese do Portugal «macrocéfalo», mas pela do País «bicéfalo».

Em Portugal, evidenciam-se as concentrações ao longo da faixa litoral, de Setúbal a Braga, onde Lisboa e Porto constituem dois focos que comandam o restante território.

Atendendo a que a sede da empresa não corresponde, em muitos dos casos, à localização das actividades da sociedade (que pode, de resto, ter unidades activas em diferentes pontos), esta análise — refere Jorge Gaspar — permite, acima de tudo, detectar a distribuição dos centros de decisão do País.

Em 1974, apenas 4,2 por cento das sociedades se situavam fora da faixa litoral do continente, embora quatro estivessem no triângulo Abrantes-Tomar-Torres Novas, que representa já uma situação interior, embora muito acessível à faixa litoral.

A maior concentração observa-se em Lisboa, com 109 sedes, ficando o Porto muito aquém, com 12. O papel da capital, como grande centro terciário, também é evidente: tem 76,9 por cento. Das grandes sociedades comerciais, 61,1 dos transportes e 68,2 das restantes. A concentração na faixa litoral é particularmente acentuada no capítulo das empresas comerciais (o total das 39 referenciadas no inquérito).

O domínio de Lisboa e, em certa medida, do Porto ou mesmo da restante faixa litoral, em relação ao interior, é ainda mais óbvio quando se analisam as receitas das grandes sociedades.

Na verdade, concentrando 56,8 por cento das sedes, Lisboa tem 69 por cento das receitas totais das grandes sociedades. Por sua vez, o Porto, com 6,25 por cento das sedes, dispõe de 7,3 por cento das receitas. No resto do território, as receitas médias são muito inferiores.

O quase «monopólio» de Lisboa evidencia-se ainda no comércio: 88,1 por cento do total das receitas das maiores sociedades do sector embora a maior percentagem proceda dos transportes (91,5), o seu significado é menor, pois 43 por cento das receitas das 18 maiores empresas do sector provêm dos TAP.

Relativamente, ainda, ao capítulo do comércio, apesar de os valores mais elevados serem originados por companhias petrolíferas, há uma grande diversificação: automóveis, supermercados, importadores-exportadores, electrodomésticos.

O Porto tem a principal concentração na rubrica «diversas», onde o peso maior corresponde a empresas de electricidade, com relevo para a CPE (57 por cento das receitas das sociedades portuenses naquela rubrica).

Nas actividades não específicas, residem também as maiores aglomerações da restante faixa litoral (31,9 por cento do total das receitas do continente) e do interior (4,2 por cento). No último caso, pesaram sobretudo duas sociedades, a Torralta, com sede em Lagos, e a Beralttin and Wolfram Portugal, com sede na Covilhã.

Por outro lado, verifica-se que, quanto maior é a dimensão das sociedades, maior é a tendência para a sua sede se localizar em Lisboa.

Também se observa que, a qualquer escala, são as sociedades que operam no sector secundário as que menos se concentram na capital portuguesa: de um total de 16 603, 39,2 por cento têm a sede em Lisboa, enquanto das 10 649, que correspondem às indústrias transformadoras, só 22,4 por cento se encontram sediadas na capital.

O Porto evidencia idêntica proporção, ocorrendo o inverso em relação ao resto da faixa litoral (41,3 por cento do total das sociedades e 57,6 das da indústria transformadora) e, embora de forma menos acentuada, no que respeita ao resto do País (10,3 para 12,1 por cento).

A distribuição das sedes no concelho de Lisboa permite concluir que a maior concentração se verifica na área do Marquês de Pombal (40 por cento no raio de um quilómetro). A zona portuária tem certa importância, enquanto o centro tradicional (Baixa e Chiado) surge com um peso reduzido, o que, na verdade, representa um recuo, em comparação com um passado recente.

FOLHA OFICIAL

Assembleia da República Lei n.º 278: Concede determinadas isenções fiscais às pessoas colectivas de utilidade pública e de utilidade pública administrativa.

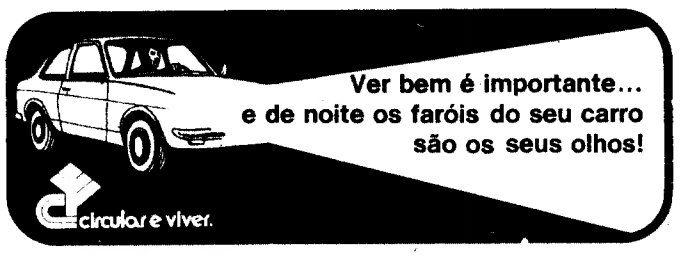
Presidência do Conselho de Ministros Declaração: De ter sido rectificada a Portaria n.º 773/77, publicada no «Diário da República», 1.ª série, n.º 293, de 21 de Dezembro.

Ministério das Finanças: Decreto-Lei n.º 14/78: Cria um regime provisório de gestão em relação a qualquer corretor das bolsas de valores.

Ministérios das Finanças, da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo: Despacho Normativo n.º 1078: Determina a inscrição de verbas pelo Fundo de Abastecimento no orçamento para o ano de 1978 relativas à remessa do arroz para as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. Portaria n.º 35/78: Fixa os diferenciais de compensação de preços a receber pelos industriais descascadores.

Região Autónoma dos Açores. Assembleia Regional. Decreto Regional n.º 1/78/A. Estabelece normas relativas à utilização de material reflectorizante nos capacetes usados pelos condutores e passageiros de motociclos, de ciclomotores e de velocípedes com motor.

Região Autónoma da Madeira: Assembleia Regional. Decreto Regional n.º 1/78/M: Cria a Comissão de Informação Pública sobre espectáculos de cinema e teatro realizados na região da Madeira.



CASA MONTEIRO
RUA DO OURO, 265-269 • RUA DA PRATA, 249-255
RUA STA. JUSTA, 43 • LISBOA

desde ontem
SALDOS ESPECTACULARES

PRONTO A VESTIR
Homem • Senhora • Criança

LINGERIE • LÃS EM FIO

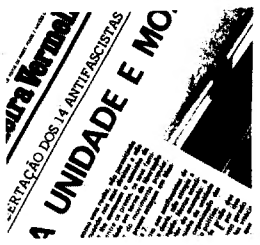
Camisas flanela	125$00
Camisas modernas	195$00
Calças caqui	75$00
Calças fazenda e cotelé	198$50
Calças tweed	200$00
Pijamas flanela	198$50
Jeans	149$50
Camisetes malha	50$00
Vestidos fazenda	125$00
Vestidos malha seda	125$00
Blusões criança	75$00
Collants	12$50

DISCOTECA • PERFUMARIA
LANIFÍCIOS P/ HOMEM E SENHORA
SEDAS E ALGODÕES • BRINQUEDOS

...e muito mais... venham ver!

ponto a ponto

Vai funcionar a partir de amanhã em Lisboa o primeiro curso de língua chinesa. É um curso livre, aberto a alunos do ensino superior de qualquer faculdade e que se alberga na Faculdade de Letras, em duas sessões semanais. A primeira aula está marcada para as 19 horas de amanhã.



Foi adiado para o próximo dia 25 o julgamento do director do semanário «Bandeira Vermelha», porta-voz do PCP (R), cujo início estava marcado para ontem no 2.º Juízo Correccional do Tribunal da Boa-Hora. O director do jornal, Manuel Monteiro, é acusado de ter publicado um artigo em que o general Ramalho Eanes era acusado de «reaccionário».

Por motivo do falecimento do senador Hubert Humphrey, Mário Soares enviou ao encarregado de negócios da Embaixada dos EUA em Lisboa, em nome do Governo, um telegrama de condolências, «figura política de grande prestígio internacional que tive a honra de conhecer pessoalmente».

Está já na RDA uma delegação de intelectuais portugueses que visita aquele país até ao próximo dia 22 a convite da Associação de Amizade e do Comité Portugal-RDA. Integram-na Isabel da Nóbrega, José Saramago, Olga Gonçalves, Armindo Rodrigues, Emília Grima Rodrigues, Armando Silva Carvalho, e Jaime do Couto Ferreira.

O FEMINISMO SERÁ UM HUMANISMO?

FRANÇOISE PARTURIER

. . Porquê o constante denegrir do feminismo? Por que não tem ele direito de cidadania na nossa democracia avançada? Mesmo os seus simpatizantes toleram-no mais do que o apoiam. Eram mais entusiastas do tempo de Carlos X, Luís Filipe e mesmo Mac Mahon. E Jean Rostand morreu há pouco.

Hoje, as grandes formações eleitorais são unânimes em rejeitá-lo: abrem-se os braços às mulheres, fecha-se a porta ao feminismo.

Combatido pelo paternalismo liberal em nome da feminilidade, pelo paternalismo marxista em nome da solidariedade (de classe), o feminismo é o bode expiatório de todos. Com o terrorismo, ele é o único ismo que goza de unanimidade de todos os partidos.

Este facto, que, aparentemente, não surpreende os observadores políticos é, na realidade, surpreendente.

Quando a direita reaccionária, aquela a que Edgar Faure chama a «direita da grande recusa», se opõe ao feminismo, ela é perfeitamente lógica. Ela contesta o radicalismo dos direitos do homem e o feminismo exige, justamente, a extensão de tais direitos.

Mas o gaulismo, que se diz um humanismo de libertação, o gaulismo com a sua nova sociedade? E a democracia francesa? E o novo Contrato social? E o socialismo que pensa que a extensão dos direitos da mulher é o princípio de todos os direitos sociais? E o marxismo, quando Engels disse: **«A primeira opressão de classe é a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino»**.

Que tem pois de maldito esse feminismo que ganha batalhas a que logo é arrancado o benefício moral e político? E como explicar que quem bate a porta com mais força sejam precisamente os aliados de longa data?

Claro que nem os socialistas nem os comunistas contestam os princípios, mas, no interior do partido, recusa-se às mulheres um combate específico a que se chama divisionista.

A massa dos homens recusa visceralmente a igualdade com as mulheres. As leis nada podem fazer só por si. Os princípios também não. Ora como todos os homens são eleitores, de direita ou de esquerda, trata-se de satisfazer as eleitoras sem criar conflitos com eles. O melhor de tudo não seria pôr o feminismo em surdina? Diplomacia eleitoral. Bom senso. Habilidade de homens que aprenderam, para além das ideias, a não desconhecer a realidade política.

Embora verosímil não creio no entanto, que seja a verdadeira explicação. Penso que hoje o feminismo incomoda muito mais os políticos do que os eleitores.

Porque o feminismo não é sòmente um movimento reivindicativo contra uma discriminação, ele é antes de mais um humanismo, isto é, uma consciência e um desejo de universalidade baseados numa cultura. As Humanidades. O feminismo é um estudo, uma investigação, uma erudição, um ensinamento. Uma visão nova ou complementar, se preferem, do homem e da sua política. O feminismo, como todo o humanismo, tem de cartesiano o facto de repor tudo em questão a fim de julgar por si próprio.

Outra historia

As mulheres dizem: «Após anos de experiência, de leitura, de reflexão, podemos hoje demonstrar que o mundo não é exactamente aquele que é descrito pelos homens. Assim, vamos contar outra história da Igreja, outra história da Revolução francesa, outra história dos soviéticos.»

. . O novo feminismo é, antes de mais, uma cultura. Uma contracultura que acusa muitas vezes o homem.

Ora se há coisa que os homens não suportam tanto em casa como na tribuna, é que uma mulher lhes diga que não têm razão. Como pôr em dúvida a sua boa-fé, a sua generosidade? À dúvida chamam eles sempre agressividade.

Ora é certo que o feminismo é uma grande dúvida.

Pensam que será agradável a Georges Marchais ouvir dizer que as mulheres já não acreditam que o capitalismo seja o único opressor das trabalhadoras, visto as mulheres continuarem a ser exploradas em todos os países do Leste?

. . Pensam que Miterrand tenha vontade de responder a perguntas como as seguintes: porque têm os socialistas os mesmos reflexos dos conservadores quando se trata dos interesses das mulheres, e as esquecem? Porque razão é que nos últimos trinta anos os sindicatos nunca organizaram uma greve geral para a aplicação do princípio: a trabalho igual salário igual? Já se fez algum desfile da Bastilha a Nation em defesa do aborto? Os homens de esquerda batem-se pelo Argelinos, pelos Chilenos..., etc. Pelas mulheres, nunca.

E pensam que alguns gaulistas ficam contentes quando se lhes declara que o seu ideal é muito semelhante ao dos jogadores de râguebi que querem ganhar um desafio, que eles são contabilistas, que negociaram os direitos das mulheres a fim de fazer alianças, que o seu pretenso humanismo morreu nos fervores eleitorais, que se tornaram a direita da prudência? Recordo um facto que se situava, segundo me parece, em vésperas das eleições de 1973. O primeiro-ministro Messmer convidara alguns escritores e pedira-lhes a sua opinião. Lembro-me de lhe ter dito que as mulheres estavam descontentes, desconsoladas, e que devia liberalizar depressa, se não fosse demasiado tarde, que os homens do governo pareciam não compreender que o feminismo não se situava necessàriamente à esquerda, e que Pompidou chocara as mulheres gaullistas que esperavam por uma linguagem mais racional. Messmer respondeu-me tranquilamente que a U.D.R. pedira contas ao Ministério do Interior e que os números eram formais: se se opusesse às reivindicações feministas perdia menos lugares no Parlamento. De certo esqueceu o que eu nesse dia lhe disse, que essa política seria uma das razões do declínio da U.D.R. Falar de declínio da U.D.R. parecia totalmente ridículo em 1973. No entanto, Giscard d'Estaing aproveitou-se largamente do afastamento das mulheres gaullistas. Mas por que diabo é que ele, depois de ter satisfeito as exigências do feminismo, nomeou um ministro da condição feminina cuja primeira declaração foi dizer que não era feminista? Tratar-se-ia de desmobilizar? Eis uma pergunta que Giscard d'Estaing não gosta que lhe façam.

É certo que as feministas fazem continuamente perguntas incomodativas. Acusá-las pois de agressividade, acentuar todos os excessos inerentes aos movimentos marginais, só descrever o feminismo externo, quase folclórico, esses grupos autonomistas que falam de Lancan, troçar de toda uma lengalenga político-sexual, escórias de um movimento novo, vivo, corajoso, é o método habitual que consiste em desconsiderar o adversário a fim de evitar a verdadeira discussão. Compreende-se também que certos homens prefiram fugir

Continua na pág. 18

política de A a Z

AMANHÃ

Teremos notícias amanhã, quarta-feira, dia 18 de Janeiro, do governo que nos falta e do remedeio que nos é proposto para o desgoverno em que temos vivido. Esperamos, com a dúvida a apunhalar-nos, que a fórmula que está à vista, um Governo PS-CDS que não é «coligação», que não é «aliança», que não é «convergência», produza nesta terra o milagre da unidade na diversidade e da estabilidade governativa assente em contradições programáticas.

Já nos ensinaram, contudo, que o CDS é «centro» em movimento para o «centro-esquerda» e que o PPD-PSD (de seu nome «populista»; pelo crisma «social-democrata») é «centro-direita» que se movimenta para a «direita». Nestas movimentações, e porque na política portuguesa existem comboios ronceiros e comboios de grande velocidade, o observador perde-se e o passageiro engana-se na carruagem, no horário, na estação. Reina a confusão no trânsito político. Mas permanece a serenidade «negocial». Dá gosto vê-los negociar.

E o «País que somos» espera o sorriso e a palavra dos «políticos que temos». Eles próprios se consideram protagonistas. Da farsa? Da tragédia?

Não teremos muito tempo já para esperar desesperando. Porque a **crise**, como processo em curso de degradação da vida económica e financeira, política e moral da Nação portuguesa, não espera a conclusão das negociações nem se compadece com o ritmo pausado dos discursos políticos. A **crise** está em marcha e exige uma resposta, medidas, decisões, inteligência, competência, coragem. E austeridade, também.

Não apenas a austeridade anunciada e a concretizar em restrições e sacrifícios para os trabalhadores, para o povo; mas austeridade entendida, e vivida, como regra de conduta e como exemplo que autorize os apelos que não poderão deixar de ser feitos e as mobilizações que não poderão ser dispensadas. Mas não nos antecipemos quer na esperança vã, quer no desespero rezingão. Amanhã, amanhã quarta-feira, saberemos se temos Governo. Amanhã saberemos também, até aonde vai o Partido Socialista. Amanhã saberemos, igualmente, o que podemos esperar do «projecto socialista», da Constituição que o inscreve, daqueles que a redigiram e aprovaram, daqueles que a juraram cumprir, do destino de Abril.

Amanhã. E inelutavelmente, da penumbra da memória, ocorre-nos um dos versos da lenga lenga a que se chamou «Hino do Aljube». Dizia assim: «Amanhã, amanhã, sempre o mesmo...».

DE MÃOS LIVRES

A não conclusão das negociações entre o Partido Socialista e o Partido Comunista com vista a um acordo interpartidário, que, nos termos da moção aprovada no Conselho Nacional do PS, constituía uma condição para a possibilidade de formação do «Governo de base PS com personalidades», criou nos dirigentes do PSD uma ilusão que se traduziu em precisas diligências políticas. A comunicação do Conselho Nacional e as diligências de Sousa Franco assentavam no pressuposto da «exclusão do PCP» do campo das negociações e da área democrática. De algum modo, e com coincidente e significativo apoio do general Kaúlza de Arriaga, o PSD assumindo a liderança política do «anticomunismo» e a herança do mais genuino «cruzadismo salazarista».

Mas nem em Belém, nem em S. Bento, o professor Sousa Franco terá encontrado o acolhimento desejado para as pretensões dos «sociais-democratas». O afastamento do PCP da plataforma de Governo, não dispensará o PS, mais cedo ou mais tarde, de ter em consideração o que expressamente Jaime Gama reconheceu em declarações públicas: O PCP representa uma fracção minoritária mas importante da classe operária. E como, por outro lado, e independentemente das opções de voto, a maioria da classe operária optou pelo movimento sindical unitário que repudia as teses e as iniciativas da «Carta Aberta», o problema da mobilização dos trabalhadores para a produção e da sua cooperação consciente e voluntária numa política de austeridade, implica conversações com o PCP e com a CGTP-Intersindical Nacional. Para vencer a batalha da **crise** não será suficiente contar com os trabalhadores filiados no Partido Socialista e no CDS. Para vencer a batalha da **crise** não será suficiente contar com os sindicalistas filiados nos sindicatos não integrados na CGTP-Intersindical Nacional. Sejamos realistas. A política exige lucidez e realismo.

Das comunicações oficiais, das conversas, regressaram os «sociais-democratas» insatisfeitos. Como ironicamente disse Jaime Gama: o comboio ia em andamento e a alta velocidade. Resta aguardar, como declarou Sousa Franco: «Na Oposição, de mãos livres...».

O PARTIDO QUE VÊ PASSAR OS COMBOIOS

Estas questões ferroviárias (e turísticas) dos comboios que passam, dos passageiros que ficam, rejeitados ou aguardando melhor lugar, reforçam a hipótese de que, para alguns, a vida política é um comboio que passa, um lugar que se conquista, uma viagem que se disfruta. O destino do comboio parta de Bragança, de Faro, ou de Braga, é sempre Belém. O destino do comboio é o «poder-de-Estado». E como o comboio tem muitos lugares (mas não tem lugar para todos), estes são disputados por muita gente.

Mas o PSD, repelido pelo PS, afastado, por agora, da partilha do «poder», não ficará inactivo. O irrequieto génio dum Sá Carneiro ansioso não é compatível com a atitude de esperar, «na Oposição de mãos livres», que Sousa Franco preconiza. Estejamos atentos. O «chefe» tem uma palavra a dizer.

A DEMOCRACIA E O ESCÂNDALO

Escreveu Raul Proença: «Onde os regimes de poder pessoal põem um amortecedor, põe a Democracia um ressoador e um sinal de alarme. Que todo o abuso do poder tenda, em democracia, a transformar-se em escândalo, não é esta, de certo, uma das suas menores virtudes. Pobre do cidadão, se o condenamos a dormir sem despertador!».

Seja a Imprensa esse despertador. Cumpre-nos fomentar o «escândalo da verdade». Por isso o «Diário de Lisboa» esteve ontem no banco dos réus: por dizer a verdade, por não guardar segredo em relação ao «escândalo do bombismo». Andam «bombistas» à solta, descem «fascistas» à rua, há «processos» que se perdem, há investigações que não prosseguem. São «abusos de poder» e «omissões do poder» que constituem escândalos. Não nos furtaremos à responsabilidade e ao risco de cumprir esta vocação da Imprensa: dizer a verdade, possa ela escandalizar. Mas Raul Proença advertiu-nos que o «escândalo» é uma virtude da Democracia. E não a menor das suas virtudes.

Movimento de Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira contra Governo com "personalidades"

A constituição dum Governo com personalidades representativas das forças inimigas dos trabalhadores, por estes postas em minoria na Assembleia da República, será atacar as condições de vida do povo trabalhador, provocar novas crises e pôr em causa as liberdades democráticas, segundo afirmações proferidas na passada sexta-feira, durante o comício promovido pelo Movimento para um Governo PS/PCP.

No comício do movimento liderado pelos deputados independentes, ex-PS, Carmelinda Pereira e Aires Rodrigues, foi aprovada uma moção contendo as reivindicações básicas dos apoiantes da solução PS/PCP, — aumento dos salários de acordo com a subida do custo de vida e fim imediato dos despedimentos, das devoluções de herdades e empresas aos antigos proprietários e revogação da legislação contra trabalhadores e estudantes.

No documento considera-se ainda que a formação de um Governo PS/PCP permitirá que sejam tomadas as medidas socialistas necessárias à resolução da crise, ao mesmo tempo que se apela aos aderentes do movimento para que vinculem as direcções eleitas pelos trabalhadores e jovens para os Sindicatos, Comissões de Trabalhadores, e Associações de Estudantes a cumprirem a sua vontade e defenderem os seus interesses.

Da esquerda para a direita Veiga Simão, Marcello Caetano, Augusto de Ataíde... e, no fim da mesa, Amaro da Costa. Trata-se de uma reunião havida em 13 de Fevereiro de 1974.

CUNHAL, EM BELÉM, COMENTA ACORDO PS-CDS

Custa a crer que um partido antifascista vá formar Governo com a extrema-direita

«Sempre acreditámos, e ainda acreditamos, que os dirigentes de um partido democrático, que vêm do tempo do fascismo em luta pela democracia, não iriam formar Governos de coligação com a extrema-direita» — frisou Álvaro Cunhal, ao sair do Palácio de Belém, ao fim da tarde de ontem, após um encontro com o Presidente da República, solicitado por este.

Depois de recordar a proposta do seu partido de reabertura de negociações com o PS (recusada pelos socialistas), o líder comunista reafirmou a intenção do PCP de estar disposto a «negociações», considerando «inacreditável» que o PS «estivesse a negociar duas plataformas ou dois acordos que fossem incompatíveis».

Para Álvaro Cunhal ainda «será possível um Governo, não para liquidar as conquistas da Revolução portuguesa, mas com os compromissos necessários por parte do PS, de maneira a serem garantidas as transformações nas estruturas da economia e sociedade portuguesas, mormente a Reforma Agrária e as nacionalizações, que permitam, nas dinâmicas diversificadas, das diversas formações, sair das dificuldades actuais», endossando aos socialistas a responsabilidade de um acordo PS/CDS «sem procurar o acordo com os trabalhadores, ou seja com o PCP».

Não desejando «abrir polémica com o PS», acerca da questão da «rotura» das negociações, Cunhal acrescentou que o seu partido não apresentou «pontos de última hora, mas defendeu sempre as questões essenciais, desde o primeiro minuto das negociações».

Abstendo-se de precisar os pontos de desacordo, «o que não facilitaria as negociações, referiu que «o PCP defende quatro ou cinco zonas que para si são essenciais», fáceis de conhecer pelos que sabem qual a sua prática e defesa programáticas.

O secretário-geral do PCP teve ainda oportunidade, de considerar o acordo PS/CDS «um mau acordo», de classificar que um entendimento tripartido PS/PSD/CDS seria «de mal a pior» e acrescentou: «Neste momento não se sabe bem quem está mais à direita, na direita», pois que, «se o CDS votou contra a Constituição, as tão citadas conclusões de Bragança do PSD contrariam frontalmente alguns pontos constitucionais».

Por último, o dirigente comunista sublinhou ser necessário «evitar a política de recuperação capitalista dos dezasseis meses do Governo Socialista» e procurar «uma solução democrática para a crise». Por isso — acrescentou — «sem fazer juízos de valor sobre a possibilidade ou não de tal solução, mas partindo da sua necessidade, faremos todos os nossos esforços nesse sentido».

OS COMUNISTAS E AS NEGOCIAÇÕES

A reabertura das negociações PS-PCP foi proposta na tarde de ontem ao Secretariado do PS. Uma nota da SIP do PCP dá conta desta iniciativa nos seguintes termos:

«Na linha de orientação que tem coerentemente mantido, o PCP continua pronto a examinar todas as possibilidades de se alcançar uma saída democrática para a actual crise política.

«Nesse sentido, e apesar de factores negativos surgidos nos últimos dias, ontem, segunda-feira, ao princípio da tarde, a Comissão Política do CC do PCP contactou o Secretariado Nacional do PS, propondo-lhe e, por seu intermédio, ao Primeiro-Ministro indigitado, a reabertura das negociações para um acordo político que o PS tinha dado por encerradas na última sexta-feira.»

Pub

COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA DO CCTV

INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

COMUNICADO

AOS ÓRGÃOS DO PODER
AOS UTENTES DA PREVIDÊNCIA E SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS
AOS TRABALHADORES DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA E SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS
VICTOR VASQUES, SECRETÁRIO DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL, Mente, Defrauda e Lesa os trabalhadores da Previdência e Serviços Médico-Sociais

Desde há muito que o Sr. Engenheiro Victor Vasques, Secretário de Estado da Segurança Social, vem mentindo e defraudando os trabalhadores das Instituições de Previdência e Serviços Médico-Sociais.

Desde há muito que o Sr. Engenheiro Victor Vasques, manobrando contra a vontade dos trabalhadores, vem tentando a criação de condições propícias à imposição de uma Portaria/estatuto aos trabalhadores das Instituições de Previdência e SMS.

Usando e abusando quer dos órgãos de informação, quer servindo-se nos mesmos termos de diversos elementos das Comissões Administrativas das Caixas de Previdência e SMS, tem feito propalar junto dos trabalhadores um tipo de «informação» tendente a institucionalizar nos trabalhadores a confusão e a desorientação, bem como a criar-lhes a ilusão de que será vantajoso para eles prescindirem do direito à contratação colectiva, o mesmo é dizer, prescindirem da sua convenção em vigor e da sua revisão, a troco de aumentos salariais a consignar numa Portaria em vias de publicação, feita nas costas dos trabalhadores e quebrando compromissos anteriormente assumidos por aquele Senhor Secretário de Estado, que convém recordar, está na situação de demitido.

A posição dos órgãos representativos dos trabalhadores e da grande maioria dos trabalhadores das Instituições de Previdência e Serviços Médico-Sociais.

1 — É conhecida, tem sido manifestado inúmeras vezes, que este sector profissional repudia e não aceitará a imposição de uma Portaria/Estatuto em detrimento da revisão do CCT.
2 — É conhecida que mediante entrega de uma petição subscrita por alguns milhares de assinaturas, foi constituída no seio da AR uma comissão específica para se debruçar sobre o regimen jurídico dos trabalhadores das Instituições de Previdência e SMS.
3 — É do conhecimento público que os Sindicatos requereram já a declaração de inconstitucionalidade do Dec. - Reg. nº. 68/77 e que o impugnaram junto do Supremo Tribunal Administrativo.
4 — É do conhecimento que aquele Dec-Reg. foi elaborado e promulgado sem qualquer consulta ou apoio por parte dos directamente interessados.
5 — É do conhecimento que estas atitudes da SESS, já determinaram diversas tomadas de posição de luta por parte dos trabalhadores, nomeadamente inúmeros Plenários, uma concentração junto do MAS, e duas paralisações.
6 — É pois evidente que as atitudes e orientação da actual equipa governamental é controversa, e mais, é posta em causa pela grande maioria dos trabalhadores do Sector.
7 — É ainda do conhecimento público que o actual governo, foi exonerado pelo Presidente da República, depois de ter merecido a desconfiança da Assembleia da República.
8 — Deste modo, e tendo em conta, que para esta situação têm sido alertados os diversos órgãos do poder, os órgãos representativos dos trabalhadores das Instituições de Previdência e SMS, exigem que o actual SESS seja impossibilitado de mandar publicar qualquer acto administrativo que colida com os interesses e direitos dos trabalhadores e reconheça oficialmente essa incapacidade.
9 — Se assim não acontecer, até lá ter-se-á como intenções da SESS e do MAS aquilo que tem sido a sua prática, e os órgãos representativos dos trabalhadores juntamente com os trabalhadores desencadearão os processos de luta que considerarem adequados às circunstâncias.

Aos trabalhadores das Instituições de Previdência e Serviços Médico Sociais.

O Plenário de sindicatos reunido em 12-1-78, vem mais uma vez alertar todos os trabalhadores, no sentido de não se deixarem iludir com os boatos e promessas de aumentos salariais e conter na Portaria, pois tão importante como a revisão salarial, que aliás se reivindica no âmbito da revisão da CCT, são as matérias relacionadas com o esquema de acessos, cursos, regime disciplinar, possibilidades de constituição de Comissões de Trabalhadores e constituição de um quadro geral de adidos que inevitavelmente terão tratamento bem diferente se a Regulamentação de trabalho for definida por uma Portaria/Estatuto ou por uma convenção colectiva de trabalho.

Que não haja, pois, quaisquer ilusões, quanto ao que a SESS pretende fazer, que mais não é do que comprar a consciência e disposição dos trabalhadores pela defesa dos seus direitos, a troco de um qualquer aumento salarial, aliás, possivelmente a promover por critérios injustos.

PELA REVOGAÇÃO DO DEC-REG 68/77
PELO DIREITO À CONTRATAÇÃO COLECTIVA
PELA REVISÃO DA CCT.
PELA REVISÃO DA TABELA SALARIAL
COMPROMISSOS ASSUMIDOS SÃO PARA SER CUMPRIDOS

Aprovado no Plenário do dia 13-1-78 de Comissões de Trabalhadores, Comissões Sindicais e Sindicatos.

PELA COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

Pub

COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA DO C. C. T. V.

INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

COMUNICADO

A TODOS OS TRABALHADORES
AOS UTENTES DA PREVIDÊNCIA E SERVIÇOS MÉDICO SOCIAIS
AO POVO EM GERAL

Informam-se os utentes da Previdência e dos Serviços Médico Sociais que, para defesa dos mais elementares direitos dos trabalhadores deste sector,

— **OS SERVIÇOS DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E SEDES DOS SERVIÇOS MÉDICO SOCIAIS PARALISAM TODO O PRÓXIMO DIA 19 DE JANEIRO.**
— **OS SERVIÇOS DOS POSTOS CLÍNICOS PARALISAM NO PRÓXIMO DIA 19 DE JANEIRO DAS 10 ÀS 12 HORAS.**

A Comissão Sindical Negociadora apela à compreensão e solidariedade de todos os utentes e beneficiários.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1978

Pela COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

ENQUANTO SOUSA FRANCO PASSA DO OPTIMISMO AO PESSIMISMO

Socialistas decidem esta noite se formam Governo com o CDS

A Comissão Nacional do Partido Socialista vai decidir hoje se o PS subscreve ou não o acordo com o CDS, «independentemente de vir a negociar e subscrever em momento posterior um acordo de natureza diferente com o PCP», considerou o seu dirigente Jaime Gama, ontem à noite, aos jornalistas, depois de revelar que «terminou a fase das negociações e entrou-se na fase das decisões». Aquele membro do Secretariado do PS, que compõe também a delegação negociadora do partido para a questão do Governo, fez estas afirmações após um encontro com Mário Soares que, por sua vez, reunira antes com os ministros do I Governo Constitucional (cessante) a fim de colher opiniões acerca da reunião de hoje da Comissão Nacional do PS.

Noutra parte significativa das suas declarações, o dirigente do PS declarou que o seu partido não reabriria as negociações com os comunistas — conforme solicitação do PCP — e mostrou-se igualmente hostil a um entendimento de «última hora» com o PSD.

«Tem sido — disse Gama — tal a azáfama do presidente interino do PSD, Sousa Franco que hoje perguntamos qual o significado exacto da afirmação que proferiu quando disse que o PSD não entrava em comboios em andamento. Certamente hoje se pode concluir que o sr. professor Sousa Franco queria era significar que o PSD entrava era em comboios em alta velocidade. A posição do PSD não está clara, e o último Conselho Nacional desse partido não nos permitiu concluir de maneira clara quanto à natureza das posições políticas que esse partido assume.»

Depois de considerar que «o país precisa de encontrar rapidamente uma solução de Governo», sem esperar pela clarificação interna, ou pelo Congresso, do PSD, Jaime Gama citaria, a propósito, os elogios de Kaúlza de Arriaga, no passado domingo, em Rio Maior, a Sá Carneiro.

AMEAÇA VELADA?

Relativamente ao PCP e ao seu apelo à reabertura de negociações, o deputado do PS afirmou que tal «reabertura» de negociações não se faria para, entretanto, acrescentar: «Mas estamos dispostos novamente a trocar informações com o PCP sobretudo para verificarmos quais são as reais intenções do PCP, e para constatarmos se o PCP, em relação àquelas matérias em que se mostrava tão renitente, efectuou alguma evolução e está disposto a realizar alguma cedência nesses pontos».

Curiosa foi ainda a insinuação do dirigente do partido governamental a propósito duma eventual política de austeridade, deixando no ar a ideia de que «se não for a bem será a mal» que tal política será aplicada!

A resposta de Gama surgiu na sequência de uma questão posta pelos jornalistas, que destacaram o facto de a rotura do acordo com o PCP pôr em causa a aplicação pelo futuro Governo de uma tal austeridade. Disse aquele responsável do PS: «Seria mais conveniente para a estabilidade democrática que uma fracção significativa dos trabalhadores portugueses pudesse de qualquer forma estar associada a essa política. O PS entende que é possível em democracia realizar uma política de austeridade, mas também que essa política se não for realizada em democracia será sempre realizada de pior maneira...»

PSD EM 90 MINUTOS: DO OPTIMISMO AO PESSIMISMO...

Contraste curioso ofereceu por sua vez o prof. Sousa Franco na tarde de ontem, nos seus encontros, respectivamente com o Chefe do Estado e com o Primeiro-Ministro indigitado. No primeiro foi visível, no final, o optimismo ou confiança do actual presidente do PSD à saída de Belém ao dizer que «pela primeira vez se abre no horizonte a perspectiva de um acordo estável e coerente», ou que «pode estar à vista uma verdadeira plataforma democrática de salvação nacional».

No segundo, ou seja, após o encontro com Soares, cerca das 19 horas, Sousa Franco falava já noutro tom: «Há muitos pontos em aberto que devem ser averbados como discordância entre o PS e o PSD e apenas enxergamos no horizonte como aspecto positivo o afastamento das negociações por parte do Partido Comunista».

Em suma, o PSD quis mesmo apanhar o «comboio em andamento» mas pelos vistos terá chegado já um pouco tarde pois o PS, tudo o indica, receia a companhia de dois parceiros de direita no mesmo «barco».

Sousa Franco afirmaria ainda (para salvar a face?) que os «sociais-democratas» «não farão nenhuma viragem a 180 graus, mas sim esforços de aproximação, mantendo as suas posições fundamentais».

Sobre esta matéria acrescentou: «Se há maior maleabilidade do CDS e isso faz jeito ao PS, para manter a maior parcela do poder, a preço mais baixo, naturalmente o acordo far-se-á sem nós».

O dirigente do PSD, ao referir-se ao acordo PS-CDS, já existente, afirmou que «se ele existe é reconhecido pelo PS como insuficientemente satisfatório», e, por isso, «as nossas condições devem ser consideradas e não desaparecerão pela porta de fundo». — Acrescentou que «não existem alas nenhumas» no PSD, o que considerou «uma simplificação com o risco de deturpações», declarando haver sim um «plural com diversidades graduais», onde «não há dois exércitos que se estejam a digladiar, a pretender vitória de um sobre o outro».

EM BELÉM FOI ASSIM

«A situação é mais positiva do que a existente noutros momentos», afirmou ontem Sousa Franco à saída do Palácio de Belém, depois de uma reunião de cerca de uma hora com o Presidente da República, e em contraste com o que pouco mais tarde diria à saída de S. Bento.

Durante a reunião o Presidente da República informou os dirigentes do PSD do novo adiamento concedido a Mário Soares para levar a cabo as negociações e foi ainda feito um balanço dos pontos de acordo e de desacordo encontrados nas negociações com o PSD.

Segundo Sousa Franco a condição imposta pelo PSD para participar no Governo — a igualdade de condições com o PS — mantém-se, pretendendo o seu partido que o PS não tenha nenhuma vantagem em relação aos restantes partidos, nomeadamente no que se refere à despartidarização dos ministros e aos seus estatutos em relação aos partidos a que pertencem. Nomeadamente, o PSD pensa que os futuros ministros, no caso de algum acordo se vir a concluir, devem estar desligados de funções de direcção nos partidos, ao contrário do que tem sucedido até agora, e em estatuto de igualdade.

Sousa Franco afirmou ainda que um acordo entre o PS e o CDS, saltando por cima do PSD seria um acordo «contra natura» característica que desapareceria com a inserção no acordo do PSD que tem pontos de contacto com ambos os partidos.

O «leader» do PSD manifestou ainda a esperança de que os dirigentes do PS saibam manter a abertura necessária para aproveitar a nova fase das negociações, afirmando que após quarta-feira a mediação presidencial nos esforços para a solução da crise política deveria sentir-se de forma mais intensa, se até lá não se conseguir formar novo executivo.

Falando das divergências entre o PSD e o PS no campo da educação e da economia, Sousa Franco referiu que o seu partido defende que as bases gerais do sistema de ensino e os princípios de política económica devem ficar consignados na plataforma, bem como, em relação às taxas de juro, uma política diferente da proposta pelo FMI e defendida pelo PS que é de as manter a nível muito alto.

Uma família real "locomotiva do turismo e da cultura" — quer Dona Maria Pia

A filha ilegítima, mas reconhecida, do penúltimo rei de Portugal, D. Carlos I, insiste em reivindicar todos os direitos pessoais e patrimoniais que entende assistirem-lhe, inclusivamente a designação de herdeira e sucessora de seu pai e de seu irmão, o rei Manuel II.

«Não que eu tenha ilusões acerca da restauração da monarquia em Portugal, pois penso que a República é irreversível», disse à ANOP Dona Maria Pia de Saxe-Coburgo Bragança, que acrescentou: «Afinal sou dona de tanta coisa e, para estar no meu país, não tenho um tecto meu e preciso de me hospedar num hotel.»

A filha de D. Carlos, agora com 70 anos de idade e casada com um general italiano na reserva, intentou recentemente um processo que segue os seus trâmites na 5.ª vara cível de Lisboa, no qual são arguidos o Estado português, a Fundação da Casa de Bragança, a Fundação D. Manuel II e D. Duarte Pio de Bragança, que reivindica para si a sucessão da monarquia portuguesa. Representada até 25 de Abril pelo dr. Mário Soares, Dona Maria Pia tem actualmente como patrono o advogado Angelo de Almeida Ribeiro.

Maria Pia avança ainda com outros argumentos. Segundo, afirmou, «Portugal precisa de uma família real decente que, à semelhança de outros países, seja uma locomotiva do turismo e da cultura. Sou muito simples. Não quero muitas riquezas, mas, a não ser minha, a herança da monarquia deve ser do povo e não dos miguelistas, que não têm qualquer base jurídica e são uma criação de Carlota Joaquina».

A repartição da fortuna dos Braganças, cuja principal fonte de rendimento é o morgadio da antiga Casa dos Duques com o mesmo nome, foi efectuada sob a égide do ditador Salazar.

Maria Pia, a quem foi concedida a cidadania portuguesa em 1974, gosta de exibir o seu cartão de identidade, onde se assinala que seus pais foram Carlos de Saboia Saxe-Coburgo Bragança e Maria Amélia Laredo e Murça.

Pela sua casa, em Itália — diz — passaram as mais destacadas figuras da oposição, do general Humberto Delgado ao bispo do Porto.

Fraternidade Operária desmente contactos com UDP

Num comunicado de Imprensa o gabinete de informação da «Fraternidade Operária» desmente a existência de contactos entre aquela associação e a UDP, designadamente no quadro daquilo em que um semanário lisboeta apontava recentemente ser uma estratégia da UDP de luta contra o novo Governo (em tentativas de formação).

Afirmando que a FO «mantém-se aberta ao diálogo e ao exame conjunto dos problemas que se colocam à defesa da democracia e à luta pelo socialismo com todas as forças políticas da esquerda portuguesa sem que esta posição signifique o privilegiar de qualquer delas», o comunicado diz ainda:

«A FO sempre entendeu que a luta pelo socialismo e pela democracia em Portugal se deverá desenvolver num quadro unitário, respeitando-se a autonomia organizativa e política de cada força política. A FO não faz exclusões a qualquer organização com real implantação na população capazes de apoiarem a consolidação da democracia e a luta pela defesa da Constituição.»

Plenários da UDP

A UDP vai promover uma série de sessões públicas para divulgar as suas posições perante a situação política, realçando a necessidade de uma viragem política à esquerda.

A Comissão Distrital de Lisboa daquele partido anunciou para os últimos dias do corrente mês sessões públicas em Cascais, Oeiras, Sintra e Amadora, «com o objectivo de analisar a situação do movimento face aos problemas locais e perspectivas e formas de luta imediatas».

Rendeiros das Beiras contra a Lei 76/77

Em face dos despedimentos que depois da publicação da Lei 76/77 se têm verificado nas Beiras, o MARN (Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte) decidiu promover uma campanha, nos meses de Janeiro e Fevereiro com vista à revogação dos artigos 17, 18 e 19 daquela legislação.

«Para que a nossa agricultura siga o caminho do progresso, nós precisamos de saber que a nossa permanência nas explorações que trazemos arrendadas não corre perigo», frisa-se num texto do MARN. Exigem ainda os rendeiros um regime de arrendamento justo tendo em conta «os sacrifícios que passamos na labuta dos campos».

VENDE-SE

Cerca de 40 Toneladas de tubo metálico c/ defeito desde:

Redondo 1/2" a 2"
Quadrado 1/2" a 40 mm
Rectangular 16×9,5 a 50×30

Podemos mostrar
Aceita-se propostas

TRATAR COM

FERPINTA

Fábrica Nacional de Construções Metálicas, Ld.ª
ARRIFANINHA — VALE DE CAMBRA
Telef. 42462 — Telex 25443 Ferpim P

FILMES KODAK
Super 8, ainda a preço especial 270$00, com revelação incluída
«GALERIAS ROLDÃO»
AV. ALMIRANTE REIS, 13-E — (Metro Intendente)

CONTICEX
SISTEMAS DE CONTABILIDADE POR DECALQUE E MECÂNICOS
MATERIAIS PARA TODA A CONTABILIDADE TIPO EFICEX
EXPOSIÇÃO E VENDAS:
AV. JOÃO XXI, 4 r/c D.º e 4-A TELEFONE 888417/25

ATÉ ÀS 23 HORAS

Rodoviários votam

Estão a decorrer desde manhã cedo e até às 23 horas as eleições para os órgãos directivos do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, às quais concorrem duas listas.

O acto eleitoral está a ser assinalado por boa afluência às urnas, nas nove mesas de voto distribuídas pelo distrito (Lisboa, Cascais, Mem Martins, Mafra, Torres, Vedras, Vila Franca, Sacavém). Os cadernos eleitorais registam a inscrição de 14.505 associados.

A lista A é unitária e propõe-se lutar em «defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores rodoviários», contemplando no seu programa a necessidade de eliminar as discriminações existentes no sector e de resolver os graves problemas com que se debatem os trabalhadores da Rodoviária Nacional e da Carris. Entre os candidatos contam-se cinco elementos da actual direcção do Sindicato e diversos activistas sindicais conhecidos da classe.

Por seu turno, a lista B concorre com a sigla «Por um Sindicato Democrático ao Serviço de Todos os Trabalhadores», e é considerada afecta à Carta Aaberta».

SNICT

Os resultados de votação ontem realizada em todo o país para os corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações SNTCT) só serão conhecidos a partir do próximo dia 23, segunda-feira, segundo informação recolhida esta manhã junto da respectiva mesa eleitoral. Este prazo foi marcado tendo em conta que a recepção e apuramento dos votos provenientes do continente e ilhas, é um processo necessariamente moroso.

A proclamação dos resultados definitivos deverá ser feita apenas no dia 27.

COBRADORES

Realizam-se depois de amanhã, quinta-feira, as eleições no Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares, onde concorre apenas uma lista unitária.

Constituída por «trabalhadores que pretendem dinamizar e reforçar a acção do seu Sindicato como instrumento de defesa dos interesses dos seus associados, na luta por melhores condições de vida», a lusta propõe-se desenvolver a asua actividade nos domínios da contratação colectiva pela recuperação do poder de compra, contra os despedimentos pela verticalização e pelo reforço da organização sindical.

Os princípios que informam este programa serão hoje debatidos no decurso de duas sessões de esclarecimento em Lisboa e no Porto, marcadas respectivamente para as 18 horas no Sindicato dos Telefonistas, e às 19 horas na delegação do Sindicato dos Cobradores.

O Sindicato abrange cerca de 3.100 associados em todo o País. Durante o acto eleitoral, no dia 19, funcionarão mesas de voto nas instalações do sindicato, em Lisboa e Porto. É ainda possivel votir por correspondência nos termos estatutários.

AJUDANTES DE FARMÁCIA

No Sindicato dos Ajudantes de Farmácia, do Sul e Ilhas realizam-se eleições no próximo dia 28, um sábado. Concorrem duas listas: a «A» tem características unitárias e identifica-se com a actual direcção, ao passo que a «B» se auto-filia numa «linha independente dos trabalhadores portugueses».

Podem votar cerca de 2.800 sócios, quer na única mesa de voto (sede do Sindicato), quer por correspondência, que deverá dar entrada no Sindicato até à vespera do acto eleitoral.

CONTRA A DESESTABILIZAÇÃO

Grupo da S. N. de Sabões em greve na segunda-feira

Os cerca de 1500 trabalhadores das empresas do grupo da Sociedade Nacional de Sabões vão entrar em greve por tempo indeterminado a partir das zero horas da próxima segunda-feira, até que a entidade patronal satisfaça o caderno reivindicativo que será apresentado.

Fundamentalmente, exige-se a manutenção do horário semanal das 40 horas com duas folgas por semana, o pagamento dos complementos das reformas e dos subsídios de doença, a não admissão na empresa de ex-comandos e o afastamento do eng.º Marques de Sousa da gestão central do grupo de empresas.

Segundo um elemento da CT da Sociedade Nacional de Sabões, neste grupo de empresas «viveu-se sempre em paz». À beira da falência no 25 de Abril, foram os trabalhadores que levantaram o seu nível de produção e lutaram pela recuperação económica das empresas. A atestá-lo, apenas duas cifras: em 73, o valor de produção foi de 400 000 mil contos, calculando-se que em 77 aquele valor tenha subido para 1 200 000 contos.

Até que em Julho passado, a principal administradora do grupo, Maria Helena de Sousa Beirão da Veiga, conseguiu introduzir no grupo de gestores um seu irmão, o eng.º Marques de Sousa, há anos afastado dessas funções.

A partir de então este elemento tem aplicado nas empresas uma prática de capitalismo selvagem que os trabalhadores se recusam a ceitar.

Uma das regalias que a administração pretende retirar aos trabalhadores é o horário das 40 horas semanais que há dois anos vêm praticando, com o compromisso de velarem pela produção, o que comprovadamente tem acontecido. Com base na PRT do sector químico, que contrariamente à posição sindical, estabeleceu horários de 45 e 42 horas semanais, distribuídos por 5 dias de trabalho, a administração pretende aumentar os horários para 42 e 45 horas por semana, distribuídas por 6 dias de trabalho, esquecendo além do mas, que a mesma PRT defende que os horários acordados anteriormente à sua publicação se mantém face a isto, os trabalhadores ameaçaram fazer greve em Dezembro e o caso transitou para o Mini - tério do Trabalho que se comprometeu a analisar o problema dos horários até dia 17 de Dezembro passado. Como entretanto o Governo se demitiu e o MT não se pronunciou, a administração da empresa achou por bem descontar aos trabalhadores dois mil escudos por mês.

Outra prática da administração tem sido a admissão de ex-comandos que circularão pelas várias secções, formando uma espécie de polícia de informação. Isto em prejuízo das 500 candidaturas a vagas correspondentes a outras tantas inscrições, algumas de longa data. Consta também nas empresas que vão ser suprimidos os complementos de reforma e de doença que de há muito se vêm praticando neste grupo de empresas.

8 Ao grupo pertencem, além da Sociedade Nacional de Sabões, a Fábrica Nacional de Margarinas, a Sovendal e a Vitamealo.

EM LUTA PELO CCT

Pescadores do alto podem antecipar regresso

A Federação dos Sindicatos do Mar aguarda que a secretaria de Estado das Pescas lhe comunique o dia e a hora da audiência solicitada pelos Sindicatos para resolver o problema levantado pela negociação do CCT do sector.

Aquele organismo governamenta comprometeu-se a comunicar ontem essa inforxação, o que todavia não chegou a fazer. Entretanto esta tarde, efectua-se uma reunião na Federação para fundamentalmente se deliberar sobre a posição dos trabalhadores dos navios que se encontram no Atlantico Sul.

As negociações do CCT iniciaram-se em Novembro de 76 com as empresas nacionalizadas, não tendo comparecido os representantes da Associação de Armadores das Pescas Industriais. Posteriormente, em Janeiro de 77, as negociações foram interrompidas por altura de uma greve de pescadores provocada por questões de matrículas e credenciais.

No passado dia 10 de Janeiro, em nova reunião, a associação patronal exigiu a anulação do clausulado já engociado e o recomeço das negociações, apresentado como contraproposta o CCT de 1974 e fazendo tábua rasa do CCT em vigor desde 76.

os trabalhadores da pesca do alto (600 trabalhadores em cerca de 14 navios) que se encontram a operar nas costas da Mauritânia, decidiram, face a esta posição do patronato, regressar a Portugal se até ao próximo dia 20 não recomeçarem as negociações, sem anulação de quaisquer cláusulas acordadas. Os pescadores dos navios de pesca longínqua (cerca de oito navios e um total de 350 trabalhadores) que se encontram a operar no Atlantico Sul, remeteram a decisão sobre as medidas que vão tomar para a Federação dos Sindicatos Mar.

No caso de as negociações não recomeçarem até ao próximo dia 20, depois de regressarem, os pescadores decidirão quanto tempo ficarão imobilizados e o que farão ao pescado que vão transportar.

De acordo com informações prestadas pela Federação dos Sindicatos do Mar, o problema que mais «aflige» o patronato é a questão da alimentação dos pescadores do alto. Contrariamente ao regime que universalmente se pratica quanto à alimentação destes trabalhadores, custeada pelo patronato em todo o mundo, os pescadores do alto portugueses recebem um subsídio e compram a alimentação do seu bolso. A prática do regime universal fora já estabelecida nas cláusulas acordadas, comprometendo-se as empresas a adoptá-lo até 31 de Março de 77. A recente posição do patronato vem anular esta medida.

Os pescadores constituem no nosso país uma classe profissional das pior pagas e com piores condições de trabalho. Além disso, os pescadores portugueses assistem actualmente a uma enorme especulação na venda do produto do seu trabalho. Com efeito, as empresas armadoras vendem o peixe da Docapesca a 40$00 o quilo, enquanto os pescadores e são pagos com base na venda do peixe a 28$00 o quilo.

Rurais de Bragança preparam sindicato

No próximo domingo dia 22 efectua-se na escola primária de Felgar (Moncorvo) uma reunião de assalariados agrícolas do distrito de Bragança com vista à criação do respectivo Sindicato. A reunião, marcada para as 14 e 30, será preparatória da assembleia constituinte do Sindicato, que terá lugar em Março próximo. Nela deverão ainda participar como colaboradores os representantes do sector agrícola da União dos Sindicatos do Porto.

Situação mantém-se na Alumínia

Mantém-se a situação na empresa metalúrgica Alumínia do Porto, depois de uma reunião ontem, na delegação do MT que acabou jap de noite, sobre o problema da reintegração do trabalhador António Pinho Vítor, despedido pela administração na passada terça-feira, além de repreensões e suspensões que atingiram outros trabalhadores. Estes factos motivaram a paralisação da empresa, que se mantém.

Sindicatos do Porto estudam reforço organizativo

. Um documento sobre a situação financeira do Movimento Sindical elaborado pelo Secretariado da CGTP-Intersindical foi detalhadamente analisado na passada terça-feira, no decurso de um plenário de sindicatos do distrito do Porto, realizado na sede da respectiva União.

O documento, que foi objecto de algumas propostas de alteração, «visa o reforço da intervenção dos sindicatos pelo aproveitamento mais racional dos meios técnicos e humanos existentes» — afirma-se, a título de conclusão, num comunicado final.

Em SETÚBAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LOUREIRO

INATEL
TURISMO SOCIAL

Informa que ainda existem lugares vagos para as seguintes excursões :

ALGARVE FLORIDO	— 21 e 22/1/78
SERRA DA ESTRELA	— 28 e 29/1/78
CASA DOS PATUDOS	— 29/1/78
CARNAVAL NA MEALHADA	— 4 e 5/2/78
CARNAVAL EM SINES	— 7/2/78

Informações e reservas de lugares — Calçada de Sant'Ana, 180 em Lisboa — Tel. 538871

SOLTAS

BANCÁRIOS

Encontra-se em preparação o I Congresso Nacional dos Bancários, que deverá realizar-se durante o mês de Novembro de modo a não coincidir com o período de férias. A data foi marcada ontem, no decurso de uma reunião efectuada no Porto com a presença de elementos das comissões sindicais de delegados e de trabalhadores da zona Sul e Ilhas. Nos termos de um manifesto aí aprovado, «o enquadramento e resolução dos problemas da banca e dos seus trabalhadores passam por um Congresso Nacional dos Bancários, cuidadosamente preparado, democraticamente organizado e amplamente participado».

SINDICALISTAS HÚNGAROS

Encontra-se desde ontem entre nós uma delegação do Conselho Central de Sindicatos Húngaros (SZOT), que visita Portugal a convite do secretariado da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional. Estão previstas reuniões conjuntas entre representantes das duas centrais sindicais, e visitas a diversas empresas.

SONORTE

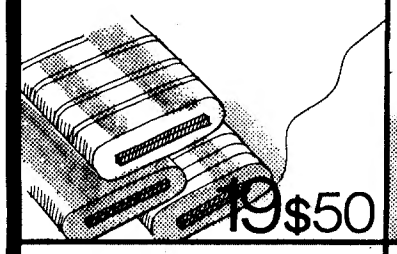
Um grupo de trabalhadores da UDP na Sonorte (Alfragide) acaba de alertar para a gravidade da situação que se vive na empresa (intervencionada) devido à «falta de apoio financeiro e gestão» por parte do Governo. Num comunicado distribuído a este respeito, lembra-se que o regresso do patronato não será solução, já que pode implicar a «falência a curto prazo» com as respectivas consequências para os trabalhadores.

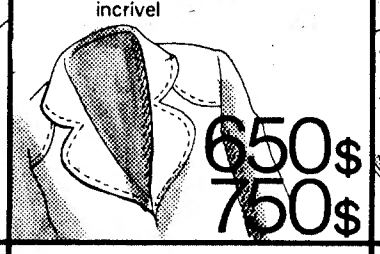
VIDREIROS

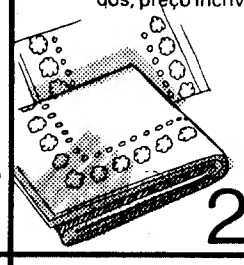
O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira vai realizar nos próximos dias 21 (em Lisboa e Porto) e 25 (na Marinha Grande) uma assembleia geral destinada a alterar algumas disposições dos estatutos e a debater a possível adesão daquele organismo à Federação dos Sindicatos da Indústria de Cerâmica. As alterações propostas visam adequar os estatutos à legislação vigente e substituir algumas disposições controversas.

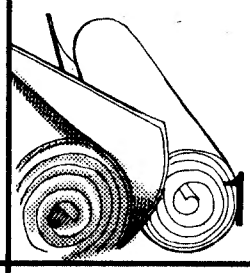
HOTELARIA DA MADEIRA

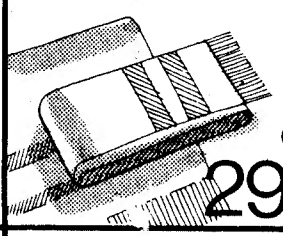
A portaria de regulamentação de trabalho para a indústria hoteleira da Região Autónoma da Madeira acaba de ser publicada no **Boletim do Trabalho e Emprego**. Este primeiro número de 1978, agora em distribuição, insere ainda diversos contratos colectivos, designadamente o CCT para a indústria têxtil (trabalhadores de escritório e engenheiros técnicos), o CCT para os trabalhadores de cerâmica do barro vermelho (electricistas do centro), o CCT para os trabalhadores da indústria de alimentação e bebidas de Angra do Heroísmo, e o CCT para os trabalhadores de escritório e correlativos ao serviço das empresas de fibrocimento, além de diversos despachos e portarias.

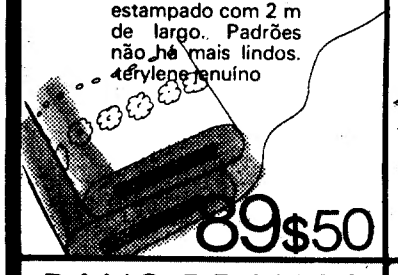
POPELINES
estampadas, boa popeline, 0,90 de largo preço incrível

19$50

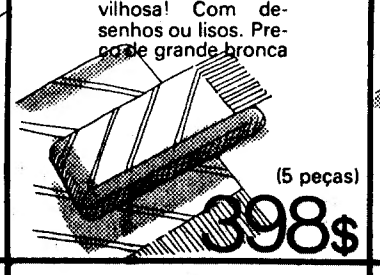
CASACOS DE FAZENDA
pura lã, para senhora, mas bons, mas bonitos, a preço incrível

650$
750$

JOGOS DE CAMA
estampados com 2 m de largo. Padrões lindos, preço incrível

298$

ALCATIFA
de qualidade a preço incrível

125$ m2

JOGOS DE BANHO
o que há de melhor, são mesmo coisa de sonho

(5 peças)
298$

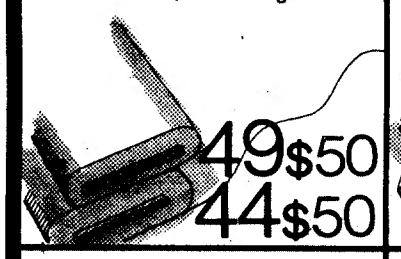
PANO DE LENÇOL EM TERYLENE
estampado com 2 m de largo. Padrões não há mais lindos. Terylene genuíno

89$50

JOGOS DE BANHO
turco aveludado. Que coisa maravilhosa! Com desenhos ou lisos. Preços de grande bronca

(5 peças)
398$

JOGOS DE BANHO
bom turco, mas mesmo bom turco. 5 peças. São tão lindos

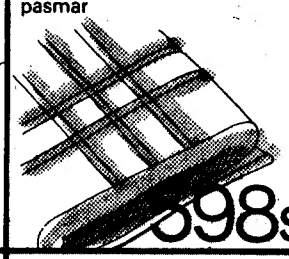
175$

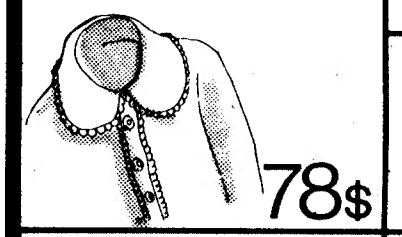
SALDOS
PREÇOS DE ARRASAR

PANO BRANCO
para lençóis
com 2 m de largo
com 1,80 m de largo

49$50
44$50

PANO DE LENÇOL
em verdadeiro terylene, no melhor terylene 1,80 m de largo
2 m de largo

75$00
84$50

COBERTORES
aveludados para casal, com desenhos de sonho. São tão lindos, preço de pasmar

398$

CAMISAS DE DORMIR
em mousse para senhora. Muito quentinhas

78$

LENÇÓIS DE FLANELA
estampados, boa flanela, lindos desenhos.
Com 2 m de largo 245$

ANORAK'S
unisexo — são impermeáveis, são modernos
398$

SHANTUNG
trevira estampado com 3 m de largo
198$

BLUSÕES canadianas
casacos
a um preço terrível
imitação de antílope 650$
imitação de cabedal 750$

CAMISAS
de dormir estampadas, mousse naylon, quentinhas com lindos desenhos. Para senhora
98$

CAMISOLAS
unisexo de gola alta. São modernas, são quentinhas
98$

ALCATIFA
de grande luxo, da melhor com pêlo alto, preço de bronca
198$ m2

ROUPÕES
de fazenda, pura lã. Double face, para homem. São mesmo quentinhos
980$

CAMISAS DE DORMIR
em flanela para senhora, são quentes são boas
108$

PANO DE LENÇOL
casca d'ovo branco e azul (lençol de beliche) com 1,10 m de largo.
É de borla. 39$50

PIJAMAS
turcos, bonitos, de boa qualidade para homem e senhora
198$

BIKINIS
de malha, fio escócia, ao nível das melhores marcas
45$

CHAPÉUS DE CHUVA
modernos para homem e senhora. São curtinhos daqueles que se metem na algibeira 398$

LENÇÓIS
de flanela com riscas com 2 m de largo a preço incrível
135$

BABYGROW'S
para bébés. Tão bons, tão giros, e o preço é amoroso
88$

TOALHINHAS
muito girinhas, para mesa com desenhos estampados
17$50

CRETONE
de gorgurão. Padrões maravilhosos. A preço de guerra com 1,30 m de largo
59$80

COLCHÕES
de molas e espuma a preços de arrasar. Somos distribuidores, custam menos do que na fábrica

CORTINADOS
de todos os tipos. Bordados, veludos, arrendados, em linho. Coisa riquíssima, a preços baixíssimos

VOIL
estampado em voil inglês. Maravilhoso. Nunca houve em Portugal coisa tão linda. O preço é de milagre
98$

PANO BRANCO
para lençol, qualidade superior. É mesmo muito bom.
Com 2 m de largo
59$50

TOALHAS DE MESA
temos toalhas tão lindas que até abrem o apetite. Preços sem concorrência

CRETONE AUSTRÍACO
mas de grande nível. Desenhos maravilhosos
qualidade da melhor 79$80

SHANTUNG BRANCO
para cortinados. É de terylene. faz cortinados muito finos.
Com 3 m. de largo 175$

TOALHAS DE ROSTO
coisas boas, coisas ricas. São grandes
39$50

PANO DE LENÇOL
estampado, desenhos de sonho, qualidade superior.
Com 2 m de largo 79$50

SALDOS
armazéns do CONDE BARÃO
SALDOS

CASCAIS — QUELUZ — AMADORA — ALGÉS — LISBOA (C. BARÃO GRAÇA M. MONIZ) — MOSCAVIDE — VILA FRANCA DE XIRA

EPAL

EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA A ADJUDICAÇÃO DA «EMPREITADA DE FORNECIMENTO, TRANSPORTE E MONTAGEM DAS INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE SACAVÉM»

Faz-se público que no dia 27 de Fevereiro de 1978 pelas 15 horas, na Sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

Para ser admitido ao concurso é necessário prestar a caução provisória de escudos 20 000$00 (vinte mil escudos) nos termos do Programa do Concurso.

Os concorrentes deverão ser titulares de alvará de empreiteiro de obras públicas da VI Categoria, da 7.ª e 8.ª subcategorias e da classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, até às 17 horas do dia 24 de Fevereiro de 1978.

O Programa do Concurso e o Caderno de Encargos estão patentes todos os dias úteis, excepto sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa Pública das Águas de Lisboa, onde poderão ser examinados e obtidas cópias.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1978

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da CFAL
João Bau

C. P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 17 de Janeiro de 1978, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração da cantina da estação de Belver.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 4 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 500$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Belver
— Entroncamento
— Abrantes
— Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (Santa Apolónia)
— Serviço de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — E. P., Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração da cantina da estação de Belver».

INVERNO 77/78
PARIS
cidade luz
1 SEMANA
PARTIDAS: Dezembro 2,9,16,23,30
Janeiro 6,13,20,27
Fevereiro 3,10,17,24
Março 3,10,17,24,31
preços desde 8.620$
INCLUINDO:
- Viagem aérea
- Estádia no Hotel em quartos c/banho
- Visita da cidade com guia local
- Taxas de Estado turismo e serviço
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sofia, 2 • Telefs. 27011/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

Na MARINHA GRANDE o «DL» é vendido por Carlos Manuel de Noronha e Azevedo — Rua Marquês de Pombal

FERNANDA LOPES CARDOSO E KALIDÁS BARRETO AO "DL"

UESD será força medianeira

Realiza-se no fim do mês a Convenção Nacional da Esquerda Socialista e Democrática, reunião organizada e dinamizada por militantes da esquerda, na sua maioria vindos do PS e pertencentes à Fraternidade Operária e ao M.S.U.

A propósito da realização da Convenção e da forma como ela se insere na actual cena política portuguesa, o DL ouviu dois dos mais prestigiados promotores da reunião — Fernanda Lopes Cardoso e Kalidás Barreto.

DL — **Quais os objectivos que presidiram à convocação da Convenção da Esquerda Socialista e Democrática?**

Fernanda Lopes Cardoso — Os objectivos que pretendemos atingir são fundamentalmente os de criar um movimento político, que eventualmente se poderá transformar em partido, que mobilize uma fracção da esquerda que neste momento se encontra sem perspectivas organizativas que lhe permitam exprimir-se e que se reclama do socialismo democrático.

DL — **Com que apoios contam para a realização da Convenção e para um movimento desse tipo?**

FLC — A nossa ideia é que temos efectivamente um apoio popular bastante grande, senão não nos meteríamos numa aventura deste tipo. Se temos ou não esse apoio, se as nossas expectativas correspondem ou não à realidade, isso ver-se-á, será o próximo episódio. Talvez sejam essas, aliás, as razões que nos levam a criar um movimento político; queremos primeiro medir as nossas forças. No entanto, é nossa convicção, dada a forma como as pessoas têm correspondido, como têm participado nas reuniões públicas, o interesse que têm demonstrado, levam-me a crer que a Convenção terá um grande impacto. Quanto a «personalidades» e como curiosidade, posso dizer-lhe, por exemplo, que contaremos com a presença do Dinis Machado, para além de outros nomes que já foram anunciados.

Kalidás Barreto — Eu devo dizer, com toda a prudência, que o movimento está a suscitar grande apoio popular. E eu noto isso a nível das bases operárias, sobretudo oriundas do PS ou que se tenham mantido até agora numa posição de independência.

São inúmeras as pessoas que acorrem a perguntar o que é a Convenção. Isto em grande parte porque nós representamos, de alguma forma, um sentimento. Um sentimento, por um lado para as pessoas que se vêm enganadas quando se mantêm fiéis ao projecto político a que aderiram e, por outro, para as pessoas que nunca fizeram uma opção por uma organização que os oriente e mobilize. E nisso que vai residir a nossa possível transformação em partido político. Porque realmente não queremos ser nada imposto, mas sim a expressão de um sentimento que, quanto a nós, parece existir, pelo que a Convenção será um momento de certo modo importante na vida portuguesa.

DL — **Depois da Convocação da Convenção, que passos concretos foram dados para a organização?**

FLC — A Convenção foi convocada numa reunião realizada em Coimbra, de militantes socialistas, que discutiram a sua posição perante o partido e que depois, numa reunião de sócios fundadores da Fraternidade Operária (entidade máxima da Associação até à realização da primeira Assembleia Geral, em Março próximo), puseram o apoio a esta iniciativa que foi aprovado por grande maioria. A partir daí formou-se uma Comissão Organizadora, criaram-se comissões de trabalho e marcou-se a data da Convenção.

KB — Talvez valesse a pena revelar que, a nível de adesões que entretanto tivemos, 25 por cento são constituídas por sindicalistas e que já temos inscrições de todas as partes do país — ontinente e ilhas.

SOCIALISMO AUTOGESTIONÁRIO

DL — **Quais serão os pontos principais do programa da União da Esquerda Socialista e Democrática?**

FLC — Se assim se vier a chamar...

KB — Aliás eu discordo à partida do nome. O que é isso de socialismo democrático? Socialismo é também democracia, é a evolução da democracia.

FLC — Eu também penso que socialismo só há um. Mas historicamente definiram-se duas correntes diferentes que se reclamam do socialismo, uma delas chamou-se tradicionalmente do socialismo democrático e corresponde, de certo modo, ao nosso projecto de socialismo autogestionário. O que é que se há-de fazer?

Falando do programa nós pensamos existirem quatro pontos fundamentais que nos autonomizam das outras forças: a autogestão, a planificação democrática, a articulação entre a democracia representativa e a democracia de base e, finalmente, a questão da defesa das liberdades democráticas.

DL — **Qual poderá ser, na actual sociedade portuguesa, o vosso espaço político?**

FLC — Essa questão tem sido muito debatida. Numa entrevista que deu ao «Le Monde» o dr. Álvaro Cunhal disse que não gostaríamos de preencher o espaço político entre o PS e o PCP, mas que queríamos, sim, preencher o espaço à esquerda do PCP, que já estaria preenchido. Cada um tem a sua opinião... Essa não é a nossa ideia, mas depende do modo como somos vistos de fora.

KB — E evidente que nós pretendemos assumir tudo aquilo que, no fundo, o Partido Socialista depois da sua fundação, não foi capaz de assumir. Cremos que entre o Partido Socialista e o Partido Comunista existe um espaço, um leque de pessoas que é necessário organizar e um vazio político que temos de preencher. Não é exactamente à esquerda de coisa nenhuma, mas mesmo aí.

FLC — Em certos aspectos estaremos à esquerda do PCP e noutros à direita, da mesma forma como aconteceu com o PS durante breves períodos, nomeadamente desde Maio de 74 até dois ou três meses após o Congresso. Aliás neste foi definido um programa que não era realmente aceite pela direcção do PS, que só o aceitou tacticamente por causa da correlação de forças existentes no país. Aqueles que, na altura, de facto apoiavam e se identificavam com esse programa encontram-se hoje em confronto com a direcção do PS. Não há dúvida que em certos casos, por exemplo na defesa das Comissões de Trabalhadores, em certas lutas operárias, o Partido Socialista teve uma posição à esquerda (eu não gosto desta terminologia) do PCP. Em minha opinião, no entanto, o problema não é estar à esquerda ou à direita, trata-se de ter assumido uma posição diferente, embora as coisas não sejam vistas assim normalmente, mas de uma forma mais simplificada: direita-esquerda.

KB — Falando ainda do nosso espaço político é bom que se veja que em Portugal não há um partido socialista. Há um partido liberal que se chama social-democrata. Temos um partido democrata-cristão que é o CDS, com as conotações todas que tem e com a sua ideologia que tem nada a ver com a democracia cristã. Depois temos um partido social-democrata que é o Partido Socialista, depois um Partido Comunista e depois a extrema esquerda. Logo, falta um partido socialista em Portugal. Isto não quer dizer que vamos ser o partido verdadeiramente socialista... No entanto pensamos ser urgente a criação do partido socialista que não existe neste país.

FLC — Mas deve ficar bem claro que ele não se deve assemelhar aos tradicionais partidos socialistas...

KB — Ah! sim, sem ser dentro da linha da II Internacional.

TERCEIRA FORÇA

DL — **Isso quererá dizer que vocês pretendem ser a terceira força dentro da esquerda portuguesa?**

KB — Poderemos vir a ser uma força importante na esquerda portuguesa. Para a unificar, o que passa pelo PCP, pelos partidos à esquerda do PCP e pelo PS.

FLC — Sim, porque o actual Partido Socialista é um partido muito pouco homogéneo na sua composição. Porque há muitas pessoas que podem reclamar-se de esquerda e que estão no Partido Socialista por razões sentimentais e não ousam romper com a actual direcção. Portanto, constitui em lá dentro uma força que pode considerar-se de esquerda, que se situa à esquerda.

A existência de uma força ou de uma organização do tipo da nossa na esquerda portuguesa pode contribuir extraordinariamente para a unidade. É evidente que a unidade não se pode fazer entre coisas inexistentes e se as pessoas se encontram completamente dispersas, em casa, desmobilizadas, não podem influenciar nada no sentido da unidade. A nossa ideia é de facto reforçar a unidade da esquerda. Inclusivamente como força medianeira dentro da esquerda. Aliás isso já se verificou a nível sindical, nalguns casos. Se foi possível em certos sindicatos, chegar a listas unitárias foi graças à nossa intervenção.

KB — Realmente o que nós pretendemos é unir a esquerda e não dividi-la. O nosso objectivo é exactamente esse. Não seria normal que no nosso país, onde a esquerda é maioritária, tivéssemos um Governo de esquerda? Talvez isso não tenha sido possível por não haver ninguém a intervalar, por não haver uma segunda força de esquerda não-comunista. Se realmente tivermos, no plano eleitoral, alguma relevância, isso pode levar a novos arranjos políticos, mesmo a nível de Governo.

Por exemplo admitamos a hipótese que o Partido Socialista venha a ter 25 por cento; que o PCP aumenta para 20 por cento e que nós, por hipótese conseguimos 5 por cento. Isto obrigava a uma recomposição de esquerda.

DL — **São essas as vossas expectativas eleitorais?**

KB — Nós não fazemos sondagens mas temos informações, até de sondagens feitas por outros que não são, evidentemente, aquelas que eles tornam públicas. E isso leva-nos a admitir a existência de um vazio político entre o PS e o PC que abrange perto de 10 por cento do eleitorado.

DL — **Falaram há pouco da vossa intervenção a nível sindical. Quais as vossas propostas neste sector?**

KB — E evidente, até porque vários elementos do Secretariado da Intersindical apoiam a realização da Convenção, que nós defendemos a Central Sindical única. O Movimento

para reforçar a esquerda

da Carta Aberta à cada vez mais um movimento divisionista e perturbador que pretende a criação de estruturas paralelas, respondendo de forma antidemocrática às derrotas sucessivas que tem tido nas eleições. Nós defendemos nas estruturas sindicais tanto quanto possível a formação de listas unitárias, onde não haja hegemonia de nenhuma força partidária, listas que saiam de discussões amplas e cada vez mais abertas. Aí sim, que sejam personalidades de prestígio no movimento sindical, junto dos trabalhadores a se candidatarem com base em acordos programáticos. É preferível que se demore mais tempo na realização desses acordos, a apresentar listas partidárias, ou então, o que é então um programa ainda mais triste, diversas listas de esquerda.

DL — **O País atravessa actualmente crises muito diversas. Mas a mais preocupante é sem dúvida a crise económica. Qual é o caminho que vocês apontam para a resolução da crise?**

FLC — Pensamos que a resolução da actual situação de crise passa decisivamente pelos sectores nacionalizado, intervencionado e cooperativo. E aí que reside o fulcro do desenvolvimento. E isto por uma razão muito simples — ão haverá investimento privado sem uma liberalização completa da economia. Os investimentos privados não vão investir enquanto não tiverem tudo o que quiserem. E o resultado lógico da política que tem sido seguida vai ser a contenção do emprego. Até porque se olharmos um pouco para trás, teremos de ver quem são os responsáveis pela actual situação económica. E é evidente que os investidores privados portugueses nunca tiveram dinamismo nenhum, mesmo antes do 25 de Abril. De resto, basta ter um mínimo de cuidado e ver em que regime funcionam a grande maioria das unidades fabris do Norte do país. O sector privado antes do 25 de Abril já não investia e quando o fazia era mais no campo imobiliário do que na própia indústria. De qualquer maneira, eles só aceitarão investir em condições para a mão-de-obra pelo menos idênticas às que tinham dantes.

DL — **E o que é que pensam do recurso ao investimento estrangeiro e, nomeadamente, do chamado «grande empréstimo»?**

KB — É evidente que nós não somos por princípio e de «chapa» contra o investimento estrangeiro. Mas entendemos que ele deve ser limitado e que se deve submeter a um corpo de regras — m código de investimentos — de forma a que a situação não seja tão liberal como é agora, nomeadamente no que se refere às fontes de investimento e à aplicação e saída de lucros. Se bem que o investimento estrangeiro só fique satisfeito quando transformar isto numa colónia...

Portanto, desde que haja essas condições muito claras, nós não somos em princípio contra esse tipo de investimento. Mas continuamos a dizer que todo o desenvolvimento económico passa pelo sector nacionalizado, intervencionado e cooperativo e por uma forte mobilização dos trabalhadores. E eu não acredito que os trabalhadores possam ser mobilizados através de um projecto que beneficie o sector privado e o investimento estrangeiro.

No que se refere ao grande empréstimo do FMI, tenho a impressão que o arrastar da crise torna inevitável o recurso a esse empréstimo. A questão passa pela discussão que se processar à volta dele e pelas condições que formos obrigados a aceitar. Se vamos deixar abrir as portas tal como eles querem, isto nem uma colónia será...

DL — **Falando ainda de crises, mas agora da governamental, como é que vocês vêem o desenrolar dos contactos para a formação do II Governo Constitucional?**

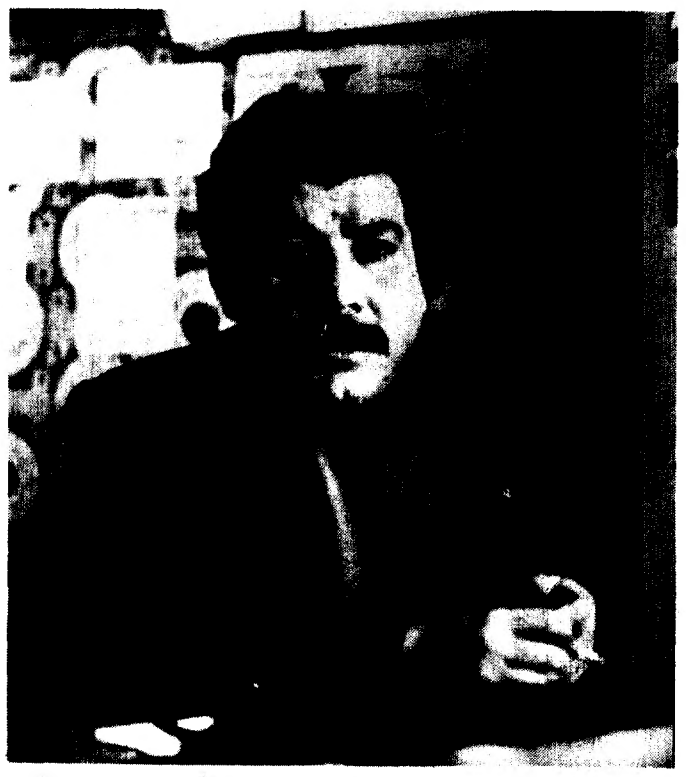
KB — Para já eu lamento profundamente que uma questão tão grave como é a formação do Governo e a discussão das suas bases programáticas tenha sido sempre feita nas costas dos trabalhadores e do povo em geral. As pessoas já estão fartas de há um mês ouvirem os políticos ir à Televisão dizer a mesma coisa, meia dúzia de chavões e de frases feitas, enquanto os problemas fundamentais continuam por resolver. Nem sequer acho que isto seja democrático — enchem a boca de democracia e depois têm uma actuação destas...

A política adoptada pelo Governo demissionário foi uma política que foi condenada pelos trabalhadores portugueses. E foi condenada porque realmente violentava os seus interesses. Ia muitas vezes em direcção diametralmente oposta à traçada na Constituição. Essa política foi derrotada não por aquilo que a direita foi fazendo ou dizendo, mas sim pelas massas. No fundo o Governo caiu porque não conseguiu aplicar aquilo que está na sua origem e é um paradoxo — querer governar apoiado à esquerda, com uma vontade política de direita. Ora parece-nos que tentar repetir qualquer experiência deste tipo é lançar este país no suicídio. Digo mesmo que é criminoso porque se sabe perfeitamente, hoje, qual a posição dos trabalhadores e a sua força organizativa, porque temos uma Constituição como a que temos e continuar a olvidar as posições assumidas por eles é atentar contra a democracia, é atentar contra o interesse da economia nacional.

A partida, eu não posso ver como é que um Governo com «personalidades» de direita pode dar bom resultado. Porque o que faltou ao primeiro Governo não foram «personalidades», foi, sim, uma verdadeira política de esquerda.

DL — **Mas que alternativa vêm, com este Partido Socialista e com esta direcção socialista?**

FLC — Eu penso que a actual direcção do Partido Socialista já demonstrou que, quando a correlação de forças é favorável à esquerda, era capaz de falar à esquerda e de realizar um certo tipo de acção que não eram de direita. A correlação de forças exteriores pode forçar a própria direcção do Partido Socialista a um volte-face. Não que, em minha opinião, eles gostem. Não está na sua natureza, já que, quando eles puderam mostrar qual era agiram como agiram... No entanto, se houver uma posição firme por parte dos trabalhadores e uma mobilização bastante grande por parte das forças de esquerda, se não andarem, no fundo, com o Governo ao colo... Porque as pessoas têm cedido um pouco àquilo que eu chamo uma chantagem por parte do Governo e da actual direcção do Partido Socialista: «Ou somos nós ou, camaradas, é o fascismo».



Se houver uma vontade e uma determinação bastante grande das forças de esquerda que origine a mobilização dos trabalhadores até o actual Partido Socialista pode ser obrigado a fazer uma política de esquerda.

DL — **Qual o papel que, na crise política, acham que deve ser o do Presidente da República?**

FLC — Eu penso que sem os militares não tínhamos o 25 de Abril e penso que o papel do MFA foi importante. E importante seria que hoje não houvesse nas Forças Armadas uma tendência para a despolitização completa. Não defendo a partidarização das Forças Armadas, mas sim que elas devem estar inseridas num quadro político global. Aliás, se elas têm como missão fazer cumprir a Constituição, elas têm um papel político a desempenhar, já que a Constituição aponta claramente num determinado caminho.

KB — Em relação ao Presidente da República eu acredito ainda na honestidade das pessoas e ele disse que haveria de cumprir a Constituição. Nos momentos de crise o Presidente da República tem assumido uma posição de equilíbrio. Naturalmente que não pode ser um interventor directo e mexer as pedras, porque isso poderia ter consequências muito graves para a própria democracia. Se o Presidente da República não deixar nunca de ter presente o seu juramento de fidelidade à Constituição, se ouvir aquilo que os trabalhadores lhe dizem, que isto só avançará com um projecto que os mobilize no sentido da Constituição, se o Presidente for capaz de conjugar na hora presente todo o seu peso político com esses factores, poderemos ter um Governo mais favorável.

FLC — Eu penso que não pode haver uma opção marcadamente constitucional ignorando os mecanismos económicos. E não se pode aceitar a conciliação entre a economia de mercado e o projecto constitucional; são incompatíveis. Nós não podemos continuar a querer conciliar tudo. Temos de privilegiar um sector e esse sector é o nacionalizado e o cooperativo, se queremos estar de acordo com o projecto constitucional. Estou-me a referir claramente ao discurso do sr. Presidente da República do princípio do ano. Houve uma frase que me preocupou muito — ue deviamos, para segurança da nossa economia, inclinarmo-nos para uma economia de mercado.

Essa frase é importante e tem um conteúdo económico que não está de acordo com o sentido apontado no projecto constitucional.

AINDA O LEITE FRANCÊS

UCREPA insiste no debate público

Numa reunião que teve lugar na Figueira da Foz, a UCREPA (União de Cooperativas de Retalhistas de Produtos Alimentares) debateu de novo o problema da comercialização do leite. O despacho do MAP que remete para o II Governo Constitucional o esclarecimento da questão através do debate público pedido pelas cooperativas foi repudiado pela UCREPA. Um representante da UCREPA afirmou que o convite se mantinha «porque só num diálogo público, construtivo, sério e correcto é que os problemas podem ser analisados e encontradas as soluções, e, nomeadamente, feita justiça.»

O mesmo porta-voz acrescentou ainda que a UCREPA repudia igualmente «o silêncio da RTP que esteve presente na conderência de Imprensa e que até agora não apresentou nada sobre o assunto em nenhum dos seus serviços noticiosos». A posição da UCAL também foi criticada. Depois do director daquela União ter reconhecido que houve, na verdade irregularidades na venda do leite, segundo sublinhou o representante da UCREPA, não se dignou explicar os motivos da sua atitude vindo portanto a dar razão à UCREPA quando esta a acusa de especulação.

A UCREPA continua disposta a lutar para que a verdade dos factos seja reposta.

LIGAS AGRÁRIAS DO NORTE:

"Voltámos ao tempo da outra senhora"

PORTO, 17 — «Há várias situações em que voltamos praticamente ao tempo da outra senhora, como por exemplo os grémios assaltados pelos seus mandões de antes do 25 de Abril e as juntas com gente saudosa dos velhos tempos na sua direcção», afirmaram ontem em conferência de imprensa, nesta cidade, os pequenos agricultores que integram a Aliança das Ligas Agrárias do Norte, após a reunião do seu plenário que decorreu na Associação de Moradores das Antas. Aquela mesma afirmação consta de um documento aprovado no plenário e dirigido aos agricultores do Norte, ao Presidente da República e à Comissão de Agricultura da AR, em que as 23 ligas ali presentes, representando outros tantos concelhos nortenhos, denunciam, num breve balanço do ano de 77, diversas situações lesivas dos seus interesses, dos da agricultura e dos do país.

O documento das ligas considera mau um ano em que viram «repetir-se os erros do passado» e o desprezo das autoridades face aos repetidos apelos dos pequenos agricultores, enquanto «os grandes senhores da terra são cada vez maiores e mais ricos». Assim, referem que nos matadouros, «dominam grandes marchantes proprietários e intermediários», os preços da junta, naqueles onde conseguiram inscrever-se, estão desactualizados e o «domínio e monopólio dos marchantes sobre as inscrições para abate no matadouro do Porto» é tal que, acrescentam, «só numa primeira apanha foram detectadas 2500 inscrições de falsos produtores». A par das ilegalidades, as ligas agrárias denunciam ainda os prejuízos com a batata que apodrece por falta de escoamento, a obrigação de pagarem uma quantia sobre o vinho sem contrapartida de preço e escoamento, as dificuldades com adubos, rações, pesticidas, sementes e máquinas para o que têm reclamado em vão o fornecimento através das cooperativas com crédito de juro baixo. Face à subida dos custos e à ausência das medidas reclamadas, com responsabilidades para organismos oficiais do sector, as ligas constatam que «os armazenistas enriquecem cada vez mais» e aos pequenos agricultores «nem o prometido foi cumprido» (caso do seguro nacional, «em que nos encheram de promessas para nada»).

Face a este panorama em que se permite que os «mandões» assaltem de novo e que os parasitas cresçam em número e tamanho, as ligas acrescentam: «se não estivéssemos de olhos sempre bem abertos, até para trás andávamos». E citam os baldios, «cuja legislação justa só se mantém devido à reacção imediata e firme dos conselhos directivos e assembleias de compartes em sua defesa».

Por outro lado, o documento das ligas do Norte, refere várias iniciativas por si tomadas, sem apoios, como a campanha de defesa dos produtores de leite, o fornecimento de produtos e adubos e o esforço para «criação de verdadeiras Cooperativas», a par da chamada de atenção das autoridades para diversos problemas. Neste último aspecto, contam-se o gado, os produtos a lavoura, a batata e o vinho: «alertamos com antecedência, são problemas com previsão, com solução. Nós e o País perdemos. Quem ganha? A terminar o documento renova a exigência de resposta para os problemas apontados.

Entretanto, no mesmo plenário, a Aliança das Ligas Agrícolas decidiu aderir ao anunciado «encontro das organizações da lavoura e dos agricultores do Minho, Trás-os-Montes e Beiras» marcado para 26 de Fevereiro próximo, em Coimbra, apelando para a participação de todos.

REFORMA AGRÁRIA

Quadros do PCP analisam a situação

«O grande êxito da campanha de sementeiras», resultante do esforço dos trabalhadores, foi sublinhado num encontro de quadros dos PCP nas UCP's e Cooperativas dos distritos da zona da Reforma Agrária que teve lugar em Setúbal.

Na reunião discutiram-se as medidas a tomar face à questão dos créditos para salários e a aquisição dos factores de produção necessários para as searas e culturas de Primavera, assim como para o desenvolvimento da produção agropecuária.

Paralelamente foi salientada a necessidade de os organismos do MAP darem apoio técnico e financeiro para culturas até agora pouco utilizadas naquelas regiões, nomeadamente o milho de regadio.

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL — R D A

CURSO DE HISTÓRIA E CULTURA DA R D A

Dias 17 e 18 às 21 horas, no Anfiteatro 1 da Faculdade de Letras de Lisboa.

Conferência pelo Dr. HUBERTO HELBING — ex-catedrático da Univesidade de HUMBDLDT de Berlim, subordinada ao tema:

«As Bases Filosóficas e Científicas do Socialismo na R D A»

Com a colaboração de alguns destacados elementos do estudo de Filosofia em Portugal.

— ENTRADA LIVRE —

COM MARIDO EMBARCADO

Mãe e quatro filhos sob ameaça de despejo

Para o advogado, é mais uma acção de despejo «chapa um». Basta ditar o que já sabe de cor. A secretária adapta ao caso concreto e já está. Depois o inquilino que conteste. Só que, em tantos e tantos casos, onde tem o inquilino dinheiro para contratar advogado que o defenda? E, ainda que consiga o favor de um advogado, onde tem ele uma lei que o proteja, que lhe garanta um efectivo direito a habitar?

Isabel Fernanda Ganeto, cabo-verdiana mãe de quatro filhos, marido embarcadiço (presentemente em Antuérpia à espera de novo contrato, pois foi despedido de um barco grego pelo capitão, que «não gosta de pessoas de cor»), veio ao nosso jornal. Alguém lhe disse que o fizesse. Limitava-se a exibir o papel selado, dobrado em quatro, no qual o advogado Martins Canaverde alinhou com facilidade, e chancelou, o que constitui para ele a ilegalidade de uma ocupação, não perdendo a oportunidade da referência política: «método ao tempo muito utilizado como é público e notório». Só faltou a alusão, o «caos», à «barbárie» epítetos com que muitos Canaverdes deste País se reportam a um período histórico que, para o povo trabalhador, significou a esperança, a confiança numa maior justiça social.

Isabel Fernanda Ganeto tinha porém uma história para contar, e que contou de um fôlego. Foi para aquela casa do Bairro do Alcaide em Cascais, porque um dito «amigo» do seu homem lhe dissera:

«Fulano (o antigo inquilino) foi-se embora. Eu não quero a casa, dás-me seis contos para as rendas a pagar em adiantado e vais para lá tu.

«Isto aconteceu em Novembro de 1975. A porteira admirou-se de nós não termos papel nenhum. O meu marido não sabe ler e nós não sabíamos como era. Depois o senhorio não nos quis a renda e então disseram-nos que fossemos à Caixa de Cascais depositar, porque nos podiam pôr na rua. Toda a gente no prédio pagava 1650 escudos e foi o que nós depositámos até que o meu marido ficou desempregado e não tínhamos dinheiro para pagar. O meu marido pediu cinco contos a um amigo e foi de comboio para a Espanha por não arranjar barco aqui. Arranjou barco, mas teve infelicidade e ficou doente na Argentina. Depois voltou e andou ao alto até arranjar outro navio, o tal do grego que o despediu a ele a outros de cor em Antuérpia. Eu dou três meios dias e não posso dar mais por causa das crianças. Agora não sei. A Comissão de Moradores já me disse que posso pôr os meninos na creche e assim podia dar mais dias, mas não dá mesmo assim para pagar. Ainda menos para os atrasados que o senhorio quer, se não manda a gente para a rua. Não sei o que fazer à vida. Já fui ao tribunal mas não me disseram nada. Depois, pessoas mandaram-me aqui».

Mais um despejo à vista. Ela e os quatro filhos, em risco de passarem o Inverno ao relento. Ele, embarcadiço, em Antuérpia à espera de contrato

E aqui acaba a história de Isabel Fernanda Ganeto,, um caso como tantos, desses que andam em papel selado. O senhorio é a Sociedade Geral de Construções Vieira de Brito SARL. De um lado, portanto, a «sociedade anónima». Do outro, uma família à deriva no emaranhado das leis e ameaçada de ficar sem tecto. Uma mulher e quatro crianças. «O senhorio ao menos podia esperar que o meu homem voltasse, não é?»

Isabel Fernanda voltou a dobrar em quatro o papel selado e foi à vida. Madrasta de vida.

Comissão de moradores repudia ameaça de despejo

Como noticiámos no passado dia 12, a Comissão de Moradores de S. João Ocidental foi intimada pela Junta de Freguesia a abandonar as suas instalações que, desde sempre, ocupou no edifício daquela Junta.

Entretanto em reunião realizada ainda na passada semana para apreciar esta situação, a Assembleia de Moradores aprovou uma moção de repúdio à decisão da Junta.

Saliente-se que esta Comissão tem expressão legal, é apoiada pela grande maioria dos moradores da freguesia e mantém uma intensa actividade o que contrasta com a completa inacção da Junta.

Director do "Diário de Lisboa condenado a 50 mil escudos

Acusado de ter praticado dois crimes de «abuso de liberdade de Imprensa», o nosso director dr. António Ruella Ramos foi ontem julgado no 9.º Juízo Correccional da comarca de Lisboa, tendo sido absolvido de um dos crimes que lhe eram imputados e condenado, pelo outro, a vinte dias de prisão substituídos para multa de 50 mil escudos.

Os dois casos que deram origem ao julgamento narram-se em poucas palavras. O primeiro, que originou a acusação de que o dr. Ruella Ramos foi absolvido, diz respeito a um artigo intitulado «Quem tem o processo de Monsanto» publicado no «DL» de 6 de Setembro de 1976. Neste artigo, que não foi escrito pelo nosso director mas cuja publicação ele é responsável nos termos da lei vigente, admitia-se que o chamado «processo de Monsanto» tivesse desaparecido e comentava-se esse desaparecimento tirando-se dele as necessárias e inevitáveis ilações. Afirmava-se, ainda, no artigo em causa, que os presos relacionados com a rede de bombista se encontravam em células colectivas e que recebiam visitas, como é o caso da visita do general António de Spínola, que dificilmente poderiam favorecer o apuramento da verdade. Para que a acusação fosse dada como procedente, tornava-se necessário provar que este artigo continha «um boato ou informação total ou parcialmente errada ou deturpada», nos termos do n.º 1 e alínea G do artigo 66 da Lei de Imprensa.

Atendendo a que a própria Polícia Judiciária Militar acabou por confirmar o desaparecimento do processo e que, nestas circunstâncias a notícia dada pelo artigo que fundamentou a acusação era verdadeira, dificilmente se poderia classificá-la de «boato ou de informação total ou parcialmente errada ou deturpada».

O problema de saber se a notícia era ou não alarmista, por outro lado, apenas se punha desde que ela fosse, efectivamente, falsa ou deturpada e, dado que se provou ser verdadeira, deixou de ter razão de ser, como o juiz declarou, em termos claríssimos na sentença:

Há pois, que concluir, que nenhuma prova se produziu de que o artigo em causa contivesse um «boato ou informação total ou parcialmente errada ou deturada».

Ora, a não verificação deste primeiro pressuposto prejudica, como é manifesto, a indagação sobre a verificação do segundo, porquanto é evidente que, se não prova que o artigo contém um boato ou informação errada ou deturpada, não há que tentar verificar se tem ou não potencialidade para alarmar as pessoas.

Em conclusão:

Não considero provado o ilícito penal imputado ao réu no processo principal.

O nosso director foi, muito justamente e como não podia deixar de ser, absolvido, mas esta absolvição não nos impede de pôr alguns problemas aos nossos leitores. A mais importante destas questões refere-se à natureza da função de um jornal e, sobretudo, aos problemas que um jornalista enfrenta diariamente para obter informações.

Se o autor do artigo que levou o nosso director ao banco dos réus tivesse requerido burocraticamente que lhe fosse dito se o «processo de Monsanto» tinha desaparecido, ou não, essa informação ter-lhe-ia sido prestada?

Haverá quem acredite que o jornalista em questão tinha recebido, dois dias depois, um ofício oficial dando o processo por desaparecido?

Julgamos que não, tal como julgamos que o público ficou a ganhar com as informações que obteve por intermédio do «DL».

Criou-se, por outras palavras, uma prática jornalística que permite, em certa medida, servir o público dando-lhe a saber o que ele tem a saber para se ajuizar do que está a acontecer à sua volta e essa prática jornalística, quando exercida com bom senso e em função do interesse público, é única forma viável de coadunar a liberdade que todos defendemos com o rigor da informação.

O «DL» não «requereu» informações sobre o processo de Monsanto — obteve-as como lhe foi possível e o resultado foi que cumpriu o seu dever de informar os seus leitores com a objectividade e o rigor que estão na base da sua actuação.

Esta «prática jornalística» a que nos referimos está, também, na base da segunda das acusações que levaram o dr. Ruella Ramos ao tribunal.

O caso, tal como o primeiro, conta-se em duas palavras.

Na sua edição de 24 de Fevereiro de 1977, o «DL» publicou um extracto de um despacho do juiz dr. Dario Brito exarado no Processo-Crime 569/76, estando este numa fase anterior à audiência do julgamento ou ao despacho de arquivamento, sem autorização do magistrado, cometendo, assim, no entender do juiz que agora julgou a questão, o crime previsto no artigo 74 do Código do Processo Penal. O despacho de que o «DL» publicou um extracto existe e o «DL» não o alterou. O facto narrado pelo «DL», por outras palavras, era rigorosamente verdadeiro e o crime de que o dr. Ruella Ramos foi acusado tem características meramente formais. Se o «DL» tivesse pedido autorização ao juiz para o publicar, ou se o processo estivesse numa outra fase, não teria havido crime.

Mais simplesmente ainda: o «DL» deu uma notícia verda-

CASO EDMUNDO PEDRO NO TRIBUNAL DE ALMADA

Armas no laboratório da Polícia C

O «caso Edmundo Pedro» parece entrar em nova fase. No passado sábado, os processos relativos ao conhecido dirigente do PS e sua sobrinha foram remetidos ao Tribunal de Almada.

Os dois continuam detidos nos calabouços da Judiciária, agora porém, à disposição do juiz daquele tribunal. Entretanto, o Estado-Maior não tenciona emitir mais nenhum comunicado sobre o assunto, «a não ser que surjam factos novos». Estes surgirão ou não após o pericial às armas encontradas em poder de Edmundo Pedro. O subdirector da PJ afirmou que os exames que estão a ser efectuados no laboratório da Polícia Científica poderão permitir localizar a origem das armas através dos elementos de identificação respectivos: marca, modelo, calibre, e número. Não confirmou, porém, conforme chegou a ser noticiado, que as armas, ou algumas delas, tivessem o número raspado. Ao que parece, apenas uma das «G-3» não tinha o número apagado.

Este é de momento o elemento mais polémico no conjunto das informações da Imprensa sobre o assunto, já que o EME insiste em que apenas se pronunciou sobre as armas que sabe pertencerem ao Exército, não se imiscuindo na área da competência da polícia quanto a outro material de guerra apreendido. Daqui a distinção que alguns jornais insinuam: estariam em poder de Edmundo Pedro armas distribuídas por autoridades militares e outras de proveniência não determinada.

Mantém-se por outro lado, o véu de mistério sobre quem entregou as armas a Edmundo Pedro por altura do 25 de Novembro, assim como continua por esclarecer (elemento importante para a própria compreensão dos acontecimentos registados no final daquele mês, em 1975) em que data, ou datas, as armas foram distribuídas, tanto ao dirigente socialista como a outros «democratas» (quais?) conforme o próprio Edmundo Pedro revelou.

De registar que o general Galvão de Figueiredo, ministro da República para os Açores, ao tempo vice-chefe do EME está em Lisboa. No entanto, um informador militar classificou o facto como sendo apenas uma «visita de rotina». Da mesma fonte militar qualquer pedido de esclarecimento, quer por

Encontro marcado para hoje entre os policlínicos e o MAS

Uma delegação dos policlínicos do 4.º ano (médicos candidatos ao internato da especialidade) vão ser recebidos hoje no Ministério dos Assuntos Sociais, na sequência da reunião do fim-de-semana da Comissão Nacional dos Médicos Policlínicos realizada no Hospital de Santa Maria e da concentração, frente à residência oficial do Primeiro-Ministro cessante, na tarde da passada sexta-feira.

Na reunião do Hospital de Santa Maria a Comissão Nacional dos Médicos Policlínicos exigiu a imediata reintegração dos 620 médicos despedidos, sem perda de direitos e a abertura de negociações directas entre aqueles e o Ministério dos Assuntos Sociais.

A CNMP reconheceria que durante as últimas semanas os conflitos com o MAS «se agudizaram, assumindo proporções gravosas para a situação profissional» dos médicos, acarretando, a curto e a médio prazo, «inevitáveis prejuízos para a assistência médico-sanitária».

Os policlínicos decidiram ainda «exigir que seja dada completa satisfação às reivindicações dos médicos para o Serviço Médico à Periferia 1978, em particular no que toca a garantia de continuidade de carreira para todos», bem como «apoiar as pretensões dos médicos actualmente no SMP de verem definido, rapidamente, o seu futuro profissional».

MÉDICOS DESMENTEM MAS

A propósito da nota oficiosa do MAS do passado dia 13, a Comissão Nacional de Médicos que aguardam o SMP em 1978 esclareceu que o «ponto de discordância com o MAS, e porventura impeditivo de continuação do SMP em um de Fevereiro de 1978, não é nem nunca foi, de carácter salarial, mas prende-se apenas à garantia de continuação nas carreiras médicas».

Quanto às afirmações constantes na nota oficiosa abordando os actuais vencimentos dos médicos à periferia, estes esclarecem e desmentem o teor da nota. Declaram: «É falso que o vencimento dos médicos do SMP sejam os indicados na referida nota. O vencimento é o da letra I (10 900$00), correspondente a um horário de trabalho de 36 horas semanais, ou seja, o da Função Pública, ao qual acresce uma remuneração adicional de um terço do vencimento base, relativa a 12 horas suplementares de trabalho semanal, isto é, estes médicos trabalham um total de 48 horas ordinárias por semana. Recebem os mesmos médicos um subsídio de deslocação de três mil escudos por mês, agravado em 50 e 100 por cento respectivamente na Madeira e nos Açores. Nos casos em que pelas entidades oficiais, não seja assegurado alojamento, o que está previsto na lei, recebem um subsídio de 1500$00 com tal fim. Estes subsídios são semelhantes ou inferiores aos auferidos por outras categorias de funcionalismo público».

Desaparecido

Já não é a primeira vez que José Luís Cardoso Matos, de 13 anos, abandona o lar.

O jovem que sofre de perturbações mentais, vestia na altura uma camisola encarnada de gola alta, e calças beijes de fazenda espinhada.

A quem souber do seu paradeiro é favor avisar as autoridades mais próximas ou comunicar com os pais, que residem no 4.º andar esquerdo do prédio n.º 9 da Rua Correia Garção.

"Jaime" de António Reis no bar Zodíaco

No âmbito da programação cultural que o Zodíaco (Rua Santana à Lapa, 103-B) se propõe cumprir efectua-se amanhã, naquele local, pelas 21 e 30 uma sessão de cinema na qual será projectado o filme «Jaime», do autor português António Reis.

a"

de multa

deira que, aos olhos do juiz que julgou a questão, só podia ter dado mais tarde ou com a devida autorização.

Acontece, porém, ter-se sempre entendido, nos meios jornalísticos, que é lícita a publicação de um despacho de pronúncia já que é através deste que se põe termo ao segredo de justiça que até então impede a divulgação de actos ou de peças processuais.

Não perguntamos, note-se bem, se o juiz teria dado, ou não autorização para que publicassemos o despacho porque não queremos defender a sua publicação alegando que ela era necessária e teria sido impossível de outra forma. Isto, porque admitimos perfeitamente que o juiz a tivesse dado. No fundo, porque havia ele de impedir a divulgação de um documento mais tarde ou mais cedo destinado a ser conhecido?

O que afirmamos é que não pedimos a referida autorização porque sempre publicámos despachos de pronúncia na convicção de o podermos fazer legalmente.

O que afirmamos é que a «prática jornalística» a que nos referimos e que justificámos existe e tem de ser tida em consideração para que não venha a ser confirmada uma sentença que condenou o dr. Ruella Ramos por um crime que ele, de facto não cometeu, já que se limitou a seguir uma prática tida por correcta e seguida por todos.

O nosso director interpôs recurso da sentença que o condenou e não nos compete, até por isso, discuti-la.

O que nos interessa registar é que em ambos os casos — tanto no caso da absolvição como no caso da condenação — ressaltou o evidente interesse que o «DL» põe no desempenho da sua missão e o ponto de vista ético com que encara a sua função de informar.

Científica

parte do tenente-coronel Carlos Fabião ao tempo chefe do EME conforme chegou a ser noticiado quer por qualquer outro militar.

SEGREDO DE JUSTIÇA

Entretanto, o 4.º Juízo de Instrução Criminal recusou-se a revelar o teor do despacho proferindo pelo juiz Santos Luz sobre o requerimento apresentado pelo dr. Sousa Tavares, pedindo a libertação imediata do seu constituinte. O juiz alegou o segredo de justiça. Que o requerimento do advogado e director de «A Capital» foi indeferido é, no entanto, provado pelo facto de Edmundo Pedro e sua sobrinha continuarem detidos à ordem do tribunal de Almada, onde vai prosseguir a instrução preparatória do processo, no qual não deixará de ser peça importante o resultado do exame pericial às 35 metralhadoras «G-3» e às pistolas FN em poder da judiciária.

Por outro lado, e a propósito da prolongada e controversa entrevista concedida a jornalistas nas instalações da PJ pelo dr. Sousa Tavares, o subdirector daquela polícia entende ter sido uma atitude abusiva, que só não foi interrompida por razões de mera cortesia. No entanto, acrescentou, se uma situação idêntica se repetir, a PJ não terá contemplações.

"JÁ NÃO HÁ PORTUGUESES EM BURGOS"

Consulados de Portugal na RFA explicam atrasos dos trabalhadores

Os últimos emigrantes portugueses retidos em Burgos pelas tempestades de neve que durante alguns dias da semana finda fustigaram a região, entre Léon e Pamplona, cortando o trânsito no troço da estrada internacional Vilar Fomoso-Irun-Hendaya que liga Burgos a Vitória, deixaram aquela cidade ao fim da noite de domingo. Segundo um porta-voz do Consulado de Portugal em Salamanca, que se ocupou da resolução dos problemas e dificuldades que inesperadamente se depararam aos emigrantes portugueses «concentrados» em Burgos, a retoma da viagem de regresso aos seus locais de trabalho na Europa começou a processar-se, embora lentamente, já no sábado à tarde, com precuções especiais, pois aquele troço de estrada ainda não está completamente desimpedido.

O mesmo porta-voz dos serviços consulares de Portugal em Salamanca referiu-nos ainda, como aspecto primordial para a consecução da «operação» em que subitamente se viram envolvidos, a forma extremamente solidária e aberta como o povo de Burgos reagiu às dificuldades encontradas pelos nossos emigrantes e outras pessoas, quer alojando todos os que foram apanhados pelos densos nevões que desabaram, quer desdobrando-se para que nada faltasse. Nessa particular teriam a participação e estímulo de organizações de massas, assim como das autoridades administrativas da cidade.

Esta manhã as estradas que convergem para a fronteira internacional de Irun-Hendaya encontram-se já mais transitáveis, embora em muitas delas o movimento se efctuasse num só sentido. A maioria dos nossos emigrantes já havia transposto aquela fronteira aproximando-se dos seus locais de trabalho em França, no Luxemburgo, xholanda, RFA e Bélgica.

Depois desta fase, uma outra se segue: a das explicações que os consules portugueses na Alemanha Federal foram solicitados a dar às organizações patronais «afectadas» pelo atraso da chegada dos trabalhadores que vieram passar as suas férias de Natal e Ano Novo a Portugal. Trata-se de uma operação delicada que visa impedir que a ameaça de despedimentos dos nossos trabalhadores se concretize, dado o carácter involuntário dos atrasos.

EM TODO O MUNDO AMANHÃ

Jornada de solidariedade para com o povo egípcio

«O Congresso do Povo Araee convida todas as forças amantes da liberdade e progresso para se organizarem em manifestações, comícios políticos e greves, e pararem um ninuto em sinal de luto pelos egípcios honestos que disseram não à política destruidora dos interesses do seu País» — afirmou esta manhã, em conferência de imprensa, uma delegação da chamada Frente de Rejeição Arabe, a qual anunciou para amanhã e depois de amanhã, uma jornada de solidariedade para com o povo egípcio.

Esta decisão foi tomada na última reunião, em Tripoli, do Congresso do Povo Árabe, onee estiveram representados 72 partidos e organizações políticas e 140 organizações sindicais. O Congresso considerou que esses dois dias são aqueles em que o povo árabe Egípcio expressou a sua oposição em relação ao que se passa no seu território e à sua colta. Foi em 18 e 19 de Janeiro de 1977 que mais de dez milhões de cidadãos egípcios expressaram «a sua verdadeira vontade e a sua revolta geral» e durante a qual caíram diante das balas das forças repressigas mais de 400 mártires e foram feitas milhares de prisões».

a assinalar esta data, efectua-se este ano uma Jornada de solidariedade para com o povo egípcio e de denúncia das negociações de Satade, contrárias à vontade do povo e de sujeição ao imperialismo. A delegação composta pelos líbios Mabrouk Dreidi e Adbala Salúne o egípcio Ahmad Hassan acentuaram que não se deverão encontrar com qualquer entidade oficial. «Nós representamos o povo e contactamos com o povo» — afirmariam. «O Povo árabe vibrou com a Revolução Portuguesa», acrescentou. Sobre a elevação a nível de embaixada das relações diplomáticas entre Portugal e Israel, um dos membros da delegação concordou em que essa atitude tinha apanhado de surpresa o povo árabe. «Nunca em qualquer dia imaginámos que o Governo reconhecesse Israel ao mais alto nível diplomático». E a terminar sublinhou que se as relações entre Governos poderia ser «um pouco fria», entre os povos era muito forte. Os dois povos são como «uma mão só».

Lista de esquerda vence eleições em Medicina

Uma lista composta por elementos da UEC e independentes de esquerda foi de longe a mais votada para a Assembleia de Representantes e Conselho Pedagógico da Faculdade de Medicina de Lisboa conseguindo fazer eleger 13 membros para aquela e dois para este.

A contrastar com a vitória da lista A, de esquerda, salienta-se que a lista da extrema-direita, a D, foi a que menos votos recebeu.

Os resultados que foram conhecidos ontem distribuem assim para a Assembleia dos Representantes: a lista A, com 609 votos, elegeu 13 representantes; a lista C (JSD), com 314, elegeu seis representantes; a lista B (UDP), com 287, elegeu também seis; a lista D (CDS/PSD), com 265 votos, elegeu cinco representantes.

No que respeita ao Conselho Pedagógico, a lista A teve 635 votos (dois eleitos); a lista B, 268 (nenhum eleito); a lista C, 318 (um eleito); a lista D, 267 (nenhum eleito).

A trágica contradição

. O sr. Jaime Gama, destacado dirigente do Partido Socialista declarou ontem à RTP e aos vários jornalistas presentes, que o Partido Comunista Português representava uma parcela dos trabalhadores portugueses, e por isso era necessário «ganhá-lo».

Disse ainda que le destacado dirigente socialista, que o PCP não representava a maioria dos trabalhadores, porque erra era representada pelo Partido Socialista.

Para além do que possa ter de discutível esta afirmação de saber se o PS representa ou não a maioria dos trabalhadores, se já não representa essa maioria, ou se representa agora uma maioria de trabalhadores ainda mais alargada, resposta que poderá ser obtida analisando os resultados das numerosas eleições para sindicatos e comissões de trabalhadores realizadas nos últimos meses, a verdade é que o sr. Jaime Gama reconheceu implicitamente, e disso ninguém tem dúvidas, que o Partido Socialista foi para o poder através dos votos dos trabalhadores portugueses.

Sendo assim, e reconhecido também pelo sr. Jaime

Gama o facto de o PCP representar uma parcela (a outra parcela) dos trabalhadores portugueses, lógico seria que, para a construção do país novo, independentemente de todas as divirgências que possam existir, trabalhadores se unissem com trabalhadores.

Como vai o sr. Jaime Gama explicar a essa maioria de trabalhadores que o votaram a ele e aos seus camaradas, uma aliança com a «direita», justamente com os partidos que representando interesses opostos aos dos trabalhadores têm como objectivo imediato retirar-lhes conquistas que levaram décadas a adquirir, ao mesmo tempo que nega a unidade com os outros trabalhadores portugueses?

. Sendo o PS, como reconheceu aquele dirigente, um partido votado maioritariamente pelos trabalhadores, e aliando-se agora nas costas aos trabalhadores, que base de apoio espera o PS obter? Em que espaço político vai actuar?

. A menos que o PS, cansado de viver, queira fazer um «hara-kiri» político, o que seria trágico para a democracia portuguesa.

Augusto Vilela

CR reúne amanhã no Restelo

O Conselho da Revolução reune amanhã, a partir das 15 e 30, no edifício do Estado-Maior-General das Forças Armadas, no Restelo.

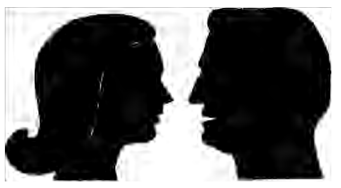
Da agenda fazem parte a análise da situação política e assuntos de âmbito militar que não foram especificados. Presume-se que a recente apreensão de armas a Edmundo Pedro e as repercussões que o caso provocou, constituam temas de ampla discussão no seio do CR.

Democratas chamam a atenção para a gravidade do momento

. O grupo signatário do documento «A crise que aflige o País não é insuperável», perante o impasse das soluções democráticas, resolveu chamar de novo a atenção para a gravidade do momento apelando a todos os democratas para que colaborem, ou com a sua presença, ou expressando o seu apoio por outra qualquer forma, na sessão que se irá realizar no Teatro Vasco Santana, no sábado, dia 21, às 16 horas.

Estão previstas intervenções do prof. Orlando de Carvalho, do dr. Anselmo Aníbal e do eng. Caldeira Rodrigues.

Haverá ainda, no final, um recital de poesia.



Lições individuais

CAMBRIDGE 850 — Dá um vocabulário de 850 palavras em 50 lições
CAMBRIDGE 1500 — 1500 palavras em 100 lições
CAMBRIDGE 2000 — 2000 palavras em 150 lições
CAMBRIDGE 2500 — 2500 palavras em 200 lições
IMERSÃO TOTAL — 3000 palavras em 4/6 semanas segundo habilitações do aluno

CAMBRIDGE SCHOOL

LISBOA AV GUERRA JUNQUEIRO, 8-1.º DIR. / TEL. 884544-899601
AV. DA LIBERDADE, 173-1.º / TEL. 554789-554780
BENFICA: ESTR. DE BENFICA, 729-5.º DIR. / TEL. 703638-704329
ALMADA: R. SOC. FILARMÓNICA INCRIVEL ALMADENSE, 14-2.º ESQ. / TEL 276034
PORTO R. DUQUE DE TERCEIRA, 381-1.º / TEL. 560380-561130

cambridge SCHOOL INSTITUTO DE LÍNGUAS

Cursos sob a Direcção Pedagógica de Richard D. Lewis, B.A.
(autor da série TV BBC "Walter and Connie" e dos livros "Reading for Adults", English You Need", "Cambridge Method", "Linguarama 2000", etc.

Cursos de Inglês em Inglaterra, em Pall Mall - Londres - para informações, tel. 554780-899601

EMPRESA GRÁFICA

ADMITE :

Aprendiza de encadernação

EXIGE :

Prática do 3.º ano

OFERECE :

Regalias sociais consignadas no CCTV e vencimento superior ao estabelecido.

Resposta a este Jornal ao n.º 1611

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

PACEMACKERS DE IMPLANTAÇÃO

Concurso Público n.º 20/78

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados, das 9 às 12 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados nos Cadernos de Encargos.

LISBOA E HOSPITAL DE SANTA MARIA, 12 DE JANEIRO DE 1978.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

Problemas Políticos do Movimento Comunista e Operário Internacional

PUB.

LUIS CORVALAN

A REVOLUCAO CHILENA

a ditadura fascista e a luta para a derrubar e criar uma nova democracia

edições Avante!

CDL a distribuição

Preço 85$00

NÃO FUME

EM RECINTOS DESPORTIVOS FECHADOS

AR DA MADEIRA APROVA PROJECTO INCONSTITUCIONAL

Prioridade absoluta aos madeirenses nas vagas do professorado

FUNCHAL, 17 — A Assembleia Regional da Madeira acaba de aprovar um projecto relacionado com a colocação de professores que parece enfermar de exacerbado «regionalismo» e que os partidos da oposição não hesitam classificar de inconstitucional.

Através daquele projecto fica decidido que, para efeitos de concorrer aos quadros de professor profissional não efectivo e de professor profissional efectivo, é dada absoluta preferência aos professores do ensino primário que residam na região autónoma da Madeira pelo menos há três anos. Ficam igualmente abrangidos por este critério de preferência os professores cujos cônjuges aqui residam.

Refira-se que o projecto foi subscrito pelo deputado social-democrata Pedro Gomes que, na circunstância, invocou o facto de existir na Madeira uma Escola do Magistério Primário a funcionar em pleno. E sendo assim, haveria que evitar a situação de desemprego para estes professores, afinal residentes no arquipélago e devidamente diplomados. Além disso, acrescentou o deputado, os «de fora» têm dificuldades na obtenção de residência. Na intenção de fazer valer o seu ponto de vista, Pedro Gomes aludiu ao n.º 2 do art.º 13.º da Constituição, que «não veda a criação do direito de preferência com base na residência», supondo porventura que também este era um «bom argumento».

O projecto foi apresentado com carácter de urgência, e prontamente votado: PSD a favor, PS contra, CDS e UDP abandonaram a Assembleia. Obviamente, o projecto «passou», já que os sociais-democratas tem maioria absoluta na AMR.

A OPOSIÇÃO REAGE

Não se fizeram esperar as reacções da oposição.

Pela sua parte, a UDP não se conforma com a aprovação de um tal projecto e «ainda menos com a urgência, dado que era preciso ouvir o Secretário Regional da Cultura e o Sindicato dos Professores» — e estes não foram ouvidos.

O CDS, por seu turno, esclarece que não tinha elementos para julgar e não podia, portanto, ser outra a sua posição.

Finalmente, o PS sublinha a «violência» do processo de urgência que não permite fundamentar uma posição correcta.

Em comunicado entretanto distribuído, os socialistas lembram que o projecto foi aprovado somente pelo PSD (aliás, só votaram 17 deputados, mas bastou) e sem que os trabalhadores fossem auscultados. No seu comunicado, o PS lamenta ter de recordar ao autor do projecto a alínea c) do art.º 230.º da Constituição: «É vedado às regiões autónomas reservar o exercício de qualquer profissão ou acesso a qualquer cargo público dos naturais ou residentes na região». Os sociais-democratas ter-se-iam igualmente esquecido do n.º 4 do Art.º 48.º da Lei Fundamental, que estabelece para todos os cidadãos o direito ao acesso, em condições de igualdade e liberdade, às funções públicas. Em todo o caso, prevê o PS, a sorte deste projecto será a de rejeição, por inconstitucional.

Vem a propósito recordar que dos cerca de 1100 professores que se encontram no arquipélago, só dez por cento não são madeirenses e vieram justamente suprir a falta de profissionais. Se um tal projecto for por diante, estes professores correm o risco de ficar desempregados.

Igualmente justo é notar que os melhores lugares (mesmo sem o «projecto») vêm sendo desempenhados pelos «residentes», geralmente desinteressados de leccionar longe da Baixa funchalense.

Por ironia, recorda-se que, até aqui, muitos professores madeirenses que pretendiam prosseguir os seus estudos para além do Magistério Primário e nesse objectivo se deslocavam ao continente, tinham prioridade sobre outros, nomeadamente em Lisboa, Porto e Coimbra.

JOSÉ MAGRO, DO C.C. DO P.C.P.

"Regiões Autónomas jogam contra processo democrático"

«As Regiões Autónomas têm sido um factor que tem jogado contra o processo democrático», afirmou na sexta-feira José Magro, membro do Comité Central do PCP numa reunião de esclarecimento sobre a situação nos Açores realizada no Campolide Atlético Clube.

Aquele dirigente comunista, que recentemente esteve de visita aos Açores, sublinhou na sua intervenção que o separatismo nos Açores «é a manobra da grande burguesia rural e industrial no sentido de evitar que os trabalhadores açorianos colham os frutos da revolução portuguesa».

Falando concretamente da sua visita às ilhas, José Magro referiu que foi várias vezes ameaçado e que houve tentativas de boicotar sessões de esclarecimento promovidas pelo seu partido, demonstração clara de que as liberdades democráticas ainda não são respeitadas, para depois afirmar que, no entanto, os «coronéis» açorianos já perderam a capacidade de mobilização do povo das ilhas, restando-lhes agora a alternativa do bombismo, como aconteceu ao Centro de Trabalho do Partido Comunista na Horta. Mas, segundo afirmou, a prova de que há coisas diferentes foi o facto deste centro ter sido reconstruído em três dias, com o apoio de socialistas e de democratas.

O dirigente do PCP recordou ainda a vitória de listas unitárias em eleições sindicais, como aconteceu na Hotelaria e na Construção Civil da Madeira.

MOTA AMARAL

O presidente do Governo Regional dos Açores acusou determinados serviços públicos de se recusarem a dar informações ao Governo Regional, de acordo com instruções recebidas de Lisboa.

Segundo Mota Amaral, as delegações açorianas do Instituto dos Cereais e da Junta Nacional dos Produtos Pecuários ter-se-iam recusado a dar esclarecimentos pedidos pela Secretaria Regional do Comércio e Indústria.

Segundo Mota Amaral, tal comportamento põe em causa a colaboração necessária ao processo de regionalização daqueles organismos de coordenação económica».

Associação de folclore madeirense surge para defender "tipicismo"

FUNCHAL, 17 — Acaba de ser criada nesta cidade a Associação do Folclore Madeirense cujo objectivo principal é a salvaguarda «do tipismo das danças e cantares da ilha da Madeira que, ultimamente, andam bastantes estropiados».

A Associação tem o patrocínio da Delegação de Turismo da Madeira e prevê para breve uma reunião com todos os directores dos grupos folclóricos da ilha, nomeadamente, com os grupos da Camacha, Livramento, Boa-Nova, Ilhéus, Porto da Cruz, Santana e, ainda, com o recentemente fundado Grupo Folclórico de Porto Santo o qual, apesar de recente, conta já com inúmeras actuações de mérito no estangeiro.

Câmara de Pombal: orçamento para 78 é de cem mil contos

POMBAL, 17 — É de cerca de cem mil contos o orçamento para este ano da Câmara Municipal, de acordo com o documento já aprovado pela respectiva Assembleia Municipal. Entretanto, e de harmonia com o Plano de Actividades do Município, está prevista para este ano a criação de um museu, para o qual já existe, até, a oferta de uma colecção de peças relacionadas com a vida e a obra de Marquês de Pombal.

A Câmara desta vila levará ainda a efeito este ano a construção de 64 moradias pré-fabricadas e procederá à beneficiação de 16 arruamentos em Pombal. No seu Plano de Actividades está também incluída a construção de quatro novas escolas primárias, a conservação e beneficiação de dezoito estradas municipais e a construção de mais nove vias de comunicação.

COMO MEMBRO DO CONSELHO PARA A PAZ

Silas Cerqueira falou no seminário de Aden

O dr. Silas Cerqueira, membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação, proferiu ontem o discurso de abertura do Seminário Internacional de Aden, capital do Yemen, falando sobre «Problemas de transformação sócio-económica nos países em vias de desenvolvimento», tema que estará em debate até quarta-feira.

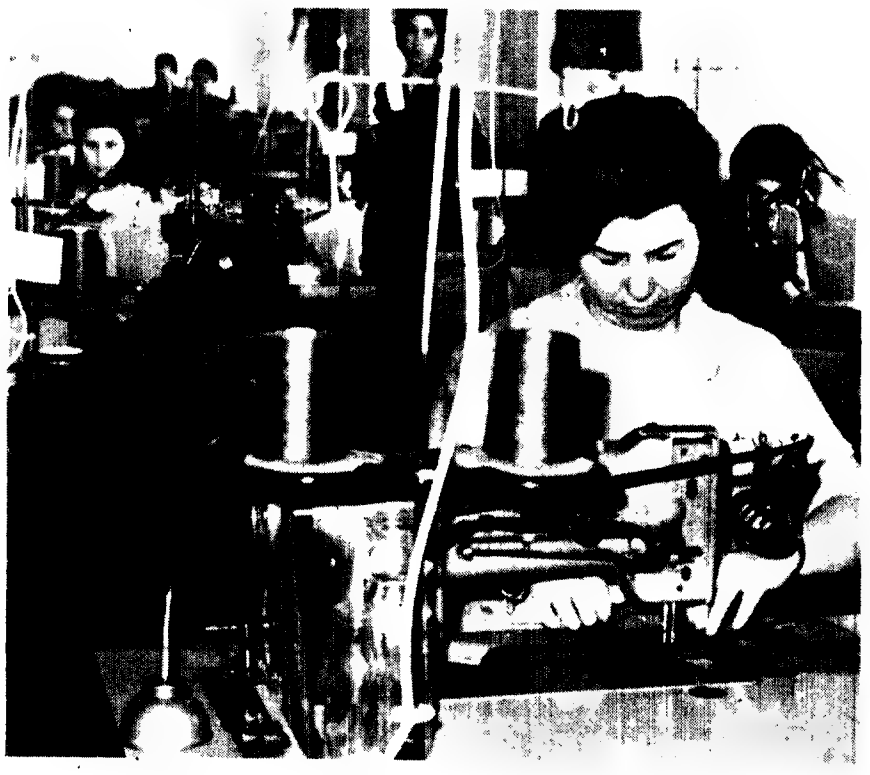
Na sessão inaugural, entre outras personalidades estavam presentes o presidente da República Popular Democrática do Yemen e membros do Governo, bem como Leonor Rest Ani Pint, Colaborador Do cppc e sua representante, pois Sila Cerqueira encontra-se em Aden na sua qualidade de membro dirigente do Conselho Mundial da Paz a que o Conselho Português pertence.

Nos trabalhos, que se prolongam por três dias, participam delegados e observadores de meia centena de países, nomeadamente do mundo árabe, de movimentos de libertação e organizações internacionais. A delegação portuguesa aproveitará, segundo um comunicado do CPPC, a sua Estada em Aden para efectuar contactos com as autoridades do Yemen e as delegações árabes com vista «ao reforço da cooperação entre os Povos e as forças progressistas mundiais».

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

UM ESTUDO DO BIT

A lei não basta para garantir a igualdade salarial da mulher



..Dois operários sentados à máquina de costura passam o mesmo número de horas a fazer camisas de homem e, no entanto, um deles ganha menos 40 por cento que o outro. Porquê? Porque um deles é mulher, enquanto o seu camarada mais bem remunerado é homem. «A trabalho igual, salário igual» eis um princípio reconhecido por todo o mundo (ou quase), mas cuja legitimação legal é ainda muito tímida e cuja aplicação prática depara com grandes dificuldades.

Assim, a lei sobre a igualdade de remuneração entre homens e mulheres, introduzida no Reino Unido em 1970, devia passar a vigorar em Dezembro de 1975. Mas os estudos promovidos pelo BIT no quadro do Programa Mundial do Emprego revelam que houve uma diminuição do número de trabalhadoras a tempo inteiro em 1975-76 (isto é, precisamente no período que corresponde à entrada em vigor da referida lei). Poderá tratar-se de uma simples coincidência, mas não deixa de ser legítimo pensar que as mulheres que trabalhavam a tempo inteiro foram substituídas por outras, a meio tempo, a fim de dificultar a comparação das tarefas efectuadas por pessoas de sexo diferente, dado que muito poucos homens trabalham a meio tempo.

Além disso, sobressai de estatísticas recentemente publicadas pelo BIT que a discriminação em máteria de salários afecta ainda, de modo quase endémico, um grande número de mulheres tanto nos países industrializados como nos subdesenvolvidos, mesmo entrando em linha de conta com as possíveis diferenças decorrentes dos vários critérios usados para a compilação dos dados estatísticos neste domínio.

Segundo a profissão e o país...

A este propósito é interessante comparar as respostas dirigidas ao BIT por mais de 50 países no referente nomeadamente às seguintes profissões: tecedoras, operários de costura em fábricas de camisas de homem, encadernadores (à máquina), vendedores de balcão, assistentes de laboratório químico e empregados de banco. No que se refere aos três primeiros empregos, as mulheres são comparativamente mais bem tratadas nos países subdesenvolvidos, onde há um número maior que recebe o mesmo salário que os seus colegas masculinos. Nas outras profissões consideradas, a situação é inversa.

Contudo, a igualdade de salários é um mito para certas operárias têxteis em países como as Honduras, as ilhas Mauricias ou a Venezuela, onde o seu salário/hora é inferior em um terço ao dos homens. Em Itália, Portugal e Checoslováquia a diferença varia entre 10 e 15 por cento. Na Argélia, Hong Kong e Nova Zelândia a diferença não vai além dos 5 por cento. Na Hungria, a diferença é também de 5 por cento, mas... no sentido inverso! E igualmente na Hungria que as empregadas nas fábricas de camisas ganham mais 8 por cento que os seus colegas masculinos, enquanto em HongKong ganham menos 6 por cento. Mas isso são casos excepcionais, pois doze outros países assinalam taxas inferiores de remuneração para as mulheres.

Uma empregada de balcão numa mercearia recebe no fim do mês o mesmo salário que o seu colega masculino em 39 países (entre os quais a RFA, Austrália, Austria, Grécia, Hungria, Islândia, Itália, Holanda, Roménia, Reino Unido). Na Nova Zelândia, contudo, o seu salário será inferior ao do homem em 2,5 por cento e a diferença aumenta substancialmente no Canadá, Finlândia, Irlanda, Mali e Malásia. Em Chipre, Marrocos e Venezuela atinge mesmo os 30 por cento ou mais.

Em compensação, a discriminação é menos acentuada nos assistentes de laboratórios químicos e no pessoal bancário que trabalha com computadores. Na maioria dos países sobre os quais o BIT possui dados, os salários mensais dos homens e das mulheres são sensìvelmente iguais nessas categorias. No primeiro caso as únicas discriminações conhecidas verificam-se no Peru, Noruega e Venezuela (onde a diferença atinge os 20 por cento). Na segunda categoria, a igualdade de salários é praticada em 36 países, enquanto a discriminação persiste em menos de dez meses. No número destes países figuram a Etiópia o Haiti, Singapura e a Venezuela, onde se registam desigualdades de mais de 20 por cento. Há que citar ainda HongKong onde o salário inicial deste ramo é igual para ambos os sexos, mas acusa uma diferença da ordem dos 30 por cento em detrimento das mulheres no final da carreira.

De todos estes exemplos se pode concluir que, apesar dos esforços do legislador, as diferenças de facto em matéria de salários masculinos e femininos são ainda muito sensíveis em numerosos países variando, no entanto, muito de profissão para profissão.

"Telefone vermelho" funciona via satélite

O «telefone vermelho», que comunica directamente os líderes soviéticos com os norte-americanos passou a funcionar via satélite, em vez de cabo submarino.

Com o novo sistema, o «telefone vermelho», que nem é telefone nem é vermelho, transmitirá mensagens de telex escritas através de um satélite soviético «Molniya» e um norte-americano «Intelsat».

Com as linhas duplas pretende-se assegurar que nunca falhe a comunicação directa entre soviéticos e norte-americanos em caso de crise grave, especialmente de ameaça nuclear.

O «telefone vermelho» foi instalado durante a «crise cubana dos mísseis», em 1962, para que o presidente norte-americano e o secretário do Partido Comunista da União Soviética pudessem estar em contacto directo, a fim de evitarem qualquer mal-entendido que desencadeasse uma confrontação atómica.

O primeiro «telefone vermelho» transmitia as mensagens por cabo submarino, atravessando o Atlântico e vários países no seu percurso, o que originou alguns acidentes.

Numa ocasião, um agricultor finlandês partiu o cabo com o tractor. Noutra, foram alguns empregados da companhia telefónica norte-americana que, inadvertidamente, o danificaram.

Milhares de brancos e negros no funeral de Turner

. Em Durban, o funeral de Richard Turner, conhecido combatente contra o «apartheid», assassinado pela Segurança sul-africana, transformou-se numa imponente manifestação de protesto contra o terror racista na África do Sul. Milhares de brancos e negros acompanharam este professor universitário até à sua última morada.

A Imprensa africana sublinha que a Polícia de Vorster recorre a uma nova táctica na luta contra os seus adversários políticos, que passa pela pressão psicológica e a eliminação física.

Exemplos:

Dispararam rajadas de metralhadora sobre a casa de Fátima Meer, professora da Universidade do Natal e presidente nacional da Federação das Mulheres Africanas; assaltaram, várias vezes, Edgar Ward, personalidade pública progressista; Kris Wood, antigo líder da União Nacional dos Estudantes sul-africanos, e M. Ramgobin, jurista de Durban escaparam a um atentado à bomba; F Wilson, professor da Universidade do Cabo, recebeu uma carta ameaçando-o de morte.

Esta nova estratégia, segundo pensam os observadores, foi aprovada pela direcção do Partido Nacional, no Poder.

Frente Patriótica reunida no Maputo

Os principais dirigentes da Frente Patriótica do Zimbabwe, entre os quais Joshua Nkomo e Robert Mugabe, estão reunidos desde hoje na capital moçambicana.

Um porta-voz da organização limitou-se a indicar que, entre os assuntos a discutir figura o da consolidação da unidade no seio da Frente Patriótica.

Será igualmente analisado a questão do convite de David Owen, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, no sentido de a Frente Patriótica iniciar conversações com vista à resolução da situação rodesiana.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Progressos em Chipre

. O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, chegou ontem a Atenas na sua última etapa da missão sobre Chipre e declarou haver a possibilidade de por termo à situação de impasse que se verifica naquela ilha. Waldheim, que, no domingo, conseguiu reunir os dirigentes das duas comunidades cipriotas em litígio (grega e turca) declara anteriormente em Nicosia que se tinha atingido um ponto de viragem na tentativa de alcançar uma solução para o problema cipriota. Agora tudo depende segundo Waldheim — das novas propostas do Governo turco sobre a questão. O optimismo de Waldheim não é inteiramente compartilhado por Spyros Kyprianou, presidente de Chipre, o qual, no entanto, se disse convicto de que estava finalmente aberto o caminho para negociações sérias.

circular é viver

TEM FALTA DE ESPAÇO EM SUA CASA?

Nós podemos resolver-lhe este problema, pois temos oficinas próprias para a execução de móveis por desenho, de todas as medidas.

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS

AV. ALMIRANTE REIS, 110 — TEL. 82 28 91

(Defronte da Cervejaria Portugália)

madeira 78

AS MELHORES VIAGENS AOS MELHORES PREÇOS!

PARTIDAS DIÁRIAS E SEMANAIS FINS-DE-SEMANA

VIAGENS PARA NOIVOS E TERCEIRA IDADE

PREÇOS ESPECIAIS PARA GRUPOS

Consulte-nos.

Av. Liberdade 233 Tel. 536121 Lisboa 2 Europeia

membro WATA em Portugal

FERIAS NA NEVE

SUIÇA

ENGELBERG

Partidas: 14 Janeiro
4 Fevereiro (Carnaval)
19 Março (Páscoa)
8 Abril

desde 12 640$00 (meia pensão)

Europeia

membro WATA em PORTUGAL

MOBÍLIAS TROCO

AS SUAS USADAS, POR MODERNAS OU DE ESTILO

ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE

Av. Almirante Reis, 35

junto da Igreja dos Anjos

Telef. 83 21 61

viagens no CARNAVAL

ALGARVE	desde	100$00 p/pessoa/dia
MADEIRA	desde	4 480$00
AÇORES	desde	4 750$00
PARIS	desde	6.980$00
NICE	desde	7 850$00
LONDRES	desde	7 800$00

NEVE NA SUIÇA — Engelberg

NEVE NA NORUEGA — Voss

e magníficas excursões em autocarro:

SERRA DA ESTRELA ..	1 700$00
MINHO E GEREZ	3 200$00
FIGUEIRA E LUSO	1 700$00
MADRID	5 100$00
SEVILHA E HUELVA ..	4 000$00
TORREMOLINOS	5 100$00

etc., etc...

Peça-nos já programas detalhados

Av. Liberdade 233 Tel. 536121 Lisboa 2 Europeia

membro WATA em Portugal

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Paragem no Bairro Boémio"

Ellen Greene e Lenny Baker: os actores são um dos fundamentos do filme

FICHA:

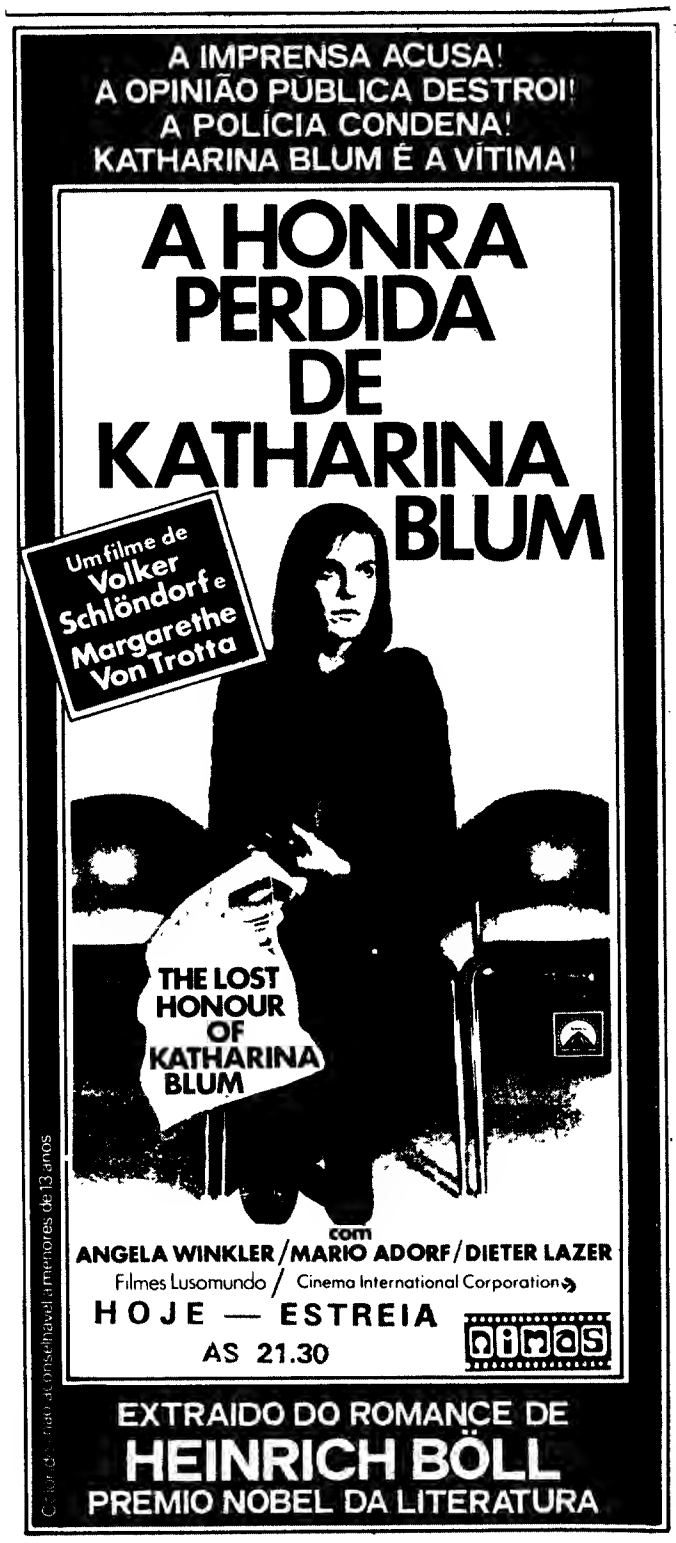
Título original: Next stop Greenwich Village
Realização e argumento: Paul Mazursky (USA-1975)
Fotografia (Movielab/De Luxe): Arthur Ornitz
Cenários: Phil Rosenberg
Música: Bill Conti
Montagem: Richard Halsey
Interpretação: Lenny Baker **(Larry Lapinsky)**, Shelley Winters **(Mom)**, Ellen Greene **(sara)**, Lois Smith **(Anita)**, Christopher Walken **(Robert)**, Dori Brenner **(Connie)**, Antonio Fargas **(Bernstein)**, etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes/Fox.
Cinema: Estúdio
Classificação: Não acons. men. 18 a.
Duração: 112 minutos.

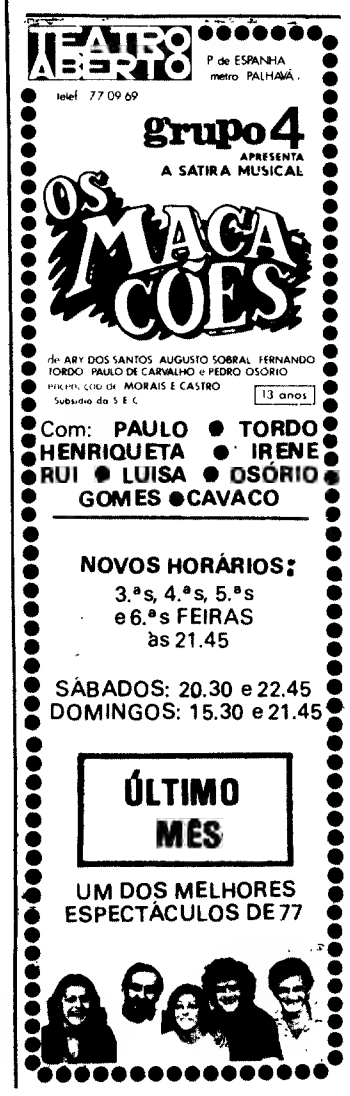
A memória (porque será?) é para mim um lugar sobretudo conflitual. Não róseo ou amargo mas um espaço contraditório onde o esplendor e a lama se arrumam conforme podem num painel cheio de buracos mas, por isso mesmo, legível em termos de subjectividade fatal que a memória sempre é. E assim que qualquer tentativa para aureolar o meu, teu, nosso passado (ou a imagem que dele sobrou ou nos legaram) me parece sempre um projecto frágil, artificial, que no melhor dos casos pode ser apenas simpático e no pior desce ao nível do grotesco e da mistificação.

Paragem no bairro boémio está no melhor dos casos desse tipo discutível de empreendimento. Dele se arredaram com efeito todos os conflitos reais que magoam e marcam, povoando-se o **écran** de seres em princípio positivos, estilo «é tudo boa gente», fazendo os fantasmas políticos apenas pairarem de fugida (como eram, em 1953, o senador McCarthy ou o «caso» Rosenberg), aplanando as contradições num espaço intensamente feliz e inocente.

Cada um, claro, tem a memória que pode e revela-a na medida do que quer e sabe, mas não deixa de ser frustrante darem-nos esta falsa imagem de um passado que não foi plano para ninguém. Não que o naturalismo seja a base da contestação que neste texto se faz, já que a memória não é nunca um processo preenchido por códigos de verosimilhança, mas há, no percurso do filme, uma euforia que se esboroa à mínima questão, um ritmo que se torna irrespiravelmente positivo, um odor persistente de que há algo de errado neste passado cujos escolhos são meros acidentes sem consequências.

Apesar disso, Lenny Baker é um grande actor e Shelley Winters uma grande actriz.





Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

História de índios

«CAME AND THE DAY WILL DE OURS» pelo Odin Teatret. «LOCUS SOLUS», de Raymond Roussel, pelo Theatre de La Maschera. Festival de Outono (Paris)

«Came and the dau will de ours» (vem e o dia será nosso) — é o título duma das últimas criações do Teatro Odin, grupo de actores de vários países com sede numa pequena cidade dinamarquesa onde trabalha sob a direcção de Eugénio Barba. Homem de teatro italiano que trabalhou durante bastante tempo com Grotowski, consagrou-se, a par deste, como um dos principais renovadores do teatro europeu dos anos 60 numa linha de expressão corporal. Barba fundou o Odin em Oslo em 1964, estreando-se o grupo com uma interpretação livre duma peça do autor dinamarquês Jeans Bjorneboe. O Odin instalou-se, a partir de 1966, na cidade de Holstebro, sendo subsidiado pelas respectivas autoridades municipais, e transformando-se num local de experiências pedagógicas. Em 1967, montou um espectáculo inspirado na vida de Gaspar Hauser, e em 1969 um outro a partir dum texto de Peet Seeberg, outro escritor dinamarquês. Em 1972, apresentou o que foi considerado o seu espectáculo mais importante: «A Casa do Pai», homenagem a Dostoievski. De Maio de 1974 a Setembro de 1975, o Odin esteve no Sul da Itália tendo trabalhado com camponeses das pequenas aldeias locais. Fez espectáculo de rua a partir dessas experiências e ainda aquilo a que chamou «O Livro das Danças». Em 1976, estreou o espectáculo integrado no Festival de Outono de Paris. Eis como o próprio Eugénio Barba define o grupo: «Não se trata duma comunidade convencional no sentido de algumas pessoas se reunirem para viver de acordo com uma visão comum do mundo. A nossa história é a de pessoas que querem fazer teatro, não podem e por isso se agrupam. Ora, essas pessoas têm que inventar tudo. Todas as relações pedagógicas, tal como as aprendi na Polónia e tal como as vivemos na nossa sociedade, devem ser destruídas. Se quisermos perder certos reflexos condicionados da nossa linguagem, da nossa maneira de apreender a realidade, de comunicar fisicamente as nossas emoções, é necessário reflectir em profundidade sobre as experiências que começaram com Stanislavski, continuaram com Meyrhold e chegaram até nós...»

Num pequeno espaço de uma sala de um museu parisiense, rodeado por duas centenas de espectadores frenéticos, o Odien apresentou aquilo a que poderíamos chamar um espectáculo ritualista inspirado na história dos Estados Unidos, e mais especificamente na colonização dos povos índios. O título do espectáculo foi tirado do bilhete que em 1876 o general Custer enviou a um dos seus oficiais, na véspera da grande vitória dos guerrilheiros índios em Little Big Horn.

Utilizando textos do poeta Walt Whitman, além de outros, o grupo erguer com grande simplicidade de meios mas nem sempre com a clareza que seria desejável, uma série de imagens que mostram o itinerário dum povo oprimido e, finalmente, destruído. Com um jogo corporal e vocal extraordinariamente potente (que nada fica a dever aos trabalhos de Grotowski), servindo-se de instrumentos musicais primitivos e do canto, e ainda de guarda-roupa alusivo, o Odin conseguiu tornar real e plausível o combate cruel entre opressor e oprimido que definiu a conquista dos territórios norte-americanos pelos colonizadores brancos. O espectáculo situa esse implacável sistema de opressão a vários níveis: o do branco sobre o índio, o do homem sobre a mulher, o do cristão sobre o pagão, o do poderoso sobre o fraco.

Os actores, muito jovens, conseguem exprimir a violência histórica através da violência da sua própria representação (gritos, lutas, pancadas com os pés nus no chão e outros ruídos) criando o clima de histerismo em que todos os crimes são possíveis. No pólo oposto, a resistência do povo índio é transmitida através de cenas de grande dignidade embora não isentas de violência.

Um espectáculo cheio de armadilhas cénicas, recusando o fácil e o demagógico, desconfortável, por vezes hermético, por vezes muito belo, nos seus cantos, nas suas danças, na sua música, distanciando o espectador e, ao mesmo tempo, capaz de o sacudir com tal força que, quando terminou, não houve um aplauso, só o silêncio profundo, revelador da forte tensão que se criara.

A memória estilhaçada

O Teatro A Máscara é um grupo italiano dirigido por Memè Perlini que, depois de ter estudado pintura, se dedicou ao teatro tendo estreado o seu primeiro espectáculo em Roma, em 1972, com o título «Pirandello Quem?». Em 1973, apresentou um «Tarzan» e, já com o grupo A Máscara de Roma, dirigiu vários espectáculos, entre eles uma adaptação de «Otelo» de Shakespeare que foi à Bienal de Veneza e depois a Nancy e Paris.

Seguiram-se-lhe outros espectáculos e entre eles «Locus Solus», homenagem a Raymond Roussel, estrado em Roma em 1976 e agora apresentado em Paris.

Raymond Roussel, diz uma enciclopédia, nasceu em Paris em 1877 duma rica família burguesa, tendo morrido em Palermo, na Sicília, na noite de 13 para 14 de Julho de 1933, ao que parece louco e envenenado por barbitúricos. No entanto, a sua morte continua envolta em certo mistério, de tal maneira que um escritor italiano, Leonardo Sciacia, publicou em 1971 um artigo no qual defendia a tese de que Roussel teria sido assassinado por dois cúmplices, o seu motorista e a sua governanta.

Roussel escreve a sua primeira obra — «La Oublure» — com menos de 20 anos e o facto da sua publicação ter caído no meio da mais total indiferença, ao contrário do que o poeta esperava, viria a marcar definitivamente o seu carácter e a sua vida. Escreverá muitas outras obras, poesias, peças de teatro, prosa, e entre elas «Impressões de África» (talvez a sua obra mais célebre) e «Locus Solus». Literatura incompreendida que ele próprio é obrigado a editar com o dinheiro do seu bolso, que ele próprio é obrigado a aplaudir através das claques que paga na estreia das suas peças. No fim da sua vida, dedicou-se ao xadrez tendo-se tornado num jogador genial. A obra de Roussel é geralmente considerada como precursora do surrealismo, mas também os criadores do «nouveau roman» e os estruturalistas se interessaram seriamente por ela (Michel Foucault fez uma análise decisiva dessa obra não sendo, por isso, de estranhar que o tenha visto na estreia deste espectáculo).

Como descrever «Locus Solus»? Uma única visão dum espectáculo em que as imagens, as invenções cénicas, os jogos teatrais, rebentam do espaço a todo o momento, não me permite qualquer descrição e muito menos qualquer análise. Espectáculo sem referências, único na sua realidade específica e irrepetível, ao mesmo tempo inspirado na obra de Roussel e na sua morte, e homenagem ao poeta, parecia nascer à nossa frente, como se os actores e o encenador, que da plateia o dirigia e iluminava, o inventassem no próprio instante. Diz Memé Perlini «O meu espectáculo «Locus Solus» é ao mesmo tempo uma homenagem a Roussel ou melhor ao seu universo interior, e uma negação: Roussel é para mim a personagem da negação. «Locus Solus» é verdadeiramente a construção e a apoteose do nada. Não pode ser interpretado nem reconstruído, tanto mais que eu faço teatro pobre por falta de meios e por gosto pessoal: os grandes cenários não me interessam. Conservei, simplesmente, o que em Roussel me parece mais moderno: a angústia do quotidiano e o isolamento em si mesmo. O meu «Locus Solus» desenrola-se num espaço obscuro, claustrófobo, que não deixa nenhuma espécie de saída a ninguém. É aí que se coloca o seu paralelismo com Roussel. «Locus Solus» tornou-se uma prisão em que surgem objectos quotidianos que são um apelo ao imaginário e que se tornam numa utopia, como nos quadros de Magritte».

Com efeito, algumas das imagens criadas por Perlini evocam imediatamente aquele pintor surrealista, todavia, o espectáculo vai muito mais longe e cria um itinerário de horror, de solidão, de morte (do qual a beleza não está ausente), itinerário percorrido por personagens imaginárias de que nada sabemos, quem são, de onde vieram, para onde vão.

Espectáculo surreal, se é que isso tem algum sentido, com cenas duma violência quase feroz a par de cenas de uma beleza imensa e apaziguadora e de outras dum grande burlesco; espectáculo sem significado, talvez, enigmático, duma grande melancolia interior, vivo nos seus próprios limites (irreconhecíveis), feito de imagens familiares (um homem que bate numa mulher, um aborto, por exemplo) que se tornam insólitas e incompreensíveis graças a um movimento de distorção que o encenador lhes imprimiu. Fragmentos dum mundo outro, casas interiores duma habitação pobre onde passeiam fantasmas de carne e osso, jogo entre a vida e a morte, jogo da vida e da morte. brincadeiras entre crianças que já foram adultos num jardim onde Bosch e Fernando Pessoa apanham um pouco de sol frio.

Ou talvez nem isso. Talvez apenas o corpo nu duma mulher que dá à luz um coelho morto, um pequeno comboio que passa por uma janela, um homem pobremente vestido que deixa cair lenta, lentamente, areia do seu chapéu.

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

D. SEBASTIÃO OU O HISTERISMO DA CONFUSÃO

A crítica da peça ontem canhoneada pela televisão está feita pelo Carlos Porto, no «Diário de Lisboa». Obriga-me a ética a não voltar a essa tarefa.

O que não me impede de lamentar a utilização dela na TV. Foi um mau serviço prestado à televisão, não foi bom serviço prestado à audiência de não sei quantos milhões de pessoas. A fantasmagoria cénica do Avilez pode ter efeitos no palco. Aqui, totalmente se perde. E dado que a captação do som num palco tão povoado acaba por se transformar em trabalho de Hércules, mais embaralhada se viu a audiência no meio de toda aquela confusão. Os telespectadores podiam repetir a fala daquela personagem: **«Agora é que isto está bom: não percebemos nada do que ele disse»**.

Só que aquilo não estava mesmo nada bom. Por todas as razões. Noites de teatro assim apenas servem para afastar a audiência. Prossiga-se neste caminho — e lá se voltam novamente os portugueses da raia para a televisão espanhola, o Niza.

E se pensam que o facto de ser a cores a gravação da peça lhe vai abrir as portas do estrangeiro, tirem daí o sentido. A cor não disfarça o indisfarçável.

NO REINO DE LILLIPUT

Assim fica perigosamente desequilibrada a promessa de uma programação com o mínimo de qualidade. Não apenas no que respeita às noites de teatro, mas no resto.

Há indícios desagradáveis. Eis que, no início logo de uma programação atirada aos cornos da Lua, assistimos à continuação (perpétua?) do **abre-te Sésamo.**

Como se tal não bastasse, a RTP não teve nada mais para oferecer aos meninos e meninas senão... o Gulliver. Em segunda mão.

Dizia Ferreira de Castro que até um cavalo é feio, quando recua. A Televisão portuguesa não teme nada ser feia. Prende-se lá agora com esses pormenores! Assim que nada lhe importa recuar.

Pelo que os nossos pequenos telespectadores, pelos quais a televisão mostra (em palavras, em actos não) tão desvelado carinho, podem agora deliciar-se com as aventuras, que deliciaram já os seus antepassados, do Franjinhas e outras personagens do «Carrossel Mágico».

De muitas e desvairadas coisas deverá a RTP ser acusada. De excesso de imaginação, nunca.

LEGENDAÇÃO! EM QUE FICAMOS?

Voltando ainda ao teatro, foi sublinhado por um responsável da RTP que a sua popularidade se deve pelo facto de prescindir da legendação. Podíamos dizer o mesmo, em grande parte, das telenovelas brasileiras. Não entendam embora de onde em onde uma palavra ou uma expressão, tenham embora de fazer algum esforço para se adaptarem ao ritmo da fala, isso é preferível à leitura das legendas. Sem falar nos casos em que não existe mesmo alternativa, ou seja: no caso dos analfabetos (perto de 40 por cento da população portuguesa) ou no das pessoas mais idosas com problemas de óptica — e que são muitas mais do que pensam.

Condena-se, portanto, a legendação. E o que se vê?

Vê-se, com frequência, no **Telejornal** os discursos ou declarações de certas personalidades a serem acompanhados de legendas...

Eu sei que é difícil, sei que custa, emprestar alguém a sua voz para transmitir as baboseiras anticomunistas de um Vorster, de um Begin, de um Carter, de um Vance. Eu sei que, pelo elevado número de pessoas que não as ouvem, o processo até deveria, naqueles casos, intensificar-se. Mas... pensa-se assim os responsáveis do **Telejornal?**

Não pensam, claro. O que eles querem, com a tradução escrita, é não perder nem uma gota do discurso, ou provar que estão a traduzir bem.

Bom. Mas em que ficamos? A legendação é um bem ou um mal? Onde está a convicção dos responsáveis da TV?

estudio 444

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

ÊXITO ESPECTACULAR 9ª SEMANA

o estudo da anatomia
despertava-lhe todo o interesse pela "matéria"!

A LICEAL

é GLORIA GUIDA
o novo "borracho" do cinema italiano!

COLOR SCOPE FILMES OCIDENTE

ADMITEM

Pessoas de ambos os sexos, para companhia Inglesa, com mais de 21 anos, 5.º ano ou equivalente e conhecimentos de inglês. Marcar entrevista pelo Telf. 563121 das 10 às 13, ou das 17 às 19 horas.

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 - 875626
Diariamente às 21.30 h
Sábado matinée às 16 h
Descanso às 2.as-feiras
UMA ABELHA NA CHUVA
de Carlos de Oliveira
SUB SEC.

circular e viver.

• TRINDADE •
– INATEL –
APRESENTA
HOJE ÀS 21.30
E SÓ ATÉ AO DIA 21
«OS CÓMICOS» com a comédia musicada

«O CONDE BARÃO»
Dia 25 — ESTREIA
«ZUMBI»
direcção de A. BOAL

comuna
teatro de pesquisa
apresenta a partir do dia 19-5ª-feira - 21.30 H

A MÃE
DE BRECHT — VERSÃO DA COMUNA
SOBRE TEXTO DE YVETTE CENTENO
E TERESA BALTÉ

antónio magalhães · carlos paulo · carmen marques · conceição cabrita
fernanda neves · francisco pestana · gabriela morais · jean pierre tailhade
joão mota · jorge gonçalves · josé mário branco · manuela freitas
melim teixeira • nuno feijão

PRAÇA DE ESPANHA · METRO PALHAVÃ · TEL. 762624
subsídio da s.e.c.

Hoje

Bareta

I PROGRAMA

18.00 Abertura e **Telejornal** — 1.ª edição
18.10 **As Viagens de Gulliver.** «A Partida de Leech»
18.30 **Jardins Zoológicos do Mundo.** Visita ao Jardim Zoológico de Viena
19.10 **A Arqueologia e a Sociedade**
19.40 **Telejornal Regional**
20.00 **Telejornal** — 2.ª edição
20.20 **O Casarão.** Novela de Lauro César Muniz. Realização de Daniel Filho. Produção de Central Globo de Televisão
20.55 **Boletim Meteorológico**
21.00 **Bareta** — Policial. Episódio com Robert Blake, Dana Elcar, John Durren e Tom Ewell. Realização de Bernard L. Kowalski
21.55 **Revista do Ano Nacional/77**
23.10 **Telejornal** — 3.ª edição
23.20 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

19.00 **Inglês**
19.25 **Filosofia**
19.50 **Matemárica**
20.15 **Francês II** (disciplina nuclear)
20.40 **Alemão**
21.05 **Geografia**
-1.30 **Grego**
22.00 **Telejornal**
22.25 **Gabriela** (repetição do episódio 109)
23.05 Fecho.

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA
DESTAQUES
I PROGRAMA
O Casarão (20.20)
II PROGRAMA
Gabriela (22.25)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: 09.15 Ano Propedêutico. **2.º Período: 13.30** Ciclo Preparatório TV. **3.º Período: 18.05** — Abertura e Telejornal — 1.ª edição; **18.10** Aventuras do Ursinho Colargol; **18.20** Corrida do Ouro; **18.50** — Tempo de Desporto; **19.20** Vamos Jogar no Totobola; **19.40** — Telejornal Regional; **20.00** Telejornal (2.ª edição); **20.25** — O Casarão; **21.00** — Boletim Meteorológico; **21.05** — Os Marretas; **21.35** «Este Portugal que Somos»; **22.05** O Mestre Finezas de Manuel da Fonseca; **22.25** — Os Grandes Compositores; **22.55** Telejornal (3.ª edição); **23.15** Fecho.

II PROGRAMA

22.05 Telejornal, **22.25** A História da Família Rius; **23.15** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS – CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Modalidades em desfile

BILHAR

António Vinagre, do Sporting, foi o vencedor do campeonato nacional de bilhar às três tabelas (1.ªs categorias), que decorreu no Clube Fenianos Portuense. Mercê deste triunfo, Vinagre será o representante português no Campeonato da Europa, que se disputará, de 21 a 26 de Fevereiro, em Copenhague (Dinamarca).

Classificação final do torneio português: 1. Vinagre, 17 pontos (média geral de 0.064); 2. Fernando Isidoro, (Leixões) 17 (0.963); 3. Jorge Theriaga, (Sporting), 17 (0.907); 4. Wilson Neves, (F.C. Porto) 17 (0.853); 5. Victor Hugo, (Benfica) 13, (0.785); 6. Soter Ramos (Leixões) 13 (0.775); 7. Augusto Germano, (FC Porto), 9 (0.849); 8. Pedro Azevedo, (Sporting), 9 (0.765);

HÓQUEI

Prosseguiu o Torneio Promoção de Hóquei em Patins, com os jogos da 7.ª jornada cujos resultados foram os seguintes: 1.º escalão: Física-Cascais, 0-7; CUF-P. Arcos, 0-8; Parede-CACO, 1-4; Classificação 1.º P. Arcos, 18 pontos; 2.º CACO, 16; 3.º Cascais, 14.

2.º escalão: Feijó-Alenquer ad, 1-12; Vilafranquense-Física, 0-5; CUF-Azeitonense, 10-0; Salesiana-CACO, 0-5; Oeiras-Parede A 4-1. Classificação 1.ºs. Oeiras e CACO 21 pontos; 3.º Parede A 17.

CICLISMO

O Dramático de Rio Tinto e a Lasotex asseguraram o concurso de seis ciclistas, que representarão o clube (que passa a adoptar a designação de Dramatico-Lusotex) nas provas do calendário velocipede nacional).

Constituirão a equipa os seguintes corredores: Diamantino Duarte, Laurentino Silva e Alfredo Queirós (ex-Coimbrões), António Ferreira e Célio Ribeiro (ex-Paredes); e José Luís Pacheco, que será o chefe de fila.

BRIDGE

Efectuou-se em Vilamoura (Algarve) o I «Torneio de Bridge Amendoeiras em Flor». Participaram 48 concorrentes sendo 38 espanhóis (de Andaluzia de Huelva e Sevilha) e os restantes portugueses. Classificação: 1.º Antino Nascimento-Alberto Jorge (Portugal); 2.º casal Uribarri (Sevilha); 3.º casal Martinez (Huelva).

Morujo Júlio (à direita, logo atrás do benfiquista Vasco Pereira, que iria desistir) venceu o «Corta-mato de abertura», levando um excelente sucesso para o atletismo da Associação Desportiva de Oeiras

Pedro Gomes na corda bamba: Meirim a um passo do Marítimo

. De há muito que a posição de Pedro Gomes, à frente da equipa do Marítimo (do Funchal) é periclitante, objecto de tal controvérsia que até forçou os futebolistas do clube madeirense a, publicamente, tomarem atitude de plena solidariedade com o seu técnico. Mas, a acentuada má situação da turma na tabela pontual do campeonato (penúltimo, a um ponto do caudatário, à 13.ª jornada) volta a incendiar o clima em que o ex-«internacional» sportinguista pretendia sossegadamente trabalhar: ontem, em declaração pública, a directiva do Marítimo encabeçada pelo dr. José Miguel Mendonça) confirmou que têm sido estabelecidos contactos com vários nomes no sentido de substituírem imediatamente Pedro Gomes. Um dos abordados foi o preparador britânico Jimmy Hagan que, depois de ter concordado com o contrato, retrocedeu, afirmando ao delegado dos madeirenses em Lisboa (Mário Jorge) que iria dentro de dias para o seu país.

8 Assim, as redes do Marítimo estendem-se para outras áreas, constando que esta manhã foram feitos contactos com Joaquim Meirim e Monteiro da Costa, dois dos técnicos que, na actual fase dos torneios oficiais, não têm patrão. Meirim seria, para já, o preferido dos dirigentes madeirenses que desejam ainda esta semana rescindir todos os compromissos com Pedro Gomes.

AFIRMAÇÃO

O madeirense Eduardinho, que um cronista da praça considera «prodigioso futebolista e menino querido dos adeptos do futebol», tem 27 anos, é «capitão» do Marítimo e vai (brevemente) ser sujeito a intervenção cirúrgica a uma hérnia inguinal. Entretanto, declara publicamente:

— **É verdade que o técnico Pedro Gomes tem as suas birras, por vezes excede-se, mas quem não comete tais atitudes?** («Record»).

WILSON OPERADO

Mário Wilson, técnico do Vitória de Guimarães, foi operado ontem, ao tendão de Aquiles, no hospital de Guimarães, tendo a intervenção cirúrgica decorrido da melhor maneira. Prevê-se que Mário Wilson tenha amanhã alta.

OS DÓLARES

Eusébio, que se encontra actualmente ao serviço do União de Tomar, deixa o clube nabantino, no fim do mês de Abril: vai para os Estados Unidos da América, onde irá jogar numa equipa daquele país. Entretanto, Simões (outro ex-benfiquista, igualmente a representar o União de Tomar) seguirá também para a América, não se sabendo ainda ao certo se viajará juntamente com Eusébio ou se ficará na cidade do Nabão até ao final da presente temporada.

JOGOS ANTECIPADOS

Foram antecipados para o próximo sábado, às 15 horas, os seguintes jogos do Nacional da 1.ª divisão: Riopele-Portimonense e Sporting-Sporting de Espinho. Na 2.ª divisão, Zona Norte: Passos de Ferreira-Rio Ave, Passos de Brandão-Vianense, Lourosa-Régua e Leixões-Famalicão (no Estádio do Bessa). Encontros da Zona Centro: Portalegrense-Beira-Mar e Marinhense-Sintrense (no campo do Marrazes). Na Zona Sul: CUF-Odivelas.

TREINADORES EM ELEIÇÃO

A 13 de Março próximo, a classe sindical dos treinadores vai ser chamada às urnas, para escolher direcção. Assegura-se a intervenção de duas listas de candidatos, chefiadas (antagonicamente) por José Maria Pedroto e Joaquim Meirim.

ATLÉTICO NA LUZ

Esta noite (21 horas) efectua-se, no Estádio da Luz, o embate entre Benfica e Atlético, a contar para o torneio de reservas promovido pela AFL.

PUNIÇÃO

Por quebra de regulamentação das relações entre os clubes e os jogadores de futebol, foram impedidos de celebrar novos contratos Manuel de Almeida Duarte (Associação Desportiva de Fafe) e Rui Soares dos Reis (Seixal).

LAMENTÁVEL

Cinco jogos na bancada: castigo da Associação de Lisboa ao junior Henrique António Pereira da Silva (Sobreirense) que no encontro do seu clube com o Alenquer, depois de outras faltas, tentou agredir o árbitro.

ARBITRAGEM

. Porfírio Alves e Marques dos Santos, das «centrais» regionais de Lisboa e Setúbal, pediram o licenciamento da arbitragem às respectivas Associações. O «internacional» Adelino Antunes, por seu turno, solicitou licença temporária.

INFELICIDADE

Confirma-se que o defesa Castro, esta temporada «trespassado» da Cuf para o Barreirense, terá de ser submetido a uma intervenção cirúrgica: fracturou um menisco do joelho direito e vai hoje à faca.

MANAÇAS: TÉCNICO

O jogador Manaças, do Marrazes, é o novo técnico da sua equipa, que havia rescindido o contrato com Júlio Amador. O Leiria e Marrazes, após essa decisão, havia encetado contactos com Bastos e Domingos, ex-guardião do Beira-Mar e, ante a impossibilidade de contratar qualquer deles, pôs a questão aos seus jogadores que acabaram por «apostar» em Manaças.

JUVENIS

Com vista ao Torneio Internacional de Juvenis, que se jogará no Algarve, pelo Carnaval, a Federação de Futebol convocou os seguintes jogadores: Celoricense Viçoso e Agostinho; F. C. Porto . Manuel Soares, Carlos Soares e Alves; Craks de Lamego — José João; União de Coimbra — Paulo Sérgio; F. C. Foz — Sérgio; Guimarães — Carvalho; Leixões — Casimiro; Zona Azul — Rolim; Portalegrense — Baptista; Alferrarede — Jorge Santos; Boavista — Vieira; Sporting — Justino e Rosário; Farense — Barão e Emílio; Vitória de Setúbal — Gago da Silva e Benfica — Ângelo, Lobo, Mário, Marinho, Parente e Machado.

TORNEIO E AMIZADE

Vai decorrendo o II Torneio de Amizade de Futebol Amador, que tem hoje mais uma jornada. Aqui, será de pôr a tónica no encontro Academia Grandela-«Azuis» da CUF, os clubes do topo da respectiva classificação (jogo às 16 horas, na Boa Hora). Depois daqueles seguem-se: Clube Profabril, M.Simões J., Unidos da Estil, Martins e Rebello, Unisol e Compal, este com seis pontos. A Academia Grandela leva 18, enquanto os «Azuis» da CUF somam 16 pontos.

Mundo do chuto

ARGENTINA: «CAPITÃO» ABDICA

O selecionador da equipa argentina de futebol, César Luís Menotti, divulgou a seguinte lista dos 22 jogadores seleccionados para o próximo campeonato do mundo. Guarda-redes: Gatti, Fillol e Baley; defesas: Tarantini, Pagnanini, Killer, Capurro, Olguin, Passarella, Botaniz; médios: Larrosa, Ardiles, Gallego, Villa, Valência; avançados: Houseman, Oviedo, Luque, Bravo, Bertoni e Ortiz.

Concentrar-se-ão a partir de 15 de Fevereiro na cidade balneária de Mar Del Plata, a 400 quilómetros a sul de Buenos Aires, para aí fazerem a sua preparação.

César Luís Menotti revelou que Jorge Carrascosa, que devia ser o «capitão» da equipa, renunciou a fazer parte da selecção por «razões pessoais».

DISTINÇÃO PARA MAIER E MUELLER

O guardião Sepp Maier e o «ariete» Gerd Mueller, os dois jogadores que há mais tempo militam no Bayern de Munique, antigo campeão europeu, foram condecorados com uma das mais altas ordens civis de mérito da Alemanha Federal.

Maier (de 33 anos) continua a ser o melhor guarda-redes do país, mas Mueller (de 32 anos) retirou-se da selecção nacional após ter marcado o golo que deu à RFA a vitória perante a Holanda, na final do campeonato mundial de 1974.

As medalhas foram-lhes entregues pelo ministro bávaro da cultura, Hans Maier, em representação do presidente Walter Scheel.

RÁPIDAS RÁPIDAS RÁPIDAS

Para os próximos campeonatos de patinagem artística, que se realizarão em Estrasburgo no fim do corrente mês, a selecção soviética será a seguinte: Pares — Irina Rodnima, Alexandre Zaitzev; Marina Tcherkassova, Serge Chakhrai; e Marina Peskova, Stanislav Lenovitch.

Homens: Vladimir Kovalev, Huri Ovtchinivkov e Igor Bobrine.

Senhoras: Elena Vodorezova, Natália Strelkova e Janna Illina.

Dança: Irina Miseeva - Andre Minenkov, Natália Linintchuk - Guennadi Karponosov, e Marina Zueva - Andre Vitmann.

Trinta e cinco personalidades do movimento olímpico mundial irão reunir-se, na cidade do México, no próximo mês de Abril. Nessa altura, terá lugar a reunião de «solidariedade olímpica», que será presidida por lord» Killanin, na qualidade de presidente da respectiva comissão do Comité Olímpico Internacional.

A Alemã Ocidental Rosemarie Ackermann, recordista do mundo de salto em altura, foi submetida a uma operação num tornozelo devendo ficar inactiva durante a temporada de Inverno. Foi operada esta semana e permanecerá no hospital durante mais quinze dias revelou a agência oficial da RDA. Ackermann estará presente contudo nos Campeonatos da Europa que se realizam no mês de Outubro, em Praga.

Annemarie Moser Proeel, da Áustria, continua no comando da Taça do Mundo de Esqui, após ter vencido a nona prova da competição, disputada ontem em Les Diablerets, na Suiça. A austríaca, de 24 anos, gastou 1 minuto e 29, 38 segundos. Em segundo lugar classificou-se Evi Mittermaier, da Alemanha Federal, com 1.30,36. Em terceiro ficou a sua companheira de fila, Irene Epple, com 1.31,00. Após esta prova, a classificação da Taça do Mundo é a seguinte:

1.º — Annemarie Moser Proeel, Áustria, 98 pontos; 2.º — Hanni Wenzel, Liechtenstein, 89; 3.º — Lise-Marie Morerod, Suíça, 65; 4.º — Mónica Kaserer, Áustria, 64 e 5.º — Cindy Nelson, Estados Unidos.

O tenista argentino. Guillermo Villas, será a figura central do torneio internacional de ténis de Milão, com o prémio «record» de 200 mil dólares (cerca de 10 mil contos). A prova decorrerá entre 27 de Março e 2 de Abril com a participação dos 29 jogadores que encabeçam a classificação mundial. Já asseguraram a sua presença o sueco Bjorn Borg, o romeno Anastase, o australiano John Alexander e o norte-americano Gerulaitis, além dos italianos Adriano Panatta, Corrado Barazzutti e Bertolucci.

Pub

Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos dos Artigos 31.º, alíneas b) e c) e Art.º 32.º, dos Estatutos, venho convocar a Assembleia Geral de Sócios do Organismo para uma sessão extraordinária a realizar no dia 28 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na Sede da Sociedade de Instrucão e Recreio Barreirense-Penicheiros, sita na Rua do Conselheiro Serra e Moura, 66, no Barreiro, sessão esta que terá a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Apreciação e votacão sobre o Relatório de Contas da Direcção do Ano de 1977 e respectivo parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Apreciação e votacão sobre o Orcamento Geral proposto pela Direccão para o Ano de 1978.

Setúbal, 12 de Janeiro de 1978.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Basílio Pinto Cabral

Na sua agenda

MONTREAL REEVOCADO

Os Jogos Olímpicos de Montreal constituem o tema de uma película que, logo à noite (20 e 45) é exibida no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, por iniciativa do Comité Olímpico Português.

SORTEIO HÓQUISTA

Pelas 19 horas, na sede federativa, processa-se o sorteio das meias-finais da «Taça de Portugal», em hóquei patinado. Quatro concorrentes em prova: Sporting, Oeiras, Benfica e FC Porto.

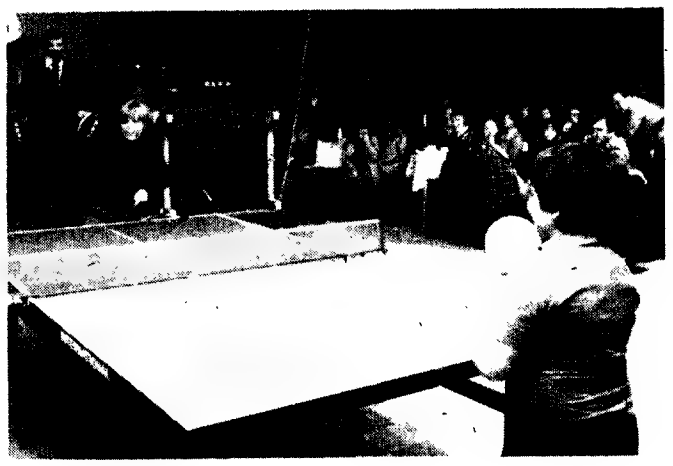
XADREZ PARA TÍTULO

Deverá realizar-se até princípios de Fevereiro o «match» Fernando Silva-Joaquim Durão, para desempate do campeonato nacional individual de xadrez, referente a 1977. Embora não haja ainda uma data fixada, o encontro deve ter lugar em fins deste mês ou em princípios do próximo, devido aos compromissos internacionais de Durão.

Os dois jogadores terminaram em igualdade pontual o torneio, realizado entre 12 e 23 de Agosto do ano passado, em Lisboa.

TOTOBOLA Jogue connosco

Marítimo - Setúbal	X
Estoril - Braga	X
Feirense - Benfica	2
Riopele Portimonense	X
Sporting - Espinho	1
Belenenses Boavista	1
Guimarães - Varzim	1
Penafiel - Faie	2
Chaves - A de Lordelo	2
Portalegrense B - Mar	X
U. Coimbra - A. Viseu	X
Farense Olhanense	1
Amora - Barreirense	X



Inauguração do ginásio para ténis de mesa, construído em Alvalade. Festa que meteu fadistas e guitarras, para além da exibição de Gonçalo Rocha (filho do presidente leonino), em duelo animado com o primogénito de José Dias, «capitão» da modalidade no clube «verde-branco»

ANDEBOL EM FASE TURBULENTA

José Gomes Machado contra Congresso

Alegando **«ilegalidade jurídica»** da convocatória, a direcção cessante da Federação de Andebol abandonou o congresso, no ISEF (Cruz Quebrada), destinado à leitura, discussão e votação dos relatórios das contas e dos pareceres do conselho fiscal, referentes aos anos de 1974/75, 1975/76 e 1976/77 (parte).

No início da reunião, a que estiveram presentes delegados das associações de Aveiro, Vila Real, Castelo Branco, Leiria, Madeira, Porto, Viseu, Faro e Coimbra (regista-se a surpreendente ausência de Lisboa) José Gomes Machado, presidente da anterior gerência, criticou duramente o presidente do Congresso, Oliveira Santos, acusando-o de **«irresponsabilidade, má-fé e especulação»**.

Depois de salientar que, inclusive, não tinha recebido convocatória para o Congresso, **que igualmente aconteceu com outros ex-dirigentes»** Gomes Machado afirmou **«não pactuar com irregularidades»**, já que ao abrigo dos estatutos **«não podem participar em Congressos ex-representantes das associações»**, anunciando a decisão de se retirar da sala juntamente com os seus colegas.

Face a esta tomada de posição, caiu-se num impasse que se arrastou durante cerca de três horas, pois os congressistas e o presidente da Mesa não sabiam como resolver um problema para que não estavam preparados.

Castelo Branco propôs, então, que o caso fosse apresentado à Direcção-Geral dos Desportos: Leiria recusou-se à discussão do relatório e das contas sem a presença da anterior gerência, e Coimbra concluiu que, ao fim e ao cabo, chegava-se à conclusão de que a convocatória era ilegal e a gerência de Jose Gomes Machado tinha razão. Face à afirmação do delegado de Coimbra, o presidente do Congresso colocou o seu lugar à disposição, justificando: **«Não faço outra convocatória»**.

Dado isto, foi votada a continuação, ou não, do Congresso, dado o impasse em que se caíra, tendo cinco das nove associações feito pronúncia a favor do não prosseguimento da reunião.

Já depois do Congresso ter terminado e enquanto se trocavam impressões, o ex-dirigente lisboeta, João Correia, afirmou estar **«envergonhado com tudo o que se passou aqui»**, enquanto o delegado do Porto propôs que se fizesse uma nova convocatória, nos termos legais, fosse repudiada a atitude da direcção cessante e da mesma fosse dado conhecimento à DGD. A proposta, já após o Congresso ter encerrado, foi aprovada com a abstenção de Aveiro.

Finalmente, ficou marcado um novo Congresso para o dia 11 de Fevereiro próximo, com a mesma ordem de trabalhos.

No final do Congresso, a ex-gerência federativa entregou à ANOP um comunicado onde, após afirmar que **«a posição tomada (...) foi consequência de reunião prévia e bem ponderada»** salienta que a mesma resulta de **«sempre, mais uma vez, ter sido ilegal»**.

«Permitindo, segundo reza a sua convocatória, a presença de ex-representantes dos sócios efectivos (associações), comete o presidente do Congresso uma ilegalidade jurídica», diz o comunicado, acrescentando que **«fizeram-se os mais escabrosos comentários, marcaram-se congressos para discutir o que não havia, fizeram-se declarações públicas escandalosas e ridículas, disse-se que a não apreciação do relatório perturbava o andebol, mas a tudo isto o sr. presidente do Congresso foi indiferente e pactuante»**

O comunicado termina com a afirmação de que **«estamos dispostos a enfrentar um colóquio com todos os dirigentes, sem excepção, e todos aqueles que se interessam pela modalidade, para lhes prestarmos todos os esclarecimentos que pretendem, mas lógica e coerentemente (...), exigimos a marcação do Congresso devidamente legalizado, para então as nossas contas serem devidamente discutidas»**

Refira-se que o parecer do Conselho Fiscal sobre as contas da anterior gerência é favorável e tece os maiores elogios à forma metódica como o relatório foi elaborado.

Japoneses batem "esperanças" portuguesas

Japoneses por cá, a praticarem andebol. Ontem, no pavilhão da Amadora, uma equipa nipónica bateu a portuguesa selecção de «esperanças», por 31-20.

Com boa arbitragem de Manuel Mendes e Joaquim Mateus, alinharam e marcaram:

ESPERANÇAS: Pedro (Amorim); Pinto (1); Pais (1); Remelhe (2); Areias (5); R. Ferreira (1); Mário (1); João Manuel (4); Comédias; Carlos José e Jonel (5).

JAPÃO: Fokui (Sunami); Tsugawa (4); Shiga (2); Sato (3); Saito (4); Havawa (2), Yanagawa (6); Nakamoto; Samo (5); Takashi (5).

A abrir o programa, o Benfica venceu a Académica da Amadora, (23-16). A equipa japonesa joga hoje em Alvalade, às 21.30 com a nossa selecção principal.

BASQUETEBOL FAZ DIFERENDO NO PORTO

Gomes da Silva: pontos nos ii

«É natural que o verdadeiro problema pelo qual saí do FC Porto (incompetência do técnico Carlos Ferreira) sofra tentativas de ser escamoteado, no sentido de chamar a atenção da massa associativa para problemas secundários, que nada têm a ver com a essência do meu afastamento», afirmou o basquetebolista «internacional» Gomes da Silva.

Gomes da Silva sublinhou (à ANOP) que **«não tem nada contra a secção do clube e muito menos com pretensas promessas de emprego por parte dos dirigentes Exerço a minha actividade profissional há seis anos e, ao longo de 13 épocas, nunca pus como condição para representar o FC Porto a obtenção de qualquer emprego»**

«Lamento, profundamente, que elementos da secção do clube divulguem notícias falsas no sentido de empolar uma situação em que me limitei a apresentar a demissão ao director da secção», acrescentou.

O ex-basquetebolista do FC Porto disse, ainda, que **«gostaria de ver o assunto encerrado»**.

Entretanto o director da secção de basquetebol do FC Porto, (Carlos Von Haff) afirmou que **«Gomes da Silva deixou o nosso clube, como todos sabem, por incompatibilidade com o actual treinador Carlos Ferreira Foi uma atitude que temos de respeitar»**, adiantou.

Von Haff referiu que os elementos da secção **«ainda não perderam as esperanças de verem, com agrado, o regresso de Gomes já tivemos uma reunião, mas ele mantém-se irredutível No entanto, vamos tentar tudo para que Gomes da Silva regresse»**.

O director do FC Porto terminou desmentindo uma notícia da «ANOP», segundo a qual Gomes da Silva tinha abandonado o clube por não ter visto deferido um pedido de emprego.

África: feitiço e droga à mistura com bolinha

Um guarda-redes tanzaniano foi apupado por 25 mil espectadores, que suspeitaram que ele estava a usar feitiçaria, na final de um torneio de futebol, disputado em Kampala. A multidão começou a agitar-se quando pensou ter visto Omar Mahadhi a colocar objectos na linha de golo, a fim de impedir os avançados do Kampala City Council de marcarem contra a sua equipa, o Simba.

O árbitro acalmou os ânimos quando se dirigiu a Mahadhi e retirou das suas luvas objectos não identificados. Se se tratou de feitiçaria, deu resultado (para bem do guarda-redes tanzaniano): o encontro terminou empatado sem golos, após prolongamento, e teve de ser decidido pela marcação de grandes penalidades. Mahadhi foi encarregado do último castigo e atirou ao poste, pelo que o troféu, entregue pelo presidente Idi Amin, foi conquistado pelo «onze» ugandês.

Entretanto, em Dar-es-Salam, um jogo de futebol foi adiado, após o árbitro ser preso dentro do campo e acusado de fumar marijuana no estádio, pouco antes do pontapé de saída, revela o jornal oficioso tanzaniano «Daily News». Foi devolvido o dinheiro dos bilhetes aos espectadores que queriam assistir ao jogo.

Daniel Buco arqueiro n.º 1

Daniel Buco, do Lisboa Ginásio Clube, foi o vencedor do «Torneio Ano Novo», de tiro com arco, prova indoor 1 (18 metros) realizada nas instalações do Ginário Clube Português. Daniel Buco totalizou 569 pontos, marca que constitui novo recorde nacional.

Na categoria de seniores, depois de Daniel Buco, classificaram-se: 2 Carlos Silva Sporting, 528 pontos; 3.º Aurinda Vieira, Sporting, 500; 4.º António Quirino, Lisboa Ginásio Clube, 500; 5.º José Vale, Sporting, 495; Por equipas a classificação foi a seguinte: 1.º Lisboa Ginásio Clube, 1549 pontos; 2.º Sporting, 1523; 3.º Casa do Benfica das Caldas da Rainha, 1247.

Em juniores o 1.º foi Luis Martins, do Grupo Desportivo da Companhia Nacional de Navegação, com 551 pontos, marca que constitui novo recorde nacional da categoria. Nos lugares imediatos classificaram-se Patrício Baptista e António Lopes, ambos igualmente do GDCNN, com 512 e 505 pontos, respectivamente. Por equipas a melhor foi a do GDCNN

Em aspirantes, a classificação foi a seguinte: 1.º Vítor Cunha, Casa do Benfica das Caldas da Rainha, 484 pontos; 2.º Nuno Bruno CBCR, 477; 3.º Paulo Tuna, LGC, 473; 4.º João Falcão Neves, Ginásio Clube Português, 463; 5.º Pedro Vaz LGC 436.

MOTONÁUTICA

Campeões em festa

Festa grande da motonáutica, para distinção dos campeões nacionais de motonáutica, em 1977: ano particularmente difícil para um desporto que sofreu, como tantos outros, a oscilação consequente das alterações sociais do nosso País, desde 1974, uma vez que foi quase sempre e encarado como desporto elitista.

Como o futebol ou o hóquei em patins, independentemente do número de praticantes ser maior ou menor, a motonáutica oferece possibilidade de levar espectáculo e desporto, pleno de emotividade e luta, a locais nem sempre privilegiados na assistência a outros desportos.

Em 1977, concedeu-se certo apoio oficial à motonática: e a Direcção-Geral do Turismo (através do seu Departamento de Animação), apadrinhou e acarinhou o «Torneio Nacional de Motonáutica», que contou simultanêamente para o Campeonato Nacional e «Torneio de Barragens». Foi afinal recompensa dada aos praticantes da luta pelos títulos desenrolada ao longo de nove provas, organizadas quase sempre pela nova e dinamica (mas ao mesmo tempo, tão limitada, em condições de trabalho) direcção da Federação de Motonáutica que, dinamizada pelo seu presidente (eng. Ribeiro Telles).

Eis os campeões nacionais: João Fernandes, na categoria TE (Turismo c/ motores até 850 cc), com 2800 pontos; Vasco Vicente Futuro, na categoria SD (Sport c/ motores até 700 cc), com 2825 pontos; Fernando Jorge Correia, na categoria SE (Sport c/ motores até 850 cc), com 2500 pontos. So mente na categoria SD, mudaria o vencedor final, no Torneio das Barragens, que desta vez caberia a Guilherme Matos, com 1000 pontos. Nas outras categorias, os campeões acumulariam os títulos.

EMPATE FRENTE À HENKEL

"DL" inaugura época futebolística

Para abertura da temporada futebolística, a rapaziada do «DL», defrontou, anteonteom, a turma representativa da Henkel Portuguesa (que aliás está a disputar o torneio do Inatel, e, como tal, bastante rodada). Mesmo assim, o pessoal «DL» (brioso, como sempre) logrou um empate a três golos, tendo chegado a vencer por duas bolas (2-0 e, mais tarde, 3-1). Para o fim, como era de esperar, faltaram as forças e... foi a recuperação adversária. Um resultado que não deslustra (antes pelo contrário), dado o real valor da turma da Henkel.

Uma palavra de simpatia para os nossos adversários pela forma como aceitaram o nosso convite (quese em cima da hora), permitindo-nos uma estreia agradável na presente temporada.

O jogo foi disputado no campo do Palmense e decorreu com extrema correcção de parte a parte (ou não fosse um jogo entre trabalhadores que teriam de acordar cedo no dia seguinte). Bem arbitrado pelo Roque da Silva.

Alinharam:

HENKEL Braz; Luís Neves, Luís Gaspar, Braga e Ferreira; V. Hugo, Amândio e Arsénio; Daniel, Rui e Isaac.

«DL» Martins; Magalhães, Carlos Martins, Gil e Vítor Santos; Coelho, Vieira e Armando; Fernando, Júlio e Jorge.

Marcaram: pelo «DL», Coelho e Fernando (2); pela Henkel, Rui (2) e Daniel.

edições Avante!

A REVOLUÇÃO LATINO-AMERICANA

RODNEY ARISMENDI

A LUTA DO POVO URUGUAIO, AS LUTAS DOS POVOS LATINO-AMERICANOS CONTRA O IMPERIALISMO E PELA INDEPENDÊNCIA NA CONCEPÇÃO CIENTÍFICA DE ARISMENDI UM DOS MAIS APAIXONADOS E APAIXONANTES CONHECEDORES DESSA REALIDADE.

Preço 150$00

CDL a distribuição

Assembleia Municipal do Porto repudia incidentes nos liceus

PORTO, 17 — Por proposta do vereador Mário Brochado Coelho, a AM do Porto repudiou os incidentes que se verificaram nos liceus do Porto, nomeadamente no Garcia de Orta, ao mesmo tempo que se dirigiu um apelo ao MEIC para que sejam tomadas medidas destinadas a evitar as manifestações de carácter fascista. A proposta foi aprovada com abstenção do CDS, cujo representante se justificou com a opinião de que é compreensível que os estudantes reajam «à politização de sentido único». Ainda por proposta daquele mesmo vereador, a AM tomou posição, por unanimidade, sobre o problema da prostituição no Porto, solicitando que seja aberto «inquérito rigoroso sobre o tráfico e corrupção de jovens que inclua o apuramento das eventuais conivências existentes no seio da PSP e Polícia Judiciária».

Sobre este problema da prostituição, recordamos que o comandante da PSP do Porto o abordou recentemente num dos encontros com os jornalistas, salientando então a falta de meios da corporação, quer legais quer materiais, para enfrentar tal problema. Por outro lado, por nós contactado esta manhã sobre se teria algum comentário a fazer quanto à citada proposta da AM, o comandante da PSP afirmou que «cada um tem o direito de propor e de fazer os inquéritos que quiser» e que o proposto inquérito «recai também sobre mim», acrescentando que todos os inquéritos podem sempre ser feitos pelas entidades competentes.

AULAS NO D. DINIS

Esta manhã decorriam normalmente as aulas no Liceu D. Dinis que ontem, dia marcado para as eleições da Associação de Estudantes, foi cenário de actos de violência de carácter fascista. Elementos estranhos ao Liceu invadiram as instalações e agrediram alunos. Para lá do regresso à ribalta do «irmão Baltazar» que o MEIC, após ter agredido uma aluna e um professor no Padre António Vieira, suspendeu, acabando por se encontrar, na qualidade de aluno, presentemente no Liceu D. Dinis, nomes das Avenidas Novas, das motorizadas, surgem por detrás dos incidentes que ameaçam alastrar entre eles Alvarenga, conhecido no Liceu D. Leonor onde o ano passado tentou impor a lei da violência fascista. Para lá dos problemas de fundo que assistem a estas reacções, movem-se nos bastidores outras forças. A propósito da violência fascista desencadeada no Liceu Garcia de Orta, no Porto, o vereador do CDS na Assembleia Municipal daquela cidade que é compreensível que os estudantes reajam «à politização de sentido único».

É nos liceus, e liceus marcados pelo meio social onde estão inseridos, e não nas escolas secundárias, industriais e comerciais que esta violência surge, com cartazes de Salazar, frases de Mussolini e emblemas da suástica.

Melo Antunes em Cuba

Chegou no domingo a Havana o major Melo Antunes, membro do Conselho da Revolução e presidente da Comissão Constitucional, a convite do presidente da Assembleia Nacional de Cuba.

A deslocação de Melo Antunes, que era aguardado no aeroporto «José Martí» pelo vice-presidente da Assembleia Nacional do Poder Popular e membro do Conselho de Estado, José Roa, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Isidoro Malmierca e ainda pelo embaixador de Portugal em Havana, João da Palma Carlos, prende-se com as funções que exerce na Comissão Constitucional.

Entretanto Melo Antunes visitou o Museu da Revolução e o «Memorial Gramna», esperando-se que tenha conversações com autoridades políticas cubanas.

O FEMINISMO...

Continua na pág. 3

da infatigável dialéctica dessas mulheres, tanto mais desagradáveis quanto são muitas vezes mais cultas do que eles.

Há muito socratismo no novo feminismo. Mas há pior. Em cada feminista existe uma Antígona adormecida. Essa consciência que quer verificar se o Estado, a religião ou o partido a que se adere são fiéis ao seu próprio ideal.

Há uma Electra cuja mãe (e não o pai) foi assassinada.

Não é com estas mulheres que sonham os Creontes, os Egistos e outros príncipes da política contemporânea. Eles preferem as Efigénias que os conduzirão à vitória, as Esteres, que os farão sentir-se poderosos e generosos, ou as Isménias que lhes trarão a paz.

O melhor ainda seria que todas se calassem.

O que vejo de mais claro na recusa do feminismo por todos os partidos, é que na nossa República os homens decidiram colocar-se entre o Estado e as mulheres, como dantes, na Igreja, os maridos se situavam entre Deus e as suas companheiras. Mitterrand fala às suas militantes como São Paulo às cristãs: **«que as mulheres se calem na Igreja... Se querem instruir-se, que interroguem os maridos... Que tudo se faça docemente e com ordem»**. (Aos Coríntios 1,14.)

Outrora as Antígonas eram enterradas, as bruxas queimadas e as incendiárias presas. Hoje tapam-se os ouvidos e escreve-se na porta: **Do not disturb.»**.

(Le Monde)

Três emigrantes morrem na Suiça

Três emigrantes portugueses faleceram na Suiça em consequência de um acidente de viação. O desastre ocorreu na localidade de Val-de-Travers e nele vieram a perecer os emigrantes portugueses José Alves, de 23 anos, Fernando dos Santos, de 30 e Agostinho Formoso, de 29.

O primeiro residia em Couvet, e os dois outros em Fleurier. A viatura era conduzida pelo Agostinho.

Matosinhos no Defeso defeso

Em plenário efectuado ontem à tarde na lota de Matosinhos sobre o problema de saber se se devia ou não entrar no «defeso» da sardinha, os pescadores acabam por decidir para os barcos e dar por finda a sua actividade até meados de Abril. O plenário surgiu em consequência de haver opiniões entre os pescadores que defendiam a continuação da pesca da sardinha por mais algum tempo.

Entretanto, o plenário fez surgir diversos problemas que afectam estes pescadores, nomeadamente na regulamentação contratual e quanto ao facto de continuarem a receber por percentagem, não auferindo salário certo. Foi ainda referido o problema do horário de trabalho e as horas da saída para o mar, que estão na origem de alguns diferendos que ainda recentemente se traduziram no lançamento ao mar de centenas de cabazes de peixe fresco.

Reparações em Sacavém provocaram cortes de electricidade

A necessidade de reparações importantes no equipamento de transformação da subestação de Sacavém, provocou quebras no fornecimento de energia à cidade de Lisboa, quebras essas que só ontem, ao princípio da noite, seriam totalmente eliminadas.

A situação de quebras esporádicas na corrente eléctrica arrastava-se desde sexta-feira, e, segundo informação da empresa concessionária, a EDP isso deveu-se às avarias de ordem técnica em Sacavém, que obrigaram à paragem da subestação para reparações profundas.

Foi necessáril, assim, fazer transferências de cargas entre as diversas fontes de abastecimento energético disponível.

Três portugueses presos em França

Foram presos na passada sexta-feira perto de Tours três portugueses responsáveis, segundo telegrama da ANOP, por uma série de assaltos em França.

De acordo com a mesma fonte, Joaquim da Fonseca, de 25 anos, pedreiro sem trabalho nem domicílio certo, sua mulher, Maria, de 18 anos, e José Bernardo Miranda, de 22 também pedreiro sem emprego, atacaram à mão armada no começo de Janeiro duas estações dos correios, uma a norte de Tours, outra em Evry-Les-Chateaux, na região parisiense, além de uma mercearia na mesma área. O trio, que tinha conseguido apoderar-se de 27500 francos, foi detido numa portagem.

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos 20/1/78
Dactilografia: Este curso tem início todos os dias. Informações e inscrições no
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272 R. do Arsenal, 100-1 °

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado especialmente nas regiões a Sul do Douro e o vento era fraco de Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	6°
PORTO	6°
PENHAS DOURADAS	-1°
COIMBRA	6°
PORTALEGRE	2
isboa	8°
ÉVORA	7°
BEJA	5°
SAGRES	11°
FARO	8°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	12°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 12,5°
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0.8°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.37	3,3 m	3.02	1,7 m
22.19	3,2 m	15.40	1,7 m
Dia 18			
10.50	3,2 m	4.18	1,8 m
23.28	3,3 m	16.47	1,7 m
Dia 19			
11.56	3,3 m	4.18	1,8 m
		17.43	1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento Raco; períodos de chuva ou aguaceiros e nevoeiros locais curante a noite.

AMANHÃ
NASCER ÁS 7.53
OCASO AS 17.42

Dia 24 Dia 31 Dia 7 Dia 14

rádio

1.° Programa

18.00 oticiário Separador **18.10** Hoje respondemos por música, por António Vitorino d'Almeida orquestras **19.00** oemas e poetas; música variada; **20.00** Jornal da noite; **20.30** Melodias; **21.00** 10.° episódio do folhetim: «O Imortal de Florença», de Álvaro Martins Lopes; **21.20** «Contraponto»; **24.00** Último jornal; **00.20** Jazz; **00.30** Vozes na noite; **01.00** «Música na noite : (RDP/Centro .

2.° Programa **20.00**

Música Sinfónica: Abertura «Fierrabras», de Schubert, Sinfonia n.° 1, em dó menor, op. 68, de Brahms; **21.05** Conjuntos de Câmara: Concerto n.° 9, em ré maior, p. 147, de Vivaldi; Concerto n.° 10, em si menor, p. 148, de Vivaldi; Danças e marchas, de Mozart; **22.00** Música vocal do Renascimento; Canções para vozes e instrumentos, de John Dowland; **22.30** O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00** Concerto pela Orquestra de Filadélfia; **1.ª Parte**. «Valsas nobres e sentimentais», de Ravel; «Schelomo» Rapsódia hebraica p/violencelo e orquestra, de Ernest Bloch; Intervalo: «Canções alemãs», de Handel; **2ª. Parte**: «Sinfonia Fantástica» op. 1-a, de Berlioz; **01.00** Fecho.

3.° Programa Nacional e Regional (290 m)

18.00 Contacto»; **18.20** Títulos de 1.ª página; **18.30** Actualidade; **18.45** Fórmula 1; **19.05** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **19.25** Tempo Citroen; **20.10** Antologia; **20.30** Pesquisa; **21.00** «A música e as vozes»; **21.30** «Quando o telefone toca»; **23.03** Novas de Alegria; **23.20** Nocturno»; **24.00** Nocturno (continuação); **00.15** Dia a dia com o passado; **02.00** Fecho.

3.° Programa-Local (187,5 m)

16.00 Variante; **18.00** Compasso; **18.15** Sal e Pimenta (re eic o); **18.45** Oiça o que não leu; **19.45** As palavras e a música; **20.40** Serviço de Agenda; **21.00** Fecho.

4°. Programa-Emissão Total em Estereofonia.

16.00 «Gong» — realização de João David Nunes; **19.00** Em órbita; **20.00** Forum — realização de Jorge Lopes; **22.00** «Auditório»; **00.00** Prisma — Realização de Fernando Quinas; **02.00** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08 Apelos; **18.15** Igreja em Notícia — Palavra do dia; **18.30** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00** Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00** Objectivo; **20.53** Apelos; **21.05** Curso de Língua Alemã; **21.30** Ao Encont o da Gra de Música; **22.00** Quando o telefone toca; **22.30** Temas Vivos; **23.00** Noticiário; **23.30** Dicionário de Economia; **23.55** Meditando.

palavras cruzadas

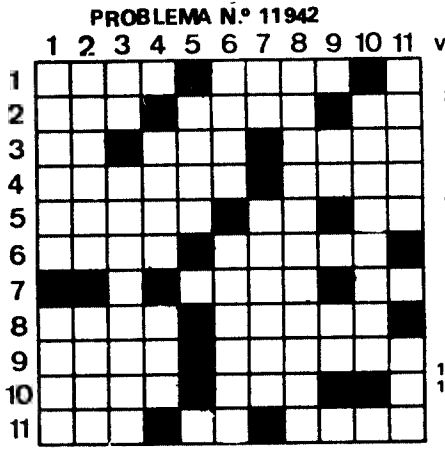
COM PROVERBIO
PROBLEMA N.° 11942

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Pronome indefinido.
2 Larva das feridas dos animais. Atraiçoa. Cobalto (s.q).
3 Erbio (s.q). Árvore de Angola. Sadios.
4 Esmagado. Camba.
5 Levantado. Plutónio (s.q). Frâncio (s.q).
6 Ilha do Pequeno Belt. Leito de viagem.
7 Rosto. Catedral.
8 Despidas. Deuses protectores do lar e da família, entre os antigos Romanos.
9 Vagueia. Juntam.
10 Grandes. Rata.
11 Preposição e artigo (pl). Vossa Alteza. Transpiram.

VERTICAIS:

1 Tencionava. Recusa.
2 Aparelho das velas do estai entre os mastros. Bramido.
3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Desampararas.
4 Rio que banha Setúbal. Sadias.
5 O essencial. O indispensável.
6 Grupo de três. Convencera.
7 O mesmo que uma (ant e pop). Sem vivacidade.
8 Contestarias.
9 Nesse lugar. Pronome pessoal (inv).
10 Declara em confissão.
11 Roer. Pronome pessoal.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

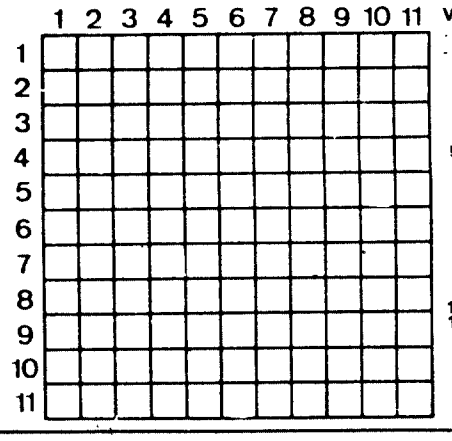
NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.° 8003

HORIZONTAIS:

1 Escavar. Mulheres do filho em relação aos pais.
2 Género de crustáceos. Ilha do Estado da Baía. Cidade dos Países Baixos.
3 Divisão de uma casa. Agarrar.
4 Atraiçoas. Progénie ue abrange várias famílias.
5 Que é do ar. O mesmo que ion.
6 Disfarçaram.
7 Oceano (inv).
8 Alteza Serenissima. Pesquisar. Sódio (s.q).
9 Preposição e artigo. Satélite de Júpiter.
10 Equipar. Molusco cefalópode usado na alimentação.
11 Triturara. Guarneceis de asas.

VERTICAIS:

1 Raça. Disfarçam.
2 Agúces. Letra grega.
3 Taparia. Estime.
4 Peça de vestuário de tecido de malha que cobre o pé e a perna (inv). Filtrar.
5 Zomba. Ave da família dos cotingidas. Rádio (s.q).
6 Laço. Folha de ferro estanhada.
7 Em a. Aguenta (pop). Deus dos pastores.
8 Preposição e artigo. Apelido.
9 Feixes de luz. Olá.
10 Acrescentaram. Li.
11 Sarau. Irmãos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 11941

HORIZONTAIS:

1 A. LÍNGUA. CC.
2 Parar. Broa.
3 Remara. Aira.
4 Atara. Assa.
5 Sós. Rs. Oco.
6 Ara. Atam.
7 Canal. Fão.
8 Fava. Si.
9 Alistara. Ba.
10 Lás. Usiras.
11 Asada. Sarro.

VERTICAIS:

1 Ras. FALA.
2 PELO. Calas.
3 Lamas. Avisa.
4 Irar. Anas.
5 Navarra. Tua.
6 Grã. Salgas.
7 Rãs.
8 Abas. Afiara.
9 Risotas. Ir.
10 CORAÇÃO. Bar.
11 Caá. Om. Vaso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 8002

HORIZONTAIS:

1 Am. Calor. Ar.
2 Barro. Carro.
3 Anais. Atoas.
4 Reis. Aira.
5 Ata. Era.
6 Arais. Maçam.
8 Leis. Soca.
9 Ana. Sol. Sal.
10 Pá. Pá. Amada.
11 Almas. Remas.

VERTICAIS:

1 Abara. Atapa.
2 Maná. Arenal.
3 Raia. Aia.
4 Cristais. Pá.
5 Aos. Ais. Sás.
6 Fo.
7 Oca. Lar.
8 Ratarias. Me.
9 Roía. Cosam.
10 Arar. Sacada.
11 Rosas. Maias.

PROVÉRBIO: **QUEM TUDO NEGA, TUDO CONFESSA.**

farmácias

LISBOA

TURNO 69

Até às 22 horas

AÇOREANA — Largo Conde Barão, 2. Tel. 661330. **ALB** — Rua Santana à Lapa, 158. Telefone 663562. **BRANQUINHO** — Rua Sapadores, 87. Tel. 842725. **CONDESTÁVEL** — Rua Coelho da Rocha, 119. Tel. 66606. **DILENA** — Rua Aliança Operária, 49. Tel. 636620. **ESPERANÇA** — R. Carlos Mardel, 101-B. Telefone 722868. **ESTADOS UNIDOS** — Av. E.U. da América, 16-B. Tel. 725859. **FÁTIMA** — Av. 5 de Ourubro, 147-A. Tel. 763107. **GOIS, LDA, SUCR** — R. Anjos, 12-C-D. Tel. 840101. **IVONE, LDA** — Rua Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760. **LATINHA** — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A. Tel. 42312. **LAVINHA** — R. Eng.º Paulo de Barros, 28-A. Tel. 708242. **LEAL DE MATOS** — Rua Neves Costa, 33-35. Tel. 780181. **LUSITANA** — Av. de Roma, 18-A. Telefone 725453. **MARLUZ** — C.ª da Pichelaria, 140-B-C. Telefs. 720703-728395. **MATOS VIEGAS** — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 694174. **MORÃO** — Rua da Assunção, 17-19. Tel. 321289. **NEOTERÁPIA** — Campo Grande, 138. Tel. 774682. **NOVA LUZ** — Rua D. Domingos Jardo, 28-A. Tel. 843439. **NOVAIS** — Av. Luís Bivar, 11-13. Telefone 44324. **PALMA** — Av. Duque de Ávila, 25-31. Tel. 547088. **PARIS** — Rua Reinaldo Ferreira, 5-A. Tel. 890131. **PÁTRIA** — C.ª dos Mestres, 30-A. Tel. 680627. **PROBIDADE** — Rua Alcanatara, 15-A-B. Tel. 638589. **ROMANA** — Rua Actor Augusto de Melo, 7-A. Tel. 383800. **SACRAMENTO** — Rua Actriz Palmira Bastos, lote 42. Tel. 384904. **S. TOMÉ** — Estrada do Desvio, lote 12-C. Tel. 790704. **SOUSA** — Estrada de Benfica, 429-431. Telefs. 780027-789985. **ZILER** — Rua S. Tomé, 54-55. Telefone 862835. **ZIRA**

Permanente

ASCENSO — P.ª Norte, 1-A (B.º Encarnação, Tels. 311216-310172. **DOURO** — Alameda Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131. **ESTÁCIO** — Pr.ª D. Pedro V, 60-63. (Rossio). Telefs. 327067-324214. **FÉNIX** — Rua Cruz dos Poiais, 52. Tel. 608531. **GARANTIA** — Aven. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A Tel. 727300.

MACEDO — Est. Poço do Chão, 19-C. Tel. 703697. **MANUEL VICENTE JESUS** — L.º Rato, 3-C-D. Tel. 681947. **PEREIRA SUCRS.** — Rua do Paraíso, 98-100. Tel. 863224. **TELES** — Rua João de Barros, 2-Fr. Tel. 638176. **VALE** — Av. Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Almeida Nifo** — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2112070). **ALCABIDECHE** — **Carvalho** — Até às 21 horas. **PORTO SALVO** — **Ferreira Bastos** — Até às 21 horas. **CARCAVELOS** — **Central** — Até às 22 horas; **Vilar** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — **Godinho da Silveira** — Av. Sab ia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas. **PAÇO DE ARCOS** — **Paroana** — Av. Eng.º Boneville Franco (Tel. 2435147) Até às 24 e das 0 às 9 horas. **OEIRAS** — **Oeiras** — L. Henrique Paiva Jcouceiro (Tel. 2430485) Até às 22 horas. **NOVA OEIRAS** — **Leal** — Até às 21 horas. **PAREDE** — **Macau** — R. J. Eli s Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAREDE** — **Junqueiro Mendes** — Até às 21 horas. **MURTAL** — **Primavera** — R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278) Até às 21 horas. **AMOREIRA** — **Amoreira** — (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas. **CASCAIS** — **Nova** — Est de Alv de-Fon ainh s (Tel. 281044) Até às 21 horas. **Marginal** — Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 24 e das 0 às 9 horas **LINHA DE SINTRA**

OUTRA BANDA

ALMADA — **Castro Rodrigues** — R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 2750076). **COVA DA PIEDADE** — **Louro** — R. Alexandre Herculano, 6-B (Tel. 2763517). **LARANJEIRO** — **Moderna** — R. dr. António Elvas, 84 (Tel. 24990305). **COSTA DA CAPARICA** — **CaLos** — Av. do Mar, 34-A (Quinta de St.º António). **SESIMBRA** — **Lopes** — R. Cândido do Rei, 21 (Tel. 2233028). **BARREIRO** — **Central** — Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207). **SEIXAL** — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580). **MONTIJO** — **Higiene** — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370). **MOITA** — **Silva Rocha** — P. da República, 16 (Tel. 239029) **ALHOS VEDROS** — **Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250). **ALCOCHETE** — **Nunes** — L. Coron I Ramos da Cos a, 10 (Tel. 234137)

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Girassol** — R. Elias Gar ia, 17-C (Tel. 9710231) Permanente. **Helénica** — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) Até às 22 horas. **DAMAIA** — **Confiança** — Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231). **QUELUZ** — **Simões Lopes** — Av. D. Miguel Bombarda, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123). **CAMARATE** — **Batalha** — R. Avelino S. Oliv.ª I (Tel. 2518569). **CACEM** — **Central** — R. Eli s Gar ia, 55 (Tel 2940034). **ALGUEIRÃO** — **Rodrigues** — Rato (Tel. 2912038) Permanente. **MERCÊS** — **Claro Russo** — Até às 21 horas. **RIO DE MOURO** — **Riomouro** — Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Até às 23 horas. **SINTRA** — **Marrazes** — Estefânia (Tel. 2930058) Permanente. **COLARES** — **Abr ja** — (Tel. 299088).

PORTO
(De dia e só até às 22 horas)

BONFIM — Rua do Bonfim, 73. Tel. 52444. **GUIMARÃES** — Rua de Francos, 37. Tel. 60103. **CASTRO CARNEIRO** — Rua do Padre Cruz, 146. Tel. 62092; **HENRIQUES** — Praça da Batalha, 64-A. Tel. 25173. **MORENO, LDA** — Largo de S. Domingos, 44. Tel. 23545. **SERPA PINTO** — Rua de Serpa Pinto, 645. Tel. 488697. **VASQUES** — Rua das Condominhas, 794. Tel. 62027.

(De dia e toda a noite)

VILARINHA — Rua da Vilarinha, 161. Tel. 682014. **LIGA AS. SOC. MUTUOS** — Rua de Bonjardim, 286. Tel. 21711; **GUERRA** — Rua de Costa Cabral, 43. Tel. 480470. **LEMOS E FILHOS** — Praça de Carlos Alberto, 31. Tel. 21309.

COIMBRA
(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

LUCIANO E MATOS — R. da Sofia, 7-11. Tel. 22141.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE — 803055
Centro Comercial de Alvalade

Sala A — 14, 16 30, 19 21 30 e 24 h

NEW YORK, NEW YORK
N. ac. M/ 13 anos

Sala B — 13. 15, 17. 19. 21.30, 24 h

UM CADÁVER DE SOBREMESA
N. ac. M/ 13 anos

ALVALADE — 897480
Av. Roma

15.15, 18.15, 21.30

Magistralmente emocionante
FUNERAL PARA UM ASSASSINO

Vic Morrow, Peter Van Dissel um filme de Ivan Hall

Não aconselhável a men. 13 anos

APOLO — 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
14, 16 30, 19 e 21.30
4.ª Semana

A MAIS LOUCA AVENTURA DE BEAU GESTE

de Marty Feldman
N. ac. M/ 13 anos
24.00 - n. ac. M/ 13 anos
CAR WASH

AVIS — 547163
Av. Duque D'Ávila, 45
15.30, 18.30, 21.30
7.ª semana
Bud Spencer em
O REGRESSO DO INSPECOR MARTELADA
de Steno
n. ac. M/13 anos

BERNA — 776098
Av. Marquês de Tomar
14.00, 16 30, 19 00 e 21 30 h
8.ª semana

KING KONG
de John Guilhermin
c. Jejj Bridges, Charles Grodin, Jessica Lange
Int M/ 13 anos

CALEIDOSCÓPIO — 795093
Campo Grande
14, 16.30, 19 e 21 30 h

9.ª semana

AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Para todos
Falado em português

CASTIL — 530194
Rua Castilho
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

Um filme de Richard Laster

100 QUARTOS EM BARAFUNDA

Int. men. 13 anos

CINE CITY
Rua Tomás Ribeiro, 34
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45

13.ª semana

O PRINCIPE E O POBRE
c/Rex Harrison, Charlton Heston e Raquel Welch

Não acon. a M/13 anos

CINEBOLSO — 573407
R. Actor Taborda, 27/B
12 30, 14.30, 16 45, 19 00 e 21 30 h

SAIAS ACIMA... JÁ
int. m/18 anos
As 24.00

EMANUELLE BRANCA EMANUELLE NEGRA
Int. aM/ 18 anos

CONDES — 322523
Av. da Liberdade, 2
14, 16.30 18.45 e 21.30

A DUQUESA E O VILÃO

d George Segal e Goldie Hawn

Não acons. men 13 anos

DOIS MIL — 2100055
Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 Algés
15.30, 18.00 e 21.30 h.

CASSANOVA
Felini

Não acons. m 18 anos

EDEN — 320768
P. Restauradores, 21
14.00, 16 30, 19 00 e 21 30 h

8.ª semana

KING KONG
de John Guilhermin

Int. a M/13 anos

ESTÚDIO — 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30, 21.30

PARAGEM NO BAIRRO BOÉMIO

d Lenny Baker, Shellev Winters e Ellen Greene
de Paul Mazursky

Não acons. M/18 anos

ESTÚDIO 444 — 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.15 18.30 e 21.30

9.ª Semana

A LICEAL
c/ Gloria Guida
n.ac.m/18 anos

EUROPA — 661016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15,

DOMINGO NEGRO
Não acons. a M/18 anos
As 21.15

UMA VEZ NÃO BASTA

IMPÉRIO — 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30 e 21.30

2.ª Semana

Sean Connery e
O PROXIMO HOMEM
de Richard Sarafian
Int. a M/ 13 anos

LONDRES — 801313
Av. Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

13.ª Semana

AS BELAS MULHERES DOS OUTROS

Não acons m/ 13 anos

MONUMENTAL — 555131
P. Duque de Saldanha
14, 16.30, 19, 21.30

7.º Semana

A GUERRA DAS ESTRELAS

c. Alec Guiness e Peter Cushing

Não ac. M/ 13 anos

MUNDIAL — 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
15.15, 18.30 e 21.30

Jean Paul Belmonde Maire-France Pisier-Bernard Blier

O CORPO DO MEU INIMIGO

Não acons. M/18 anos

NIMAS — 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
14.15, 16 45, 19,

O MAIOR ESPIÃO DA HISTÓRIA
Int. a M/13 anos
Estreia - às 21.30

A HONRA PERDIDA DE KATHARINA BLUM
Não ac. a me 13 anos

NOVOCINE — 840678
Av. General Roçadas, 7

15 15 e 21 15 h

Steve McQueen em
PERIGO PLANETÁRIO
N. ac. aM/ 13 anos

ODEON — 326283/4
R. Condes, 12 a 20

15 15, 18.15 e 21 15 h

2.ª semana

O PALÁCIO DO AMOR
Int. M/13 anos

OLYMPIA — 325309
Rua Condes, 11 a 23
Sessões continuas a partir das 14.00

CHINA GIRL

Int. a M/18 anos

este filme contém cenas eventualmente chocantes

PATHÉ — 821933
R. Francisco Sanches, 122

14,15, 16.30, 18,45 e 21.30

OS HIPPIES

De Roger Carman

Int. a M/18 anos

POLITEAMA — 326305
Rua Portas de St.º Antão
14.15, 16.30, 19.00, 21.30

UM HOMEM, UMA ARMA

c Martins Landou

Interdito a m. 18 anos

QUARTETO — 771378
R. Flores de Lima, 16
Sala 1 14,30, 16,45, 19, 21.15 e 23.30
INSERTS
Int. a M/ 18 anos

Sala 2 — 15. 17, 19. 21. 23
FRANÇA SOCIEDADE ANÓNIMA
Int. a M/ 18 anos

Sala 3 — 15. 17. 19. 21. 23
PARTNER
Não acons. men. 13 anos

Sala 4 — 14.30. 16.45. 19. 21.15 e 23.30
PASQUALINO DAS 7 BELDADES
n. ac. M/18 anos

RESTELO — 810375
Av. Torre de Belém
21.30

9.ª Semana

O VÔO DAS AGUIAS

Int. men 13 anos

ROMA — 887778
Av. Roma, Lote JRB
15.30. 18.30, 21.30

2.ª Semana

SANGUE FRIO EM AGUA QUENTE
c Paul Newman
N. ac. M/ 18 anos

ROXY — 548560
Av. Almirante Reis, 20
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

Charles Bronson e Alain Delon em

SOL VERMELHO

Não acons. a M/18 anos

SÃO JORGE — 579144
Av. Liberdade, 175
15.15, 18.30, 21.30
5.ª Semana

NEW YORK, NEW YORK

de Martin Scorsese
c Liza Minnelli e Robert de Niro
Não acons. m/ 13 anos

SATÉLITE — 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15, 17, 19, 21.30

PASQUALINO DAS 7 BELDADES

c/ Giancarlo Giannini

n. ac. M/18 anos

STAR — 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16 45, 19.00 e 21 30

A RAPARIGA DA CASA ISOLADA

Não acons. men. 18 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) — Tel. 371573
Estação do Rossio
11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

Bay Okan, Bjorn Gelda e Tuncel Hultiz em

O AUTOCARRO

Não acons. m/18 anos

TIVOLI — 570595
Av. Liberdade, 188
15.15, 18.30, 21.30
2.ª semana
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO

De Stanlev Kubrick

Não acons. m. 13 anos

UNIVERSAL — Tel. 774402
R. da Beneficência, 175
15.30, 21.30

HUI TIN
o maior de todos
Int. amen. 18 anos

VOX — 971794
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
15.15, 18.30 e 21.30 h

10.ª Semana
CASSANDRA CROSSING
c/ Sophia Loren e Richard Harris
n. ac. M/18 anos

D. JOÃO V — 367031
Praça Centro Comercial — Damaia
21.15

A SECRETÁRIA
d Omella Muti e Philippe Lerov
Não acons. a M/18 anos

cinemas de reposição

LISBOA

MONUMENTAL — «O Bonifácio Milhões», às 21.15 (13 anos)

TEATRO DA GRAÇA — «Uma Abelha na Chuva», as 21.30 (13 anos)

A.B.C. — «O da Guarda» às 20.30 e 22.45 (18 anos)

TEATRO DO BAIRRO ALTO — «As Tres Irmas», as 21.15 (18 anos)

MARIA VITÓRIA — «Alto e Pára o Baile», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

TRINDADE — «O Conde Barão», às 21.30 (13 anos)

LAURA ALVES — «Calcinhas Amarelas», às 21 30 (18 anos)

TEATRO ABERTO — «Os Macacões» às 21.45 (13 anos)

PORTO

Á DA BANDEIRA — «Aqui Quem Manda sou eu», às 21.30 (13 anos)

LISBOA

PARIS — «Golpe em Berlim», às 21.30 (13 anos)

CINE MOSCAVIDE — «Cada um no seu Inferno», às 21.15 (18 anos)

CINEARTE — «A Escalada», às 21.30 (13 anos)

CINEAUDITÓRIO — «Viver para Viver», às 21.15 (18 anos)

COLISEU — «Três Balas para um Pistoleiro», às 21.30 (18 anos)

LUMIAR — «O Arquivo Secreto», às 21.30 (18 anos)

JARDIM — «Mas que Tropa...», às 21.15 (6 anos)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Stadium** — «Verão 42», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL — **Casino** — «O Homem da Máscara de Ferro», às 21.15 (13 anos)

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Recreios Desportivos** — «O Amor começa à meia-noite» às 21.15 (18 anos)

AMADORA — **Lido** — «A Liceal», às 21.15 (18 anos)

AMADORA — **Cinestúdio** — «King Kong», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS — **Cine Chaby** — «Batalhão de Condenados», às 21.15 (18 anos)

OUTRA BANDA

ALMADA — **Incrível** — «Vampira», às 21.15 (18 anos)

PORTO

ESTÚDIO 400 — «Um Segredo Inquietante», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT — «Incrível Sarah», às 21.30 (6 anos)

JÚLIO DINIS — «Emanuelle Negra N.º 2», às 21.30 (18 anos)

CARLOS ALBERTO — «Vida de Cão nas Trincheiras», às 21.30 (6 anos)

TRINDADE — «Cassandra Crossine» 21.30 (13 anos)

ÁGUIA DE OURO — «Senhoras ao vosso Dispor» 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO — «Jovens Apaixonados» 21.30

COLISEU — «Amor a Vida», as 21.30 (13 anos)

BATALHA — «A Super Patrulha», às 21 30 (13 anos)

PASSOS MANUEL — «King Kong», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI — «O Voo das Águias» às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA — «Eva Negra» às 21.30 (18 anos)

CHAPLIN — «De Calcinhas Côr-de-Rosa», às 21.30 (18 anos)

ESTUDIO FOCO — «Três Mulheres na Intimidade» às 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO — «Que Amor tão Terno e tão Violento», às 21.30 (18 anos)

COIMBRA

GIL VICENTE — «O Principe da Sabedoria», às 21.30 (13 anos)

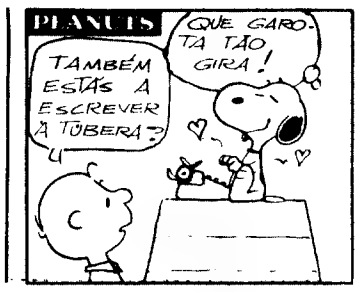
TIVOLI — «Casanova» às 21.30 (18 anos)

S. TEOTÓNIO — «O Vale dos Perdidos» às 21 30 (18 anos)

AVENIDA — «Meu Filho meu Amor», às 21.30 (18 anos)

CÚSCÚS

ESPECIALIDADE ÁRABE
PRATOS INDIVIDUAIS A 80$00
Jante todos os dias a partir das 20.30H no
BONAPARTE
Rua de S. Miguel, 70 - ALFAMA
Tel. 872761



DL
RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1.º
TELEFONES 654531/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3, 320229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154, PUBLICIDADE 368740
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA, TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

NO ANO DE 77 EM PORTUGAL

Preços subiram 27 por cento

De todos os produtos alimentares que mais ou menos normalmente os portugueses consomem, some-te o arroz, e o açúcar mantiveram em 1977, os mesmos preços que tinham em 1976. Todos os restantes aumentaram, bem como os produtis de vestuário e calçado e as despesas de habitação e em percentagens que chegam a atingir (no caso do grupo de cacau, café e chá) mais de 100 por cento. Feitas as contas, porém, e provisoriamente, sem contar com as despesas de habitação (onde, diga-se, os aumentos não foram na generalidade, superiores aos verificados noutras classes), os preços terão subido, em 77, cerca de 27 por cento em relação a 76. Estes números constam duma informação divulgada recentemente pelo Instituto Nacional de Estatística. Lembra-se entretanto, que ainda há poucos dias durante a realização dum colóquio sobre o assunto realizado ,no Porto, peritos calcularam que os aumentos em 1978 deverão cifrar-se em cerca de 45 por cento em relação ao ano passado.

Segundo o mapa do INE, foi no grupo cacau, café, e chá que se registou o aumento maior: 137 por cento, somados os três aumentos. O mais alto foi o do café, percentagem de 155. Mas aumentos muito altos registaram-se ainda na carne de vaca (62 por cento), nas frutas frescas e frigorificadas (60), nos peixes, crustáceos e moluscos (cerca de 30, com os números mais elevados, nos aumentos do peixe em conserva de 48 por cento do seco e em salmoura, de 44, dos moluscos e crustáceos frescos, de 39). Leite e produtos lácteos (com exclusão da manteiga) sofreram aumentos avaliados em nada menos do que 24 e 41 por cento, respectivamente. O preço da alimentação preparada no todo ou em parte (em casa) subiu mais de 33 por cento: a consumida fora de casa aumentou cerca de 23. Subiu a 29 por cento o aumento das bebidas. No qur toca a vestuário e calçado, as contas gerais falam de mais de 18 e 22 por cento, respectivamente. Quanto a despesas de habitação, elas terão aumentado 26,5 por cento e as despesas correntes quase 30 (roncretamente, 29,8). Aumentos muito significados registaram-se também nos transportes (24,5 por cento) e nas comunicações (34). Por subgrupos, aqui, os números mais fortes pertencem aos correios (44 por cento), aos telefones (33), aos transportes privados (30), aos transportes colectivos suburbanos (25) e aos automóveis de aluguer (24,7).

Vimos como os aumentos atingiam excepcionalmente alto alguns dos bens de consumo essenciais. Mas todos os bens essenciais foram atingidos pela subida geral dos preços. A título de exemplo, e percorrendo os mapas do INE, poderiamos dizer que não foi somente a carne de vaca que aumentou: aumentaram todas as carnes, miudezas, salsicharia e animais de capoeira (contas totais, em cerca de 37 por cento, e a generalidade dos cereais e produtos à base de cereais em cerca de 22, as leguminosas em 37 (29,5 o feijão, 79,4 o grão-de-bico. Aumentaram em cerca de 30 por cento os combustíveis e a electricidade (41,8 a electricidade); em mais de 35 por cento os electrodomésticos.

Só mais exemplos curiosos. Nas despesas relativas à Saúde, registou-se um aumento de 14,9 por cento. Tabaco e despesas do fumador, tiveram entretanto dos aumentos mais baixos; apenas 2,5 por cento. Dos aumentos mais baixos, quer dizer: do mapa do INE, não há números mais baixos, à parte o arroz, e o açúcar, cujos preços se mantiveram.

Numa última nota, diga-se que todos estes números se referem ao Continente.

Racista sul-africano recebido por João Lima

Está já em Lisboa o «mayor» (presidente da Câmara) de Joanesburgo, Powell, que estará nesta cidade durante cinco dias, em trânsito para a Madeira.

Powell foi ontem recebido pelo secretário de Estado da Emigração, demissionário, João Lima, devendo esta tarde apresentar cumprimentos na Presidência da República, mas só ao chefe da Casa Civil de Ramalho Eanes.

Recorde-se, entretanto, que a Câmara Municipal de Lisboa se negou a receber aquele senhor, recusando assim o pedido nesse sentido formulado por João Lima. Na base da decisão da Câmara Municipal de Lisboa, que foi aprovada com os votos dos vereadores da FEPU e do PS, estão considerações de ordem política ligadas com a oposição ao regime de «apartheid», em vigor na África do Sul e, consequentemente, em Joanesburgo.

Entretanto, em declarações publicadas esta manhã pelo jornal oficioso do Governo, o demissionário secretário de Estado da Emigração justificou a sua decisão de receber e patrocinar a visita de Powell com «os interesses da comunicade portuguesa da África do Sul, que ascende a 600 mil compatriotas nossos».

Quase que dando a entender que o «mayor» racista é representante da comunidade portuguesa, João Lima afirmou ao «Diário de Notícias»: «Entendo que misturar a protecção dos interesses dos portugueses na África do Sul com a discussão mais ampla dos regimes e opções políticas é demagogia que não conduz a nada; os interesses da comunidade que ao longo do tempo têm sido votados ao abandono, devem sobrelevar posições de princípio de ordem política e constituem um imperativo para o Governo português que lhe exige, legitimamente, uma flexibilidade necessária à obtenção de resultados positivos no domínio dessa protecção dos interesses patrimoniais e morais dos portugueses».

Esquecendo as referências feitas por vários membros do Governo e mesmo por outros órgãos de soberania em defesa dos direitos humanos, quotidianamente violados na África do Sul, João Lima afirmou ainda que «já estava atrasado o momento em que se declarasse frontalmente que as comunidades não se definem pelos regimes políticos dos países onde estão radicados, mas pelos elementos da sua própria estrutura nacional».

Frustrada tentativa de suborno numa UCP de Ferreira do Alentejo

Os ataques à Reforma Agrária têm as mais variadas formas e feitios. Uns, são subtis, como o Demo. Outros, violentos como Moloc. Outros ainda, demonstram uma faceta bizarra, ou pueril ou ridícula. De qualquer modo e vistam a capa que vestirem, pretendem todos atingir o mesmo objectivo: destruir a mais bela das conquistas de Abril.

Este caso que vamos narrar pertence ao número das ridicularias. Mas só classificamos assim, porque o mal intencionado se dirigiu ao pior sítio. Procurava lá e saiu tosquiado, como se doe dizer-se.

Há cerca de duas semanas um membro da Direcção duma Unidade Colectiva de Produção de Ferreira do Alentejo, o sr. António Francisco Mira Lejinando, recebeu, da parte de um comerciante de azeitona, cereais e frutas, de Portalegre, uma estranha carta, cuja fotocópia temos em nosso poder e que rezava assim:

Amigo e Sr.

Com os nossos cumprimentos, venho por esta forma, desejando-lhe um Natal muito feliz na companhia de toda a sua família e todos os que lhe são queridos.

Junto envio esta pequena lembrança para as broas do Natal, que depois de tudo arrumado alguma coisa mais se arranja. Sem mais um grande abraço.

A certa está assinada por Casimiro Almeida Bezerra, comerciante do Largo António José Lourinha, Portalegre. A dita carta tem um Post-Scriptum deste teor: **não me tem sido oesível ir aí, por isso lhe escrevo. Será conveniente rasgar este papel.** E na altura em que foi recebida pelo destinatário, sr. António Francisco, tinha dentro **outra coisa**: cinco nota de conto. Tratava-se, como é de ver, de uma tentativa de suborno clara e ineludível.

Só que bateu a má porta. O sr. Francisco, como membro da Direcção de uma Unidade Colectiva, é um homem delicado para com todos os que com ele contactam. O sr. Bezerra, que toma a nuvem por Juno, pensou, sonhou que a delicadeza do sr. Francisco, no trato com os clientes da Unidade, era uma cedência a todo o pano. E vai daí, de pedra no sapato, procura comprometer o sr. Francisco. Mas este participou imediatamente a tentativa de suborno aos restantes membros da Direcção da UCP e em plenário de trabalhadores decidiu-se que, por esta vez, apenas se remeteria os cinco contos ao sr. Bezerra, dizendo-lhe numa carta o que merecia o seu gesto: desprezo absoluto.

E a história termina aqui. O sr. Bezerra não conseguiu comprometer ninguém e o sr. Francisco, homem íntegro, defendeu como devia o bom nome da comunidade a que pertence. Mas atenção: srs: bezerras há-os por aí aos montes sempre à espreita de um furo para meter o seu veneno. Veneno que tem atrás de si mais alguma coisa do que a falta de sentido do ridículo.

Agricultores de Coimbra organizam-se em União

Os mais diversos problemas que têm de enfrentar na sua vida de lavoura levaram os agricultores do concelho de Coimbra a criar uma União que vai promover reuniões em todas as freguesias com vista ao abreviamento das eleições para a Cooperativa Agrícola daquela cidade. Consideram os agricultores que a referida organização, dirigida por uma Comissão Administrativa, não tem desempenhado as suas funções como devia.

Entretanto a União dos Agricultores do Concelho de Coimbra que dentro em breve será legalizada propõe-se resolver alguns dos problemas pontuais que afectam os lavradores nomeadamente o melhoramento do abastecimento e da qualidade dos adubos e pesticidas, a estabilização dos preços dos factores de produção, garantia de escoamento dos produtos, criação de um seguro de culturas contra os acidentes de clima.

«Os preços dos produtos que produzimos não são compensadores do nosso trabalho e, ainda por cima, só aumentam quando o agricultor já os vendeu ao intermediário, que deste modo obtém lucros escandalosos, como aconteceu o ano passado com o vinho», sublinha-se num manifesto dirigido aos agricultores de Coimbra. A União vem portanto preencher um espaço necessário para a organização e unidade dos agricultores do concelho de Coimbra que até agora, desamparados, nem sequer conseguiram receber as indmenizações dos prejuízos que tiveram com as secas e inundações nos campos de arroz.

O manifesto foi aprovado numa reunião, promovida pela AGRINOVA (Comissão de Apoio aos Agricultores do Norte e Beiras).

MDP do Porto desmente crise política

PORTO, 17 — «A actual crise pode ser ultrapassada com ma política que se indentifique com as camadas populares e que esteja ao serviço delas e não dos interesses duma minoria exploradora», afirma-se num comunicado à Imprensa do MDP desta cidade referente à reunião da Comissão Coordenadora Distrital, efectuada no último sábado. O texto diz ainda que os partidos da direita «tentam o assalto ao poder para defender os privilégios da minoria exploradora do povo português», e que «só um governo de esquerda pode por em prática uma política para os interesses das camadas populares e só esse poderá contar com o seu apoio».

Esta reunião da Comissão Distrital prossegue no próximo sábado dia 21.

Adiado o julgamento de Vera Lagoa

PORTO, 17 — Foi adiado, para data a designar, o julgamento de Armanda Falcão, vulgo Vera Lagoa, director do pasquim «O Diabo», que estava anunciado para esta manhã no Tribunal do 2.º Juizo Correccional do Porto. Vera Lagoa vai responder por injúrias a Melo Antunes, por abuso da liberdade de Imprensa no seu pasquim, através de uma entrevista dada ao «Diabo» pelo PCP-ML Heduíno Vilar.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE DEZEMBRO
41 280 exemplares

(Hoje 28 páginas)

nota

PLEONASMOS

Um responsável do Estado-Maior do Exército terá declarado ao jornal «A Luta» que o tenente-coronel Carlos Fabião «parece querer... um esclarecimento público a um esclarecimento público, o que é uma espécie de pleonasmo».

Pleonasmo... A habilidade dialéctica não liquida a pertinência do esclarecimento devido à opinião pública e que, segundo consta, o tenente-coronel Carlos Fabião pretende.

Pleonástico será, também, para a fonte do Estado-Maior do Exército, o «esclarecimento» a solicitar «esclarecimentos» do almirante Pinheiro de Azevedo.

Com efeito, à revelia dos generais Costa Gomes e Carlos Fabião e do almirante Pinheiro de Azevedo, respectivamente Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, chefe do Estado-Maior do Exército, Primeiro-Ministro e ministro da Defesa Nacional, foram distribuídas armas a um «militante» de um «partido político».

O que deve ser esclarecido é simples: quem assume a responsabilidade dessa distribuição?

O Estado-Maior do Exército? Mas quem era, então, o Estado-Maior do Exército? E a hierarquia terá sido respeitada?

E ESTA?

Integrado na delegação do CDS, negociadora do «acordo governamental» com o PS, encontrava-se o sr. Luís Barbosa, antigo administrador do grupo Império (de Seguros). Foi um dos principais dinamizadores do MDES — antes do 11 de Março e homem da mais alta confiança dos Mellos.

Que grande acordo económico não se terá arranjado com um tal e ilustre negociador!...

LONDRES
1 SEMANA
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS em avião especial TAP:
SÉRIE «A» Domingos
Janeiro 8, 15, 22, 29
Fevereiro 5, 12, 19, 26
Março 5, 12, 19, 26
Preços excepcionais desde * 4.380$
* a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação "fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu"
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 7421
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs. 27011 2
FARO Rua Cons. Bivar 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 3/78

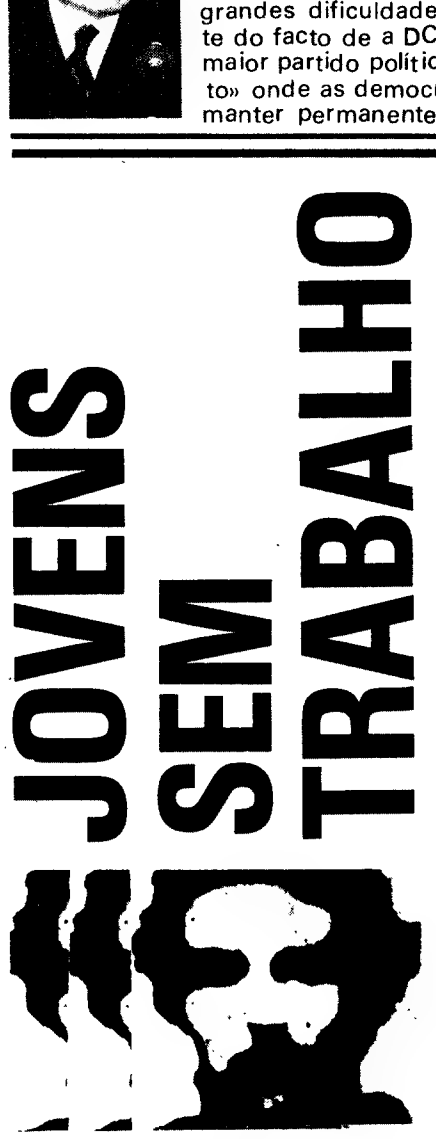
Terça-feira, 17 de Janeiro de 1978

ETIÓPIA:
A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA

A queda de Andreotti (pág. 7)

O governo italiano minoritário de Giulio Andreotti caiu antes de se perfazerem seis meses sobre a conclusão dum acordo entre a Democracia Cristã (única força governamental) e outros seis partidos com assento no Parlamento. Para chegar a este frágil acordo, houve que vencer grandes dificuldades, decorrentes primacialmente do facto de a DC pretender manter o segundo maior partido político do país — o PCI — no «ghetto» onde as democracias ocidentais gostariam de manter permanentemente os partidos operários.

JOVENS SEM TRABALHO



O desemprego da juventude converteu-se num problema de amplitude internacional um problema para os próprios jovens, a sua família e o seu país.

Entre 1970 e 1976, em treze países industrializados, o número de desempregados de menos de 25 anos passou de um pouco mais de três milhões para seis milhões (isto é, um aumento de 93 por cento), enquanto o número total de desempregados passava de um pouco mais de sete para catorze milhoes (isto é, um aumento de 92 por cento). Estes dados resultam de um estudo realizado pelo BIT (Secretariado Internacional do Trabalho, órgão executivo da OIT) sobre estatísticas da República Federal Alemã, da Austrália, da Bélgica, do Canadá, dos Estados Unidos, da Finlândia, da França, da Itália, do Japão, da Noruega, da Holanda, do Reino Unido e da Suécia.

Durante o período considerado, o número de jovens desempregadas mais do que duplicou, ao passo que o dos jovens desempregados aumentava 84 por cento.

1975: O ANO PIOR

1975 foi o ano pior: o número de jovens sem emprego aumentou 42 por cento, enquanto o número total de desempregados era acrescido em 50 por cento.

A taxa de aumento do desemprego dos jovens varia, no entanto, consoante os países em relação aos quais se dispõe de dados, em função da proporção de jovens no desemprego total em 1970. Assim, na República Federal Alemã, na Bélgica, em França, onde esta proporção era mais baixa, o aumento foi espectacular: duas vezes mais rápido que o desemprego total. Na Austrália, no Canadá, nos Estados Unidos, na Finlândia, na Itália e na Suécia, onde a proporção de jovens desempregados representava já 50 ou 60 por cento do total em 1970, o aumento foi mais moderado. No Japão, onde os jovens desempregados representavam apenas 37 por cento do total em 1970, esta proporção, pelo contrário, desceu para 23 por cento em 1976.

PERSPECTIVAS SOMBRIAS

Em 1976 houve um prometedor abrandamento do aumento de desemprego entre os jovens, facto que deixou pensar que esta tendência se poderia prolongar em 1977, mas os dados disponíveis para nove países no período de Junho 1976-Junho 1977 mostram, pelo contrário, um aumento do número de jovens desempregados em todos esses países, com excepção da Holanda.

Registaram-se aumentos de 20 e 30 por cento na Austrália, e em França, e de 12 e 17 por cento no Japão, no Reino Unido, no Canadá e na Bélgica.

O facto de ter havido apenas aumentos irrisórios na República Federal Alemã e nos Estados Unidos não basta para esclarecer as perspectivas. Com efeito, esta situação parece destinada a piorar até 1980, e mesmo para além desse ano, porque as elevadas taxas de natalidade do início dos anos sessenta pesarão no mercado de emprego no momento em que serão ainda mais numerosos os jovens em idade de entrar na vida activa. ●

SEIS MILHÕES À ESPERA...

1970 O número de jovens desempregados era de 3 milhões

1976 O número de jovens desempregados era de 6 milhões

■ (De Informations OIT)

□ **Marcos Alfonso**

■ **Prensa Latina**

ANGOLA MULHERES COMBATENTES

O alto grau de participação feminina na Organização de Defesa Popular (ODP) constitui o aspecto mais relevente da integração da mulher angolana na defesa do país, desde Cabinda ao Cunene.

O exército de todos os angolanos _ assim qualificou o Presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, a formação da ODP em todo o país _ começou a surgir.

Nas fábricas, bairros, campos, escolas... centenas de donas de casa, trabalhadores e estudantes incorporaram-se nas fileiras da milícia popular.

Através da Organização da Mulher Angolana (OMA), as mulheres juntam ao trabalho nas fábricas ou no campo, e,noutras ocasiões, paralelamente às tarefas domésticas, dedicam um tempo extra à sua preparação militar dentro deste «Exército do Povo».

Em campos de treino improvisados, a mulher aprende o manejo das armas e realiza manobras de preparação para a sua posterior integração na ODP.

Instrutores das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, têm a responsabilidade da aprendizagem das milicianas e são encarregados de as preparar militarmente para qualquer eventualidade.

Neto afirmou, em certa ocasião, que «neste momento em que há perigo de invasão e de novas guerras que se preparam no exterior, seria bom que a OMA fizesse todo o possível para que as mulheres angolanas se incorporem na organização de defesa popular».

Desta forma, prosseguiu Neto, poderão fazer a sua formação militar, a sua prática, e participar nas múltiplas acções que se movem contra o inimigo.

A mulher, em Angola, constitui um poderoso sector social, cada vez mais incorporado nas tarefas de reconstrução nacional.

Durante a primeira e a segunda guerras de libertação nacional de Angola, as mulheres, as guerrilheiras, as professoras, as enfermeiras, as motoristas... deram o seu valioso contributo para o triunfo das forças revolucionárias.

O plano de incorporação na ODP, previsto para a organização feminina, integra uma primeira fase de preparação militar e outra, posterior, de maior intensidade com vista a alistá-las em diversas especialidades.

Cursos de primeiros socorros, prevenção e extinção de incendios, condução de veículos ligeiros e pesados, fazem parte da preparação paralela aos estudos militares propriamente ditos.

Desta forma, os futuros membros femininos da ODP ficam preparadas para a guerra, bem como para ocupar postos básicos em caso de agressão armada, em fábricas, estações de correio, bombas de gasolina, transportes e ainda para assegurar a continuidade da produção.

Este duplo objectivo da formação das mulheres integradas na ODP corresponde ao conceito defendido por Neto de que «a defesa popular, que é uma forma de defesa civil feita pelas populações, exige também vigilância política e ideológica».

Regidas por este princípio, em qualquer ponto de Angola, vêem-se hoje as mulheres, de arma na mão, por detràs de uma trincheira, preparando-se para defender a pátria.

E assim, que o antecedente mais imediato das milícias em Angola, a resistência armada da população nas sanzalas, kimbos e cidades, contra o opressor colonial, durante a época da dominação colonial portuguesa, toma hoje corpo sob os novos princípios e concepções da ODP. ●

CHINA

TAXA DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO

□ **Alain Jacob**

■ **LEMONDE**

Pequim _ A acreditar nas fontes oficiais, a população da China seria actualmente de perto de 890 milhões de habitantes. Não é possível garantir totalmente a exactidão desse número, visto as autoridades chinesas confessarem não ter sido informadas com a precisão desejável da evolução demográfica do país, manifestando uma certa reticência quando se trata de dar cálculos globais. Pelo menos, é possível fazer o total dos dados recentemente fornecidos. Desde o princípio de 1976 que as estações de rádio da província referiram as manifestações locais organizadas por altura dos acontecimentos políticos importantes que marcaram a vida do país. Foi principalmente nessa ocasião _ e a fim de sublinhar o carácter unânime do apoio dado às decisões das autoridades centrais _ que os despachos citavam por vezes o número total dos habitantes da província ou da região em causa. A lista está hoje quase completa e um dos últimos números conhecidos era o da população do Kwangsi: trinta e dois milhões de habitantes. Os únicos números que agora faltam são os do Tibete e do Nigsia, cujas populações podem ser respectivamente avaliadas, na base de dados antigos, em 1,3 e 2,5 milhões.

Restam as três «municipalidades autónomas» sem nenhuma autoridade provincial. Quanto a Changai, uma documentação recentemente editada pelos serviços municipais, dá o número de 10,8 milhões de habitantes. Fontes igualmente oficiais indicavam em 1976 uma população de 8 milhões para a municipalidade de Pequim e de 7 milhões para a de Tien-Tsin.

É na base destes diferentes números que se chega ao total de 888 milhões de habitantes para o conjunto do país, número este sem dúvida ligeiramente inferior à realidade, se tivermos em conta o crescimento provável nas zonas em que ainda falham informações recentes.

Segundo as indicações assim recolhidas, a província chinesa mais populosa é o Setchouan com 90 milhões de habitantes (número citado em Agosto de 1977), seguido de longe pelo Shantoung com 70 milhões, o Hofnan (60), o Kiangsu (55), etc.

O último cálculo oficial da população chinesa foi feito em 21 de Agosto de 1974 durante a conferência das Nações Unidas sobre a população, reunida em Bucareste pelo delegado da República Popular da China, Huang Chu-tse, que utilizara a fórmula: **à volta de 800 milhões de habitantes**. No mês de Janeiro de 1975, perante a quarta Assembleia Nacional Popular. Chu En-lai referiu o mesmo número. Desde essa data, vários dirirentes chineses admitiram perante interlocutores estrangeiros que os 800 milhões haviam sido sensivelmente ultrapassados.

Se tivermos em conta essas diferentes fontes, a população chinesa teria tido em três anos um aumento de perto de cem milhões de habitantes.

Os cálculos dos peritos estrangeiros variam consideravelmente de um autor para outro. Um relatório da C.I.A. avançava, em 1975, o número de 927 milhões. ●

A TERCEIRA GUERRA DA INDOCHINA

■ LE MONDE

Eis pois, mais uma vez, a península indochinesa em guerra. O povo vietnamita e o povo khmer enfrentam-se muito antes de terem sido erguidas as inúmeras ruínas causadas pelos conflitos precedentes. A vaidade das ideologias! De ambos os lados da fronteira dizem-se marxistas leninistas mas quem dirige o jogo é a geopolítica, a da região e a da Ásia onde se enfrentam Chineses e Soviéticos.

É antigo o antagonismo khmero-vietnamita. Às diferenças culturais juntam-se querelas territoriais no Delta e no planalto continental. O desequilíbrio demográfico entre o Vietname de planícies superpovoadas e o «pequeno Cambodja» — expressão que tanto irritava o príncipe Sihanouk — não favorece a coexistência pacífico.

Foi Ho Chi Minh que fundou um «partido comunista indochinês». O raciocínio deste fazia-se no contexto colonial francês mas a designação não reflectirá, apesar de tudo, um desejo de hegemonia vietnamita na península?

A frente comum de luta dos povos indochineses, estabelecida pela primeira vez em 1951 contra os franceses, repetida em 1970 contra os americanos, era, pela força das coisas, dominada por Hanoi.

Mas ele estalara, de facto, antes das hostilidades, quando os Khmers vermelhos tomaram a sua autonomia no plano militar e não esconderam a sua orientação pró-chinesa.

Os meios que estes utilizaram para controlar a população, as primeiras escaramuças com os Vietnamitas, logo em 1975, no «Bec de Carnard» e nas pequenas ilhas, aumentaram ainda mais a distância entre dois regimes que os comunicados continuavam a designar como irmãos. Hanói nunca aceitou tal situação. Phnom-Penh compreendeu-o e acusa hoje os Vietnamitas de terem tentado fomentar um golpe de Estado no Cambodja, decerto com os auxílio dos Kmers exilados no Vietname, e que, entre 1954 e 1970 tinham tido bastante tempo de se impregnar na ideologia de Ho Chi Minh e dos seus companheiros.

Todas estas razões explicam o conflito actual que não opõe marionetas nas mãos de aliados poderosos. Mas esses aliados também intervêm como é evidente. Nada prova que, como o afirma Phnom Penh, haja conselheiros europeus (isto é, soviéticos) agindo do lado vietnamita.

Esta nova guerra da Indochina põe, com efeito, directamente em causa a URSS e a China. Desde 1975 que Moscovo ajuda o Vietname mais do que Pequim, e denuncia a manifesta vontade dos Chineses se assegurarem do controlo do mar da China do Sul. Foi pela força e não devido a negociações que Pequim se apoderou de arquipélagos (e sem dúvida de riquezas petrolíferas) reivindicadas por Hanói.

O relanço do conflito sino-soviético na Indochina não diz sòmente respeito à peninsula: ele diz também respeito ao conjunto do Sudeste asiático agitado pelas rebeliões birmania, malaia, filipina, e enfraquecido por um subdesenvolvimento que os investimentos ocidentais (principalmente na Indonésia) não fazem recuar. O que está em causa já não é simplesmente a luta contra uma ordem pós-colonial — ou neocolonial — e um tipo de regime mais autenticamente asiático democrático e também, no seio das forças revolucionárias, a oposição dos pró-chinês aos «outros», que talvez só sejam, como é o caso dos Vietnamitas, aparentemente pró-soviéticos, por receio de ver a China mandar neles. Uma China quer, neste plano segue a sua política tradicional, mesmo após a eliminação do «bando dos quatro». Porque a verdade é que a geografia e a história é que mandam, escondendo-se, por rotina, por detrás do biombo esburacado da ideologia. ●

OS HERDEIROS DO NAZISMO

■ Novosti

Imagens de um homem com uma madeixa de cabelo caindo sobre a testa e um pequeno bigodinho começaram nos últimos tempos a aparecer a cada passo ao cidadão da Alemanha Federal: elas olham-nos das capas das revistas, dos cartazes de cinema, surgem em inúmeras caricaturas... «Hitler — a estrela deste ano», ironiza o jornal francês «L'Express». Diga-se a propósito que o desvairado «Ihrer» não seria capaz de imaginar tal publicidade, nem mesmo nos tempos do «Terceiro Reich». Já não falando das publicações em edições maciças de livros e filmes, que são vistos por uma centena de milhar de espectadores por semana, ou mesmo numa ópera-rock... Pois que há gente, pronta a procurar em toda esta febre algo de consolador. «Uma nação capaz de tão facilmente recordar os horrores do seu passado, dizem eles, não há dúvida de que rompeu definitivamente com ele».

Entretanto, ao mesmo tempo que os ociosos críticos analisam os lados «fortes» e os lados «fracos» da polémica fita «A carreira de Hitler», foge de um hospital italiano e encontra refúgio na República Federal Alemã o criminoso nazi Kapler. Berram e erguem os braços na saudação fascista nas «reuniões de veteranos» os SS ainda activos. Nas pedras tumulares dos cemitérios judeus surgem numa noite centenas de suasticas... «Os herdeiros de Hitler estão vivos, constacta um dos últimos números do jornal «Spiegel», e a sua tendência para a violência acentua-se. » O jornal acrescenta factos que o confirmam sem equívoco:

Em Düsseldorf a polícia detém um automóvel por excesso de velocidade e surpreende nos ocupantes do veículo dois jovens com fardas nazis. O interrogatório que se segue fornece informações tão curiosas que levam à realização de buscas em Colónia e Düsseldorf. Foi descoberto um armazém completo de material fascista, incluindo uma arma «de colecção». A procuradoria viu-se obrigada a iniciar investigações sobre a actividade do grupo, que se autodenomina «Partido do Trabalho».

Os donos de uma série de estabelecimentos comerciais de Hamburgo surpreendem de mahã nas vitrinas das suas lojas suásticas gravadas a diamante, ao mesmo tempo que as carruagens do metropolitano e dos comboios urbanos aparecem cobertos de folhetos de propaganda fascista. Esclareça-se que este «trabalho» se deve a outra organização clandestina que se autodenomina, sem rodeios «NSDAP, hau (tal como se chamavam no tempo de Hitler as circunscrições administrativas) Hamburgo, brigada de assalto SA».

Pelas janelas de um edifício, propriedade o Partido Socialista Unificado de Berlim Ocidental, voam no dia 1 de Agosto, garrafas com uma mistura incandescente, e o incêndio provoca grandes prejuízos. Alguns dias mais tarde em Bochum (RFA) é detido um suspeito. As pistas levam a mais um ninho de víboras «união da juventude fiel à pátria».

Segundo as informações do jornal, existem actualmente na RFA cerca de 140 organizações neonazis, em que a estatística oficial conta para cima de 18 milhares de membros. E os restantes?

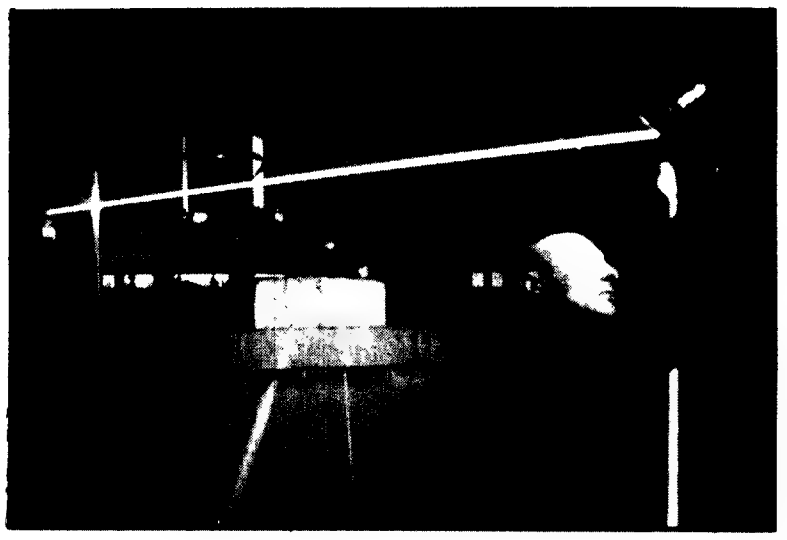
O «Spiegel» escreve sobre as preocupantes tendências que se assinalam actualmente no movimento organizativo de extrema-direita: o crescimento do número de jovens grupos pró-fascistas, na sua maior parte conspiradores; o incremento da propaganda neonazi, que manifesta abertamente de anti-semitismo desenfreado e que expressa exigências directas de restabelecimento da ditadura fascista; o estreitamento dos laços com organizações similares nos outros países. Outro fenómeno característico dos últimos tempos, assinala o jornal, é a clara articulação dos extremismos de direita e de «esquerda». Os neonazis apoiam os actos terroristas dos anarquistas. Após o assassínio do procurador-geral da República Federal Alemã, Bubak, um dos folhetos de propaganda neofascista escrevia, festejando o facto: «Não nos toca qualquer falsa comiseração perante estes e outros futuros cadáveres».

Os próprios «herdeiros do nazismo» ainda não passaram ao terrorismo aberto, mas a espuma castanha que se ergue cada vez mais abundante, das entranhas dos subterrâneos do fascismo mostra que lá borbulha um caldo demoniaco. Mas o mais espantoso é a tolerância revelada pelas autoridades alemãs ocidentais para com os cozinheiros desta cozinha e os seus ajudantes, do número dos «objectivos investigadores do nazismo». ●

Quem percorrer as estradas da Sibéria, pode ser surpreendido como este automobilista por um casal de «elãs» (os bicharocos que vemos na foto). A solução a dar ao caso é a de parar o carro e dar passagem ao pacífico casal em trânsito pedestre. Esta foto Keystone foi obtida na estrada de Kolstroma e Yaroslav

FOTO EXCLUSIVO

Instalada na rua, esta sentina não é obviamente para serviço público. Trata-se apenas dum elemento do «decor» idealizado por Henk Daanser na sua residência no velho bairro «Jordaan» de Amesterdão. Ao longo do passeio, colocou vasos de flores. Nas paredes da casa pendurou objectivos vários, como um piano, uma velha máquina de lavar e... a sentina, que chama, sobretudo, a atenção de quem passa. Foram estas as defesas originais que o cidadão holandès encontrou contra um inimigo: o automóvel. Até agora, a esperteza surtiu efeito: mais nenhum carro se viu ali estacionado. (Foto Keystone).



O céu de Londres subitamente iluminado por um raio «laser», accionado pelo cientista de aspecto fantástico que vemos na foto. O raio é emitido dos telhados da Academia Real de Piccadilly e o seu alvo é a torre do célebre Big Ben. Durante vários dias os londrinos puderam contemplar este raio «laser», sendo assim atraídos para uma exposição sobre «Luz e Fantasia» que esteve patente na referida Academia (Foto Keystone)

Uma imagem do quotidiano (insólito para os europeus) duma aldeia algures no continente africano. Um barbeiro monta um «salão» em plena rua, atende um cliente, e prepara-se para levantar a loja em busca de outros fregueses. Quando a procura escasseia, a oferta mobiliza-se. (Foto Keystone).

ETIÓPIA

A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA

«Perguntei a um etíope o que fora que o tinha levado a acreditar na Revolução, quando antes acreditara e defendera o Imperador. Ele disse: «Ninguém». Mas depois, pensando talvez que eu não tinha acreditado na sinceridade da sua evolução, o etíope exclamou: «Todos!» Esta pequena história é, talvez, a mais emocionante e elucidativa de quantas recolheu o escritor e jornalista Raul Valdés Vivó numa recente digressão pela Etiópia. Digressão que lhe proporcionou o livro «*Etiópia: a revolução desconhecida*», já a circular entre os meios que se debruçam sobre todas as mudanças que ocorrem no mundo.

□ **Armando Entralgo**

■ **PRENSA LATINA**

Atentemos neste comentário pertinente: «Todos os camponeses compreenderam que a fome não provinha da falta de água na terra, mas sim da água que sobrava aos latifundiários, sendo o mais latifundiário de todos os latifundiários o próprio Imperador». Por isso, nos começos de Fevereiro de 1974, «era óbvio que todos tinham alguma coisa a pedir, salvo o Imperador, com carácter de urgência absolutamente inadiável».

Daí, como é natural, uma revolução. Daí, também, as suas particularidades.

●

FEUDALISMO CLASSES E ETNIAS

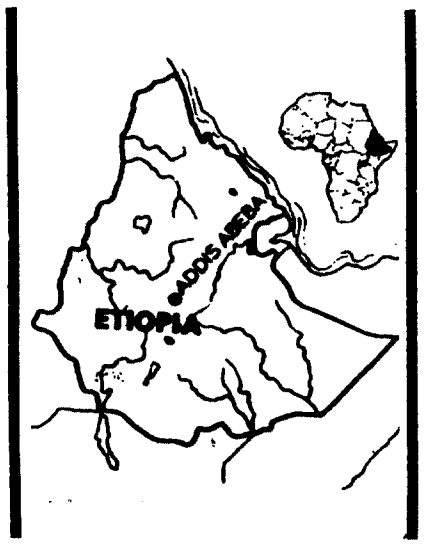
●

Dos factores que o autor menciona no seu livro, três, explicam a razão da mudança operada na Etiópia em 1974: «a subida em espiral do custo de vida», «o abominável (e já não viável) sistema de manutenção das terras» e «a brusca extensão da fome, nomeadamente na Província de Wollo».

Quando se produziu um vazio no Poder, os membros das Forças Armadas compreenderam que «faziam parte do povo» e que «de maneira alguma deveriam ser um instrumento de repressão». Estas as circunstâncias políticas concretas. Circunstâncias que explicam, em grande parte, o avanço das massas.

Neste contexto, a coexistência de interesses, os objectivos e tendências demoburgueses, quando não simplesmente burguesas, além de certas posições radicais, era de esperar. Verdade: a tomada de posição dos mais radicais parecia indicar um processo único, impossível de ser interrompido, se bem que compreendendo etapas mais ou menos espaçadas: da abolição de um feudalismo imperial, aburguesado e dependente, à implantação de uma sociedade socialista.

Que tipo de sociedade era a etíope quando Selassié alcançou o Poder nos anos 30? Quase a mesma existente no momento do seu desmoronamento: «A mais contraditória sociedade, na qual coexistiam a escravidão (nos princípios, mas não nos fins de Selassié), um feudalismo primário e resíduos de tribalismo. A todo este panorama, havia que juntar um capitalismo incipiente».



Que espécie, no entanto, de feudalismo? Podemos descrevê-lo como uma situação multiestrutural, como em tantas partes do chamado Terceiro Mundo, nas quais coexistem diferentes formas de produção e regimes económicos. Um feudalismo economicamente bloqueado, mas politicamente seguro dos cordelinhos, e tanto mais forte quanto mais centralizado e imperial. Esse feudalismo domina essa multiestrutura no respeitante a formas de propriedade e de exploração da mão-de-obra, quer no plano social, quer no plano político. Encarado na sua totalidade, este regime surge-nos como inoperante inclusive para as próprias forças produtivas, as quais praticamente se resumem ao café. Aí está: o café. Trata-se de uma monoexportação agrícola destinada ao mercado mundial do capitalismo: 60 por cento das divisas do país procedem precisamente dessa cultura e dessa exportação.

Raul Valdés Vivó, apoiando-se num trabalho inédito de José Perez Novoa, embaixador cubano na Etiópia:

«Na Etiópia existia um Estado estruturado ao serviço de uma classe dominante nacional, criado ao longo de um vasto processo histórico. A **nacionalidade aramaica**, desde o século passado, foi submetendo ao seu **domínio** as outras nacionalidades, dando origem a um **domínio estatal** provido de odos os respectivos órgãos. Quando do triunfo do processo de Fevereiro de 1974, bem como nos três anos seguintes, a luta tinha de definir-se. E definiu-se: luta de classes».

É certo que a não existência de uma situação colonial, de dominação política directa sobre a Etiópia, deixaria a nu, agudizando, consequentemente, as contradições internas de classe, a situação, no âmbito do tipo específico de estrutura social do império. Porque se tratava de um império em que o grau de unidade nacional alcançado procedia da actuação do grupo técnico dominante, o aramaico, sobre conjunto das outras nacionalidades.

(...) Daí o inevitável grau de correlação entre classe dominante e etnia dominante: nem todos os aramaicos serão exploradores, mas uma boa parte dos exploradores, pelas razões acima expostas, teriam forçosamente de ser aramaicos. Mais ainda: na ausência de uma situação colonial pura, a dominação estrangeira sobre a semicolónia ou neocolónia «imperial» etíope servir-se-ia da mediação etnoclassista do grupo aramaico para explorar economicamente o mosaico multitribal etíope. Esse tipo de mediação assemelha-se, pelas suas funções, ao do grupo américo-liberiano da República da Libéria e à da minoria angolo-boer na República da África do Sul, precisamente duas situações semi ou neocoloniais detectáveis em África na primeira metade do século XX.

Aliás, em plena agudização da luta de classes, hoje em dia o problema da exploração de classes passa sempre pela problemática interétnica. É isso porque semelhante convergência permite que o imperialismo manipule tendências centrífugas anti ou contra-revolucionárias de ordem étnica e social, o que, como é evidente, torna complexo o mapa político etíope.

●

SITUAÇÃO ACTUAL

●

Sobre a actual situação etíope, consideremos os seguintes dados do livro de Raul Valdés Vivó:

I — Do total de terra cultivável de todo o país, unicamente cinco por cento era trabalhada pelos amponeses. Sessenta e cinco por cento, encontrava-se na posse de uma nobreza constituída por umas tantas famílias. A terra mais produtiva e próspera pertencia, por direito próprio, à hierar-

quia superior da Igreja copta.

II — Cerca de 2.400.000 camponeses sem terra, num total de seis milhões, pagavam rendas entre 50 a 75 por cento sobre a produção agrícola, trabalhando 14 horas diárias. Além disso, a seca de Wollo, há alguns anos matou 1 por cento da população de todo o país. Mais: uma só família, a família Biry, possuía uns 20 milhões de hectares e controlava mais de 700 mil camponeses.

Nos anos 50, Hailé Selassié estabeleceu um imposto em dinheiro não só sobre as terras

cultivadas, como também sobre as terras não cultivadas, tratando assim de estimular o desinteresse da burguesia rural. A Igreja, grande latifundiária, opôs-se com toda a sua força à mais pequena reforma. Embora os escravos tivessem desaparecido, bem como certas medidas feudais anacrónicas em excesso, o sistema manobrou sempre para subsistir nos seus aspectos fundamentais, até ao célebre decreto de 4 de Março de 1975, que aboliu o regime feudal da exploração da terra e a declarou propriedade colectiva de todo o povo.

Em Setembro de 76, já existiam na Etiópia mais de 24 mil associações e cooperativas camponesas, compreendendo sete milhões de membros. Pretende-se, presentemente, que, através de uma futura Associação Camponesa de Toda a Etiópia, todas as diferentes nacionalidades do país pratiquem harmonicamente a autonomia regional. Por outro lado, os constantes ataques e movimentos separatistas dos antigos «senhores feudais», apoiados, muitas vezes, por uma clientela irreflectida, já começaram a ser contrariados pelas cada vez mais efectivas milícias rurais.

Um aspecto essencial do antigo regime era a sua dependência do sistema capitalista mundial. Escreve Valdés Vivó que depois da II Grande Guerra se abriram as portas ao capital estrangeiro — e em particular ao capital «yankee».

Consequências:

«A Etiópia (lê-se em Valdés), país feudal com um capitalismo embrionário, passou, então, a ser um país neocolonizado as suas matérias-primas, os seus meios de comunicação, os seus transportes terrestre e aéreo, as indústrias açucareiras, têxtil, química, energética, tudo, enfim, foi parar às mãos dos monopólios estrangeiros.»

Embora desde fins do século XIX o capitalismo monopolista, nomeadamente o inglês e o francês, tivessem penetrado no império de Menlik, e isso apesar da derrota militar e política sofrida pelo imperialismo europeu em Adoua, foi só depois de 1945 que a raquítica economia etíope atraiu a mais ampla atenção dos capitalistas estrangeiros.

O proletariado etíope é muito reduzido, e escassamente concentrado. Os seus 200 mil elementos desempenham agora um papel de relevo no processo revolucionário, desde as greves de Fevereiro de 74. Os proletários (e todos os etíopes) beneficiaram em 1975 com a nacionalização dos bancos, das companhias de seguros e de 65 grandes empresas da indústria ligeira, alimentar e de transporte. Pormenorizando: meses depois, precisamente em Dezembro, outros benefícios se verificaram — registo dos trabalhadores por empresa, jornada de oito horas, pagamento de horas extraordinárias, férias pagas, participação paritária obrigatória nos conselhos de numerosas pequenas empresas que ainda permanecem sob controlo do sector privado nacional. Em Janeiro de 77, foi criada a União Sindical Pan-etíope — e, um mês mais tarde, surgiam as milícias fabris.

Sob a direcção dos oficiais radicais do grupo Mengistu, os mecanismos sócio-militares até aqui mencionados, em conjugação com essa espécie de sovietes etíopes que são os «kebeles» (dois mil nas cidades e 600 no campo), constituem, sem dúvida, o grau de organização revolucionária em vésperas do aparecimento de um partido de vanguarda marxista-leninista.

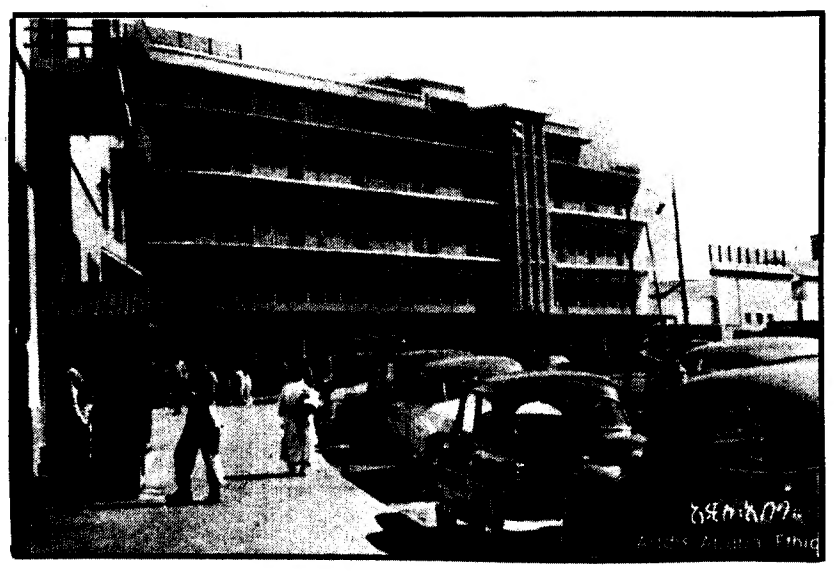
De acordo com a FAO, a Etiópia é um dos 25 países mais subdesenvolvidos do mundo:

I — A agricultura proporciona 50 por cento do PNB, ocupa 80 por cento da mão-de-obra e dá origem a 90 por cento das exportações; os números da indústria são, respectivamente, de 16,8 por cento e 5 por cento.

II — De cerca de 3 mil milhões de quilovátios que, segundo a ONU, se poderiam obter, unicamente se produzem 288 mil. Só 7 por cento da população desfruta de electricidade.

III — Quando Selassié tinha uns 11 mil milhões de dólares nos bancos suiços, um palácio com 200 aposentos e minas de ouro «pessoais» na província de Sidamo, o crescimento do Produto Interno Bruto cifrava-se anualmente em 1,6 por cento (nomeadamente entre 70 e 74). Se entrarmos em consideração com o crescimento demográfico (2,8 por cento), isso implica uma redução anual de 1,2 por cento no PIB.

IV — Ainda que na maior parte do território ejam possíveis três colheitas anuais, e o país possua importantes eservas de ouro, de platina, de petróleo e de gás, nomeadamente a Província de Ogaden, havia na



Um aspecto de Adis Abeba, capital da Etiópia

Etiópia (segundo dados da UNESCO) os seguintes «estranhos números» em 1974: 95 e 98 por cento de analfabetismo, «talvez mais alto do mundo», e unicamente seis mil estudantes universitários. Isto num país de 30 milhões de seres humanos... E ainda: de acordo com Fidel Castro, outros «números estranhos» nunca mereceram devida atenção dos governantes — 150 mil leprosos, 450 mil tuberculosos, 6 a 7 milhões de habitantes afectados pelo paludismo, 14 milhões de pessoas com infecções oculares...

ESPONTANEIDADE E POLÍTICA

Valdés Vivó afirma que «a revolução etíope foi espontânea, isto é, ninguém fixou de antemão o dia da sua explosão, nem tão-pouco houve pre-

Mengistu Mariam, Presidente do Conselho Militar da Etiópia

parativos, organização, constituição de esquemas». Este juízo parece ser internacionalmente aceite, mesmo para aqueles que não admitem como normal a concretização de um processo revolucionário.

Na Etiópia não existia um partido marxista-leninista propriamente dito, nem um movimento revolucionário civil. Nem sequer (acentua Valdés Vivó) uma versão etíope do Movimento dos Oficias Livres de Nasser ou de Kadafi. Convém precisamente acentuar aqui que se não foi possível evitar muitas das lutas de hoje, isso deve-se em grande medida à inexistência de um partido ou de um movimento revolucionário apto a ter organizado não só o derrube do «reinado totalitário», mas também o posterior processo de aniquilamento de ordem velha e do estabelecimento das bases da ordem futura».

A Revolução eclodiu, processou-se, implantou-se «através do instrumento criado para evitá-la: o velho Exército...» (...) Este elemento chave do processo evolucionário da Etiópia, ou seja, o papel dirigente das Forças Armadas, provoca ao mesmo tempo (como assinala Valdés Vivó) «admiração e receios». Ambas estas reacções merecem ser analisadas detalhadamente.

O golpe militar em África tem aproximadamente uns vinte anos de existência, desde o momento em que o desaparecido ditador militar sudanês Ibrahim Abboud derrubou o primeiro governo civil da República do Sudão, nos fins da década de 50.

Se procedermos a uma estatística desses golpes militares, ao longo da década de 60 e da presente década, essa estatística contará sempre com a seguinte alternativa: ou golpe militar reaccionário. De golpe militar reaccionário. Depois de um começo tipicamente «latino-americano», a participação dos militares tomou outros rumos em certas ocasiões: ou juntas de renovação nacional (por sua origem anticoloniais); ou grupos de oficiais de graduação média abertamente pró-socialistas, inclinados para a liquidação das velhas estruturas; etc.

Se passarmos em revista os ainda poucos anos de independência em África, dar-nos-emos conta de três formas de acesso ao estabelecimento de um poder popular revolucionário:

I — Os casos de alguns antigos partidários do chamado socialismo africano, bastante ambíguo e pouco viável, que perante os ataques do neocolonialismo, optaram por fórmulas mais apropriadas de aplicação do único socialismo, o socialismo científico.

II — Os casos de movimentos de libertação nacional que, fundados nos últimos anos da década de 50 na mais difícil clandestinidade, iniciaram, entre 1960 e 1964, o combate de guerrilha contra os flancos do «gendarme subimperialista sul-africano nas ex-colónias portuguesas, e que em consequência de tal combate aprofundaram a sua já estabelecida e conhecida vocação marxista.

III — Os casos de mediação militar, agente catalizador na ausência de melhores instrumentos, na transição de uma revolta das massas contra o establishment neocolonial para uma revolução popular organizada pela força armada.

Voltando à especialidade etíope, explica Valdé Vivó que o «impulso universal das ideias do socialismo atingiu os oficiais dos graus médios». Por exemplo seria através «da sua experiência norte-americana que Mengistu teve uma visão do mundo moderno com as suas revoluções, rebeliões e conflitos».

Nele e noutros colegas seus da primeira hora teria influência primordial e experiência dos movimentos militares em África e noutros continentes. A esse respeito assinala o autor húngaro Zoltan Gyenge, no seu pequeno ensaio, «A Etiópia a caminho do desenvolvimento não capitalista» (Budapeste, 1976) que a experiência de movimentos clandestinos dentro do exército caiu em terreno fértil (o etíope); as ideias nacionalistas desempenharam aqui um papel mais importante que noutros lugares entre os oficiais mais jovens; inclusivamente a educação «patriótica» feudal dos oficiais converteu-se, sob a nova situação, num primeiro impulso para um verdadeiro pensamento nacional. Claro que esse primeiro impulso é o aspecto utilizável desse tipo de educação, mas seria ingénuo subestimar o elemento de chauvinismo que essa educação procurava inculcar». Gyenge explica também que o exército etíope estava fortemente infiltrado por um espírito aristocrático de casta e que isto logicamente provocava o ressentimento dos oficiais de origem «humilde». Logo a seguir à derrota da intentona militar contra Selassié em 1960, esses oficiais de origem não aristocrática estabeleceram círculos de estudos clandestinos para discutir os problemas da situação nacional.

A partir desta suspeita com que alguns olham o processo etíope, Valdés Vivó expõe no seu livro argumentos e factos, a noss ver, de muito peso. Há quatro que nos parecem fundamentais:

(1) Não pode ignorar-se que a Revolução da Etiópia nasceu de rebelião popular, à qual se juntaram (encabeçando-a) os militares. Não se trata, portanto, duma pura e simples rebelião militar.

2) Se durante muito tempo podia perguntar-se o que fariam os militares o oder, agora trata-se de analisar aquilo que fizeram: têm procurado que o povo vá substituindo progressivamente o Exército como elemento mais decisivo da Revolução. Os verdadeiros protagonistas são os operários, camponeses, parte da pequena burguesia intelectual, e alguns sectores da média burguesia. Continuar agora a perguntar o que faz o Exército, ao fim de três anos de Revolução, é um falso problema ou má-fe pura e simples.

3) O ponto anterior culmina com os propósitos manifestos pelos dirigentes militares (e de Mengistu Mariam em primeiro lugar) de tentarem a reunificação de todos os marxistas e revolucionários etíopes

6

ETIÓPIA

A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA

5

num só partido de vanguarda da classe operária, assente nos princípios do marxismo-leninismo. Tarefa decerto muito difícil.

4) No terreno militar, hoje as milícias são a força fundamental da defesa. Não podemos esquecer que a presença desses «militares em nada militaristas» é hoje a garantia de que se «avança para uma real e verdadeira sociedade socialista». Isto não exclui os possíveis (e por vezes graves) erros que possam cometer-se no decurso de tão complexo processo. Actualmente as milícias são integradas por mais de meio milhão de voluntários.

●

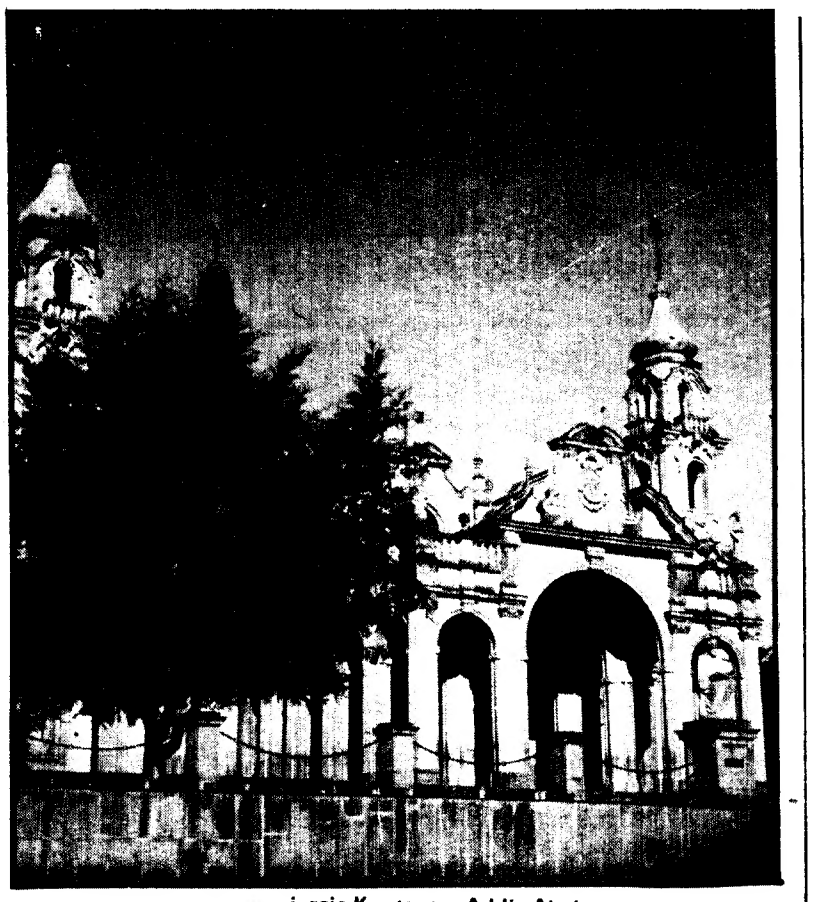
O PASSADO E O PRESENTE

●

Em muitas partes do livro, a história do passado surge para esclarecer este ou aquele aspecto do presente e para o justificar. Assim acontece com a célebre batalha de Adua que encerra a guerra ítalo- tíope de 1895-96, com derrota das tropas italianas e que transforma a Etiópia no único país africano não conquistado pelo colonialismo europeu, e, por conseguinte, num símbolo da África tradicional independente. Contudo, em 1890, a Itália havia anexado a Eritreia, arrandando-a do controlo (quase nunca eficaz, diga-se de passagem) dos soberanos etíopes.

De grande importância é também o período de 1916-1930, durante o qual decorre a luta entre o grupo dos chamados «jovens etíopes» capitaneados pelo Ras Tafari e os elementos mais conservadores do feudalismo. A contradição resolve-se a favor de Tafari, que, em 1930, se faz coroar Negus («Rei dos Reis»), sob o nome de Hailé Selassié. Isto iria traduzir-se no triunfo da centralização e de certas medidas de rejuvenescimento, como a progressiva liquidação os poucos casos de escravatura. Uma centralização já iniciada pela conquista no tempo de Menelik II (em fins do século XIX) é então consolidada por Selassié pela mais sangrenta repressão.

Diz Valdés Vivó: «A aristocracia feudal etíope havia derrotado os seus opositores a norte e lançava-se para sul a fim de colocar todo o país sob o domínio dum só Estado. Hailé Selassié acelerou a realização deste objectivo a fim de se opor à repartição do país que os europeus tinham em mente» (na década de 30). É pois necessário salientar o carácter antieuropeu, omplicitamente anticolonial da acção dos monarcas etíopes, sobretudo de Nenelik e Selassié. Ao mesmo tempo convém não perder de vista que este «reinado totalitário» (que enfrentava o invasor estrangeiro e ocupava a toda a velocidade as áreas geográficas* e culturalmente mais afastadas do centro) só



igreja Kopta, em Addis Abeba

podia conseguir resultados contraditórios que, em vez de resolverem o problema da unidade do Estado multinacional etíope, apenas os agravavam).

Assim se explica a auréola internacional de Selassié, na linha de Menelik, ganha devido à tenaz resistência que a Etiópia opôs à invasão e ocupação italianas nos anos 1935-41. O conhecimento desse breve período é básico para a compreensão de toda a história posterior do país. Nele se destacam o heroísmo das massas campesinas, a traição, da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos a um governo, como o etíope, membro da mais que inútil Sociedade das Nações; o apoio da União Soviética e a campanha dos chamados Comités de Defesa da Etiópia (Abissinia).

Esses comités iriam ser factor radicalizador do movimento anticolonial no continente e do movimento negro nos EUA e nas Caraíbas. Referinos a actividade de numerosas ligas juvenis em várias co- «etiopinistas» contrariamente contestatários, cujo separatismo religioso, começado no século XIX, adquire, então, outra dimensão sob a simbólica chefia política e espiritual do «Rei dos Reis».

É possível imaginar a repercussão que iria ter a vitória de Selassié e dos etíopes sobre os italianos em 1941. A Etiópia já não era apenas o único povo africano não colonizado no século XIX, mas também o primeiro que reconquistava a sua liberdade no século XX.

A ocupação italiana e a presença posterior de tropas britânicas até 1954 complicariam ainda mais o quadro de rivalidades étnicas, avivadas muitas vezes desde então a partir das fronteiras imprecisas que separam a Etiópia dos três pedaços de território sob administração da Somália. A situação agravar-se-ia na Eritreia entre 1952 e 1962, pois a política de Selassié ignorava as decisões da ONU e a realidade histórica concreta.

Nesses anos do post-guerra o Imperador irá aproximar-se dos EUA, pondo de parte (por diferentes causas) a Europa Ocidental e a URSS, embora não tivesse podido dar-se ao luxo de ignorar este último país. Com enorme cautela e instinto conservador, Selassié liga-se também ao nacionalismo africano da descolonização. Quando em 1963 se regime deixou à Revolução, de Africana (OUA) parecerá lógico a toda a gente que a sua sede se tenha estabelecido na capital dos heróis da Adua e da vitória sobre o fascismo italiano.

Se tivessemos que resumir o pior da herança que o antigo regime exou à Revolução, diríamos apenas isto: a economia miserável e feudal, o chamado problema nacional e o mito Selassié.

Diz Valdés Vivó: «A Revolução recebeu como herança o problema nacional. Em primeiro lugar, o da Eritreia e do Ogaden. O imperialismo, a reacção àrabe e as forças de classe contra-revolucionárias internas viram neste problema um **calcanhar de Aquiles** para combater o único processo histórico capaz de o resolver, por ser efectivamente revolucionário e socialista».

Derrubado Selassié e (com ele) o seu mito e perante problemas mais prementes (ou seja a necessidade duma reforma agrária e da defesa da unidade nacional mas com garantia dos direitos de todas as nacionalidades) começaram imediatamente as lutas entre os militares, as conjuras dos feudais e dos sectores «comprador» e burocrático da burguesia, a intervenção do imperialismo e dos petrodólares na reactivação do separatismo em vários pontos, particularmente nos mais próximos das fronteiras como o Sudão, a Somália e Djibuti, sem falar também o esquerdismo epidémico, pequeno- urguês e maoísta.

O processo avançaria contra ventos e marés: em Novembro de 74, com a liquidação do grupo Andom; em Março de 75, com a promulgação da lei da reforma agrária; em Fevereiro. de 76, com a depuração do grupo Benti; durante todo o ano de 1977, com a luta em todas as frentes para estabilizar o processo e o defender dos seus inimigos, internos e externos, e estreitar as relações com o mundo progressista africano e os países socialistas.

Na árdua tarefa de criar as condições materiais, organizativas e subjectivas para a «construção de uma sociedade socialista livre sa exploração do homem pelo homem e livre também da opressão das nacionalidades e dos antagonistas entre elas» (pnto 2 do programa da Revolução Democrática Nacional) os revolucionários etíopes «enfrentam dificuldades objectivas e ubjectivas que põem em perigo não só a sua realização, mas a própria existência do poder revolucionário» (Valdés Vivó).

A pouco mais de 40 anos da primeira campanha de solidariedade mundial lançada neste século em apoio dum povo africano agredido (na Etiópia de 1935) defrontamonos agora com uma situação semelhante nesse mesmo país do estratégico «Corno de África». O lugar dos fascistas italianos foi ocupado por um grupo «multinacional» de imperialistas, feudais, sabotadores «radicais» e nacionalistas «irredentistas». O então Governo de Selassié foi substituido agora por um Governo que procura combativamente sair da encruzilhada.

«O mundo é já tão revolucionário que estes saltos no vazio são possíveis, mas ainda não é tão revolucionário que a sua vitória esteja assegurada. O que decide é a luta. O momento de agora é, pois, de impulsionarmos o impulso, isto é a luta» — com estas palavras conclui praticamente Valdés. Vivó a sua apaixonada defesa do direito dos etíopes à Revolução e do dever dos revolucionários do mundo «de impulsionarem o impulso». Nesta segunda campanha de solidariedade mundial do século XX com a Etiópia não cabe, como em 1935, a bíblica solidariedade «etiopinista» dos adoradores do Ras Tafari. Os homens actuais mergulharam na visão científica do Universo. Do seu profundo realismo na luta pelo progresso nasce o carácter internacionalista da sua solidariedade. ●

ELEIÇÕES NO SENEGAL

Abdoulaye Wade contra Senghor

□ **Pierre Biarnes**

■ **LE MONDE**

DACAR — Pela primeira vez desde 1963 o presidente Senghor, que vai solicitar a 26 de Fevereiro próximo a renovação do seu mandato, não será o único a disputar os sufrágios dos seus concidadãos. Ele terá um adversário, Abdoulaye Wade, secretágio-geral da principal formação da oposição, o Partido Democrático Senegalês (P.D.S.).

Reunido em congresso em Dacar, vinte e quatro horas depois de se ter reunido o Partido Socialista no poder, o PDS decidiu com efeito, no dia 30 de Dezembro, opor o seu dirigente ao presidente da República actual.

O PDS espera conseguir o apoio das formações da oposição de esquerda, que são ilegais, mas que reagrupam militantes numerosos e bastante bem formados.

Entretanto, o PSD parece ter sido sensivelmente reforçado nos últimos tempos devido ao afluxo de antigos militantes do Partido Socialista — dirigentes muitas vezes — aborrecidos por terem sido eliminados das instâncias governativas locais da formação governamental, por altura de recentes escrutíneos internos. Muitos deles vieram proclamar na manhã de 30 de Dezembro, o seu alistamento, por entre os aplausos de mil e quinhentos delegados que, ao som dos tantans escandiam com entusiasmo: «Sopi, sopi, sopi» «Mudança, mudança, mudança!»

Abdoulaye Wada tem cinquenta e um anos. Professor de Ciências Económicas, doutorado em direito, licenciado em letras e titular do certificado de estudos superiores de matemáticas, exerce a profissão de advogado em Dacar. Antigo decano da Faculdade de Direito e de Ciências Económicas de Dacar, é também consultor perito do Banco Africano de Desenvolvimento e da Organização da Unidade Africana.

No plano político, o professor Wade foi secretário-geral da associação dos Estudantes da União Democrática Africana (R.D.A.) em França. Foi membro do colectivo dos advogados que defendeu os militantes nacionalistas durante a guerra da Argélia. Criou o Partido Democrático Senegalês (P.D.S.), principal formação da oposição legal, em Julho de 1974. ●

FIGURAS EM DESTAQUE

GIULIO ANDREOTTI

O governo italiano minoritário de Giulio Andreotti caíu antes de se perfazerem seis meses sobre a conclusão dum acordo entre a Democracia Cristã (única força governamental) e outros seis partidos com assento no Parlamento. Para chegar a este frágil acordo, houve que vencer grandes dificuldades, decorrentes primacialmente do facto de a DC pretender manter o segundo maior partido político do país — PCI — no «ghetto» onde as democracias ocidentais gostariam de manter permanentemente os partidos operários. E, assim, em Julho os comunistas acederam a uma fórmula engenhosa que distinguia entre «acordo sobre o programa» (com participação plena dos comunistas) e autonomia política do gabinete frente aos partidos que o apoiavam (desse modo os comunistas ficavam excluídos da maioria parlamentar).

Contudo, o estratagema cedo mostrou a sua fragilidade. Apesar de toda a boa vontade manifestada pelos partidos de esquerda em solucionar a crise política, sem criar situações de ruptura, a verdade é que o governo minoritário da democracia-cristã se mostrou impotente para resolver a crise económica e para dar resposta à «estratégia da tensão». Os sindicatos, reconhecendo embora que a inflação foi em parte controlada, que a balança de pagamentos melhorou, que a lira se fortalece, mostraram-se inconformados com o nível de desemprego e a falta duma política de expansão económica (isto é, com as consequências das imposições do FMI, o prestamista omnipresente).

Daí que não tenham desistido das suas manifestações de protesto, das suas formas de luta, da sua pressão mais ou menos constante sobre o governo. Poucos dias antes do Natal passaram à grande ofensiva, anunciando uma greve geral para meados deste mês. Mas a federação unitária acabou por suspender essa decisão, dada a queda iminente do governo.

Por outro lado, a violência política tem sido uma constante da vida italiana, unindo num mesmo combate à democracia os neofascistas e aventureiros ou provocadores que se autoproclamam de estar «à esquerda» do PCI. Perante esta ofensiva, o governo Andreotti tentou lançar mão do recurso à repressão, mas as medidas preconizadas foram rejeitadas pela esquerda, receosa das suas consequências antidemocráticas. É evidente que, no clima da violência, há cumplicidades ao mais alto nível do aparelho do Estado e da instituição militar. Um governo exclusivamente composto por democratas-cristãos não tem possibilidades de fazer face à «estratégia da tensão», dadas as cumplicidades que ao longo dos anos do pós-guerra se foram estabelecendo entre o «establishment» e o submundo.

Não surpreende, perante este quadro da situação, que a esquerda italiana reclamasse aquilo que lhe pertence de direito: o exercício do poder. A diferença do peso eleitoral entre a DC e o PCI é mínima. Aritmeticamente, a esquerda tem força parlamentar para exercer o poder. Portanto, tem toda a legitimidade para exigir a sua entrada no governo, tanto mais que a direita não tem possibilidades efectivas de o exercer sem obter o apoio tácito ou expresso da esquerda no parlamento.

Comunistas, socialistas, e (de certo modo, surpreendentemente, republicanos) intensificaram as pressões sobre a democracia cristã no sentido de se constituir um gabinete de emergência nacional, com a participação de todos os partidos signatários do acordo de Julho. Na lógica desta exigência, retiraram o seu apoio ao governo «monocolor» de Andreotti e este viu-se forçado à demissão.

A crise italiana está, aliás, a assumir uma dimensão que ultrapassa em muito as fronteiras do país, alargando-se a toda a Europa Ocidental, devido à descabelada intervenção norte-americana no problema. Depois do encontro do presidente dos EUA em Paris com os dirigentes socialista e radical de esquerda da França, aos quais «recomendou» a não aliança com os comunistas, a Administração norte-americana vai mais longe na sua escalada e torna público uma declaração do Departamento de Estado em que este sentencia que os EUA se opõem à participação de comunistas em governos euro-ocidentais, e, principalmente, dos países membros da NATO. Esta política de cacete que Carter pela primeira vez defende abertamente em relação à Europa Ocidental suscitou, dentro e fora da Itália, um verdadeiro escândalo.

É neste contexto que surge a demissão de Andreotti. Primeiro-ministro desde Julho de 1976, Giulio Andreotti (de 59 anos de idade — feitos exactamente na véspera da queda do seu governo), é uma das personalidades constantes da vida política italiana desde 1974. Em 42 presidia à Associação Universitária Italiana da Acção Católica e em 1944 era membro do Conselho Nacional da DC. Próximo colaborador de De Gasperi, Andreotti, doutorado em leis, iniciou-se muito jovem no jornalismo e foi um dos fundadores do jornal «Il Popolo», na clandestinidade. De Janeiro de 1954 a Dezembro de 1968, Andreotti foi sempre ministro, percorrendo várias pastas dos vários governos chefiados pela DC. Durante quatro anos esteve na presidência do grupo parlamentar do seu partido até ascender ao cargo de primeiro-ministro em Fevereiro de 1972. Entre essa data e Julho do ano seguinte chefia dois gabinetes. Regressa às actividades de ministro até que em Julho de 1976 é novamente chamado a formar governo. ●

NA ONU EM 1980 / ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA SOBRE NOVA ORDEM ECONÓMICA

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE) — A segunda comissão da Assembleia das Nações Unidas aprovou um projecto de recomendação prevendo a convocação de uma sessão extraordinária da assembleia a alto nível, em 1980. Trata-se de avaliar os progressos realizados pelas diversas instâncias da ONU na via da instauração da nova ordem económica e de tomar medidas apropriadas para promover o desenvolvimento e a cooperação, principalmente através da adopção de uma nova estratégia durante os anos 80.

Por outro lado a comissão decidiu criar um comité plenário que se reunirá entre as sessões da assembleia até à sessão extraordinária de 1980. O comité olhará pela aplicação das decisões e acordos relativos à instauração da nova ordem económica, obtida or altura das negociações feitas no seio da ONU. Deverá também servir de tribuna para facilitar e acelerar a solução dos problemas em suspenso.

A criação deste comité foi objecto de longas conversações entre os «77» e os países industrializados. Os «77» estavam interessados na realização desse comité por três razões: 1) para que o diálogo Norte-Sul continue num espaço político e não só em espaços técnicos; 2) Para que todos os países do terceiro mundo e não só alguns deles, como foi o caso Norte-Sul em Paris, possam participar nas negociações; 3) Para que sirva de tribunal de apelação no diálogo Norte-Sul.

Os países industrializados achavam que esse comité seria, de certo modo uma repetição do ECOSOC (Conselho Económico e Social) e não queriam, em todo o caso, que lhe fosse atribuído quando da sua criação, um inventário dos problemas a ser discutidos.

Foi finalmente elaborada uma solução de compromisso o mandato do comité está equilibrado na medida em que servirá sobretudo de mecanismo ara desbloquear as discussões quando estas pareçam sem solução e para ligar à ONU os vários forums onde elas se efectuam. Assim, o comité será um espaço onde se fará o ponto, mas onde não se negociará na realidade, como na ECOSOC.

Os «77» e os países industrializados não puderam, pelo contrário, entender-se para definir **uma estratégia para o desenvolvimento durante os anos 80**. As profundas divergências que os opõem no plano político não puderam ser afastadas. Os países industrializados insistiram na importância do **desenvolvimento qualitativo** e na **boa utilização** do auxílio fornecido aos países em vias de desenvolvimento. Estes últimos responderam que não tinham que adoptar os modelos que os países industrializados querem impor-lhes e que estratégia do desenvolvimento devia principalmente dizer respeito às transformações estruturais das relações económicas internacionais. ●

(Le Monde)

SEMANA INTERNACIONAL

AS INGERÊNCIAS

Aqueles que ainda, inocentemente, acalentavam a ideia de que os Estados Unidos efectivamente haviam posto de parte a política externa do seu ex-secretário de Estado, Henry Kissinger, tiveram nos últimos sete dias motivos suficientes para baixarem a cabeça, entre envergonhados e desiludidos. No curto espaço de uma semana, a administração Carter, a «dos Direitos Humanos», depois do presidente norte-americano ter dito pessoalmente a François Mitterrand, líder socialista francês, que não queria saber de alianças do PSF com o PCF de Marchais, voltou à atacar em força. Primeiro na Itália, depois no Egipto.

Mas, vamos por partes. Na França, a entrevista de Carter com Mitterrand, e as «instruções» dadas pelo louro e sorridente inquilino da Casa Branca, mereceram o repúdio generalizado. Enquanto porta-vozes do PSF diziam que a coisa não era tão grave como se dizia, o PCF, através do seu órgão, «L'Humanité», levantava-se violentamente contra o que foi dito no tal encontro. Jacques Chirac, gaullista ex-primeiro-ministro, disse que estava escandalizado. Todos os jornais, incluíndo o circunspecto «Le Monde», revoltaram-se contra Carter e o próprio presidente Giscard d'Estaing, no final da sua visita à Costa do Marfim, advertia a Casa Branca quanto às ingerências na política interna francesa, dizendo que não reconhecia este direito a ninguém.

Na Itália, onde hoje não há Governo, depois do pedido de demissão do primeiro-ministro Giulio Andreotti, tudo começou há oito dias, quando o embaixador dos EUA em Roma, Richard Gardner, partiu para Washington a chamado da presidência para «consultas». No mesmo dia o seu embarque, o caso já era assunto no Parlamento italiano, onde o secretário da Comissão dos Negócios Estrangeiros, Carlo Francanzani, falava em «ingerências inadmissíveis». Na quinta-feira, tal como era esperado, o Departamento de Estado, através de John Trottner, dizia claramente que os EUA eram formalmente contra a participação de comunistas em Governos de países da Europa Ocidental e que gostariam de ver reduzida a influência em todos estes países, particularmente nos que estão integrados na NATO. Depois desta posição clara, Trottner ainda teve o impudor de dizer que isso não representava qualquer ingerência, ao mesmo tempo em que classificava o PCI, candidato a postos no Governo italiano, de «antidemocrático».

Também na Itália, onde a semana foi marcada por uma onda de violência das maiores que tem conhecido, enquanto os democratas-cristão guardavam um silêncio cúmplice, as forças progressistas, e a Imprensa, de um modo geral, levantaram-se contra «as ordens do patrão», classificando a interferência de Carter na política interna do país de gorsseira, descarada, indecente, nojenta e outros termos menos delicados.

Ontem de manhã, através de jornais árabes, o Mundo era surpreendido pela terceira «incursão» do Departamento de Estado. Desta vez, no Egipto, os Estados Unidos, através de pressões classificadas como «sem precedentes», que obviamente influenciaram na posição do Conselho de Segurança egípcio, impediram, no domingo, a demissão do fracassado presidente Anwar Sadat que, diante do beco sem saída em que entrou nas suas negociações com os sionistas, prefere ir para casa frustrado da derrota e os siolamento a que to se fala na próxima saída de Sadat, que está mesmo por um fio, já são apontados nomes para a sua sucessão, entre os quais o do general Abdel Gamassy, ministro da Defesa e pró-americano.

Com as sondagens em França ainda a dar a vitória à esquerda, com o Governo de Andreotti demitido e a Itália na fase de formação de um novo Gabinete à sombra de um PCI forte e decidido e com um Egipto a parecer uma nau sem timoneiro, o Mundo assiste, novamente, aos Estados Unidos a ditarem ordens e contra-ordens aos países «amigos», nomeadamente aos da Europa Ocidental e membros da NATO, entre os quais Portugal se encontra, curiosamente, em condições semelhantes à italiana: sem Governo e em negociações com os comunistas, negociações estas que, coincidência ou não, depois de estarem bem encaminhadas, agora apresentam sinais de franco e talvez irreversível retrocesso. Sem dúvida, esse regresso da política externa norte-americana aos tristes tempos do «kissingerismo», foram, sem dúvida, o assunto da semana.

PELO MUNDO

O "HOMEM DO ANO"

O semanário francês «Le Point» elegeu o rei espanhol, Juan Carlos, como «homem do ano-1977». Justificação apresentada pelo director da publicação: «Realmente, não há precedentes na história da passagem sem ruptura, sem choque, sem dor, de um regime ditatorial para um regime democrático».

Na capa do referido número de «Le Point», está Juan Carlos, com esta elogiosa legenda: «O homem do ano: Renascimento de uma democracia».

Em anos anteriores, foram escolhidos da «Le Point»: Enrico Berlinger (1976), Alexandre Solzhenitsyn (1975), Henri Kissinger (1974) e Chou En Lai (1973). Com duas excepções, em 1973 e 1976, Juan Carlos está, efectivamente, muito mal acompanhado nessa galeria da «Le Point»...

A QUESTÃO CIPRIOTA DEBATIDA EM ANKARA

A questão cipriota é um dos problemas prioritários da política externa turca. Dois dias depois de novo o primeiro-ministro, o social-democrata Bulent Ecevit, ter tomado posse do seu cargo, encetaram-se em Ankara negociações com vista a solucionar o problema. O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, deslocou-se à Turquia para esse efeito. Na foto: Bulent Ecevit (de pé) saúda Waldheim (sentado) pouco depois da chegada deste à Turquia. (Foto Sipa press)

INSÓLITOS

O presidente americano Jimmy Carter teve alguns pequenos problemas durante a sua recente viagem. Depois de um intérprete que, na Polónia, declararia muito sério, para os polacos ouvirem, que o presidente estava muito feliz por abandonar definitivamente os Estados Unidos, provocando assim a hilariedade geral, na Índia seria incomodado, não por maus intérpretes mas por moscas agressivas. Durante um almoço oficial em Nova Delhi, enquanto falava com o «primeiro» indianò, um especialista em enxotar moscas dedicava-se a essa interessante ocupação, chegando mesmo a matar uma, mais insistente ou anti-americana, apanhando-a e tirando-a de cima da mesa.

Foi baptizada com o nome um tanto difícil de Becklin-Neugebauer, uma nova estrela, 40 vezes maior que o Sol e que tem uma temperatura dez vezes superior a ele. A Becklin-Neugebauer parece ser uma das mais jovens estrelas do universo, com 2.000 anos de idade, o que para uma estrela é a infância. Segundo os astrónomos, a Becklin-Neugebauer ainda se encontra numa das primeiras etapas da sua evolução e emite gases e poeira à velocidade de 96.000 quilómetros por hora. As suas irmãs mais jovens nossas conhecidas têm uma idade entre 50.000 e 100.000 anos. A nova estrela encontra-se situada na nebulosa que rodeia a constelação de Orion, nebulosa essa formada, ao que se crê, de protoestrelas, isto é, estrelas em período de formação. Os astrónomos estão convencidos de que o novo corpo celeste não é uma dessas protoestrelas. As observações da Becklin-Neugebauer foram feitas no Observatório Nacional de Kitt Peak, no Arizona.

NO MUNDO DOS LIVROS

Os livros invadiram o palácio, subiram as escadarias e instalaram-se nas estantes dos salões. Este é o caso da biblioteca pública soviética «Saltikov-Chtchedrine», que possui 28 salas de leitura, secções de manuscritos e livros raros, estampas, jornais e revistas. Na gravura, uma sala de leitura da biblioteca, repleta de um público interessado

SOLIDARIEDADE COM OS POVOS EM LUTA PELA SUA LIBERTAÇÃO

O Comité de Solidariedade da RDA enviou em 1977 contribuições no montante de mais de 200 milhões de marcos a jovens Estados africanos, aos movimentos de Libertação da África Austral (ZAPU, SWAPO e CNA), assim como aos povos do Vietname e do Laos comunicou numa entrevista o presidente do Comité, Kurt Seibt. Trinta e seis navios e 34 aviões especiais transportaram as ofertas aos seu destino.

Sessenta por cento dos donativos provieram dos 8,3 milhões de membros da FDBG, central sindical da RDA. Além disso, os camponeses, as organizações de mulheres e da juventude, e os comerciantes rtesões deram igualmente grandes somas de dinheiro. Graças a esta grande participação, a RDA pôde enviar bens no valor de 75 milhões de marcos para o Vietname e de cerca de 12 milhões para o Laos.

«Organizando semanas de solidariedade, a RDA apoia a luta dos povos africanos, dos povos do Médio Oriente e do povo chileno contra o imperialismo, o neocolonialismo e o racismo», disse Kurt Seibt na mesma entrevista, citada pelo «Panorma DDR».

O presidente do Comité de Solidariedade falou depois no programa daquele organismo ara este ano: «é evidente que vamos apoiar por todos os meios o Ano contra o Apartheid roclamado pela ONU para 1978. Mas a nossa solidariedade irá também para os povos irmãos do Vietname e do Laos, e para todos os jovens Estados que consideram que o futuro do desenvolvimento está na via socialista.

Apoiaremos também a OLP (Organização de Libertação da Palestina) e faremos odos os possíveis para desmascarar os crimes da Junta de Pinochet e ajudar o povo chileno até à sua libertação».

Por fim, o entrevistado salientou que a realização do 6º. Congresso da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos (OSPAA), cujo 6º. Congresso se realizará em Março deste ano em Bagdad contribuirá apreciavelmente para a realização de todos esses objectivos.

Advogados perseguidos

A Comissão Internacional de Juristas anunciou a semana passada a criação de um centro especial para a protecção de advogados que defendem pessoas acusadas de ofensas políticas.

Segundo noticiou a ANOP, a CIJ tem conhecimento de casos frequentes de perseguição, detenção, encarceramento, exílio e, até, assassínio de advogados pela simples razão de terem desempenhado coerentemente os seus deveres profissionais. Por outro lado, em «alguns países vive-se uma situação em que é quase impossível assegurar aos presos políticos os serviços de um advogado de defesa experiente».

O Uruguai e a Argentina foram os exemplos que a CIJ mais destacou entre os países onde os advogados são alvo de perseguições e detenções arbitrárias.

A Comissão Internacional de Juristas é uma organização internacional de advogados independentes, com sede em Genebra.

A MAIOR CARTA DE AMOR

A maior carta de amor de todos os tempos (8,5 metros de comprimento) foi escrita no céu de Jerusalém por um fabricante de modelos reduzidos de aviões, Mitchell Williams. Williams, que queria convencer uma tal Deborah a não o abandonar, serviu-se para tal de um dirigível de 8 metros e meio de comprimento que sobrevoou a cidade com a sua missiva, em que se podia ler «Deborah não partas». Claro que um tal correio amoroso não está propriamente ao alcance de todos.

A «carta» do apaixonado Williams importou em 27.000 libras isrealitas, isto é, cerca de 800 contos. Não sabemos se Deborah se foi ou não embora.

Presidente entre os mineiros

Na sua campanha de aproximação com os «trabalhadores manuais», o presidente da China, Hua Kuo-feng, tem-se deslocado ultimamente a vários pontos do país, de visita a diversos locais de trabalho, onde o presidente compartilha por algum tempo as tarefas dos trabalhadores. Na foto: Hua Kuo-feng, nas minas de Tangshan (Foto Keystone)

EXCLUSIVO
N.º 3/78